

***Livro Negro de Padre Dinis – I***  
(continuação dos *Mistérios de Lisboa*)  
**de Camilo Castelo Branco**

ADVERTÊNCIA

O *Livro Negro* não foi escrito para ser publicado em forma alguma, e muito menos em forma de romance.

O grande homem que rubricara com lágrimas essas páginas, não as escrevia para nós, profanos, que lhas não compreenderemos.

E não. Tais quais ele as deixou aí, são um mito de amarguras, escritas num estilo que não é estilo, numa elevação que nem a gente sabe se é um verdadeiro elevar-se para o céu, se uma desamparada queda no inferno da dor.

A verdade é que não sabemos ainda o idioma das grandes agonias, que parecem exilar o mártir da sociedade dos homens para a ideal convivência de não sei que espíritos, divinizados pelo sofrimento.

Grande coragem foi a desse homem que tantos quadros, coloridos a sangue e lágrimas, deixou de si, como herança aos que desesperam!

Era «homem» porventura padre Dinis?

A quem o pergunto eu?

A minha consciência que se acusa de mesquinha; ao meu entendimento que não concebe a resignação vencendo a dor; ao meu coração, que se não unge dos óleos desse augusto sacerdócio do martírio; ao meu espírito avariado nas tempestades, que não têm podido vencer-lhe o orgulho ingénito, se é que não vai antes aqui uma estudada filosofia!

Era «homem» padre Dinis?

Os homens nascem, sofrem e morrem assim?

Aquele corpo que se apalpava; aquelas faces que se abriam em sulcos ao queimar das lágrimas; aqueles olhos que vieram de longe, procurando um túmulo; aqueles lábios que se erguiam da terra, para beijarem, em cada novo dia, o novo instrumento dum suplício novo sempre; aqueles braços que achegaram para o coração tantos desgraçados; aquele coração que, por não ter já prantos, recebia os prantos de todos os infortúnios alheios... tudo que se viu... aquele, etc., etc... aquele homem porventura era o homem que cai, que se aniquila, que reparte uma fibra por cada verme?

Esta interrogação, feita ao silêncio – este apelo, ansioso a todas as religiões e a todas as filosofias – é um espinho que vai muito dentro no coração do fraco ou do forte, que não pode aliar-se à gélida indiferença com que se vê passar o anjo bendito e o Lúcifer amaldiçoado – o réprobo dos grandes crimes, e o mártir das sobre-humanas virtudes! Não o viram?

Puderam aferi-lo no padrão vulgar desta milícia de sórdidas batalhas de paixões ignóbeis, de sangue desonrado, de palmas ensanguentadas e de túmulos cuspidos?

Acreditaram essa existência?

Muitos há que não.

Pois é a esses que eu peço um culto de admiração e de respeito para esse homem ou fantasma, que deve ter sido o elo que solda a criatura ao último anel da cadeia – ao Criador.

Passou aí. Poucos o viram, menos ainda o compreenderiam, porque o *Livro Negro*

não é uma biografia; é um longo gemido partido na garganta por mãos invisíveis, que se sucedem; por convulsões atormentadoras, que, de hora a hora, vêm lembrar ao desgraçado que a escala dos sofrimentos varia até ao infinito.

O seu livro, portanto, seria ininteligível.

– Quem diz isto? – perguntariam muitos.

O que diz isto!

E um homem despedaçado. Reuni-me todas essas lágrimas; com todas estas fibras, fiz-me o milagre de um coração: pedi a Deus um sopro de vida para este coração, que eu vejo aqui, desfiado a golpes de instante a instante...

E, depois, poderei dizer-vos o que é este livro, vedado a todos os que não viram, no cenáculo dos mártires, descer a réstia luminosa da santificação.

E quem são os que têm uma vida bem escura, um doer bem íntimo, um desterro bem abundante de suplícios?

Há porventura um? Pertence a esse decifrar o enigma de cada linha.

Será esse o que, recolhido em si, como em consulta com a inspiração, será esse o que possa dizer:

– Nestas linhas, vi tudo o que estava no coração do homem. Aqui vão uns vestígios... Segui o mártir... e parei com ele ao pé do túmulo!

Mas esse tal há-de ter sido desgraçado como o filho de Silvina.

Há-de ter sido criminoso como o duque de Cliton.

Há-de ter sido homem como Sebastião de Melo.

Há-de ter sido anjo como Dinis Ramalho e Sousa.

E onde está ele?

Quem abriu os sete selos do Apocalipse?

Quem fala com os mortos para arrancar-lhes o segredo desses confusos hinos, que outra coisa não são as exclamações do penitente?

Eu não, que me arrasto, desprezível grama, bem ao raso das paixões terrenas.

Eu não, que profanaria o Salmo, se o fizesse entrar nos destoados sons do terreno alaúde em que tenho celebrizado paixões apoucadas, à feição de estímulos: uns ridículos, outros miseráveis.

Aí tendes.

Não pude, porque não devia reproduzir-vos lealmente o livro.

Dou-vos apenas as notas: comentei-as, porque são fugitivas.

Decifrei-as, porque o filho da condessa de Santa Bárbara, durante as suas viagens, exumou do esquecimento revelações que padre Dinis julgou levar consigo ao túmulo.

Enganou-se! Seria homem?...

Quereis um romance; não quereis uma elegia.

E preciso dar-vos um romance; uma biografia, uma história em capítulos; um enredo interessante de peripécias. E tendes razão.

Se me dessem tal qual é, tal qual o encontrei o *Livro Negro de Padre Dinis*, lançá-lo-ia de mim com o desalento do avaro que abrisse um livro em que lhe são indicados mil tesouros escondidos, mas numa linguagem que ele não compreende, nem quer que os inteligentes lhe traduzam com medo que o atraíçoem.

Eu seria, pois, como o avaro, porque sou realmente avaro desses tesouros de lágrimas que se escondem no coração dos outros. Não me faltam das minhas, sou muito rico de pesares; mas queria adivinhar os estranhos.

E vós?...

Deus vos livre disso!

Lede como quem se recreia. Para isso comprais este livro.

## I

Em 1780, no palácio do enviado extraordinário a Roma, por alta noite, entrava uma mulher com uma criancinha ao colo.

Aproximou-se, com ela, do leito dum agonizante, e a criancinha, de dois anos, estendeu os braços a receber a mão, quase cadáver, do enfermo, que já mal a via.

O agonizante era o representante de Portugal na cúria romana.

A criancinha era o filho da condessa de Viso, e de D. Álvaro de Albuquerque.

A mulher, que tremia com ela nos braços na presença do pavoroso quadro duma agonia, a veneziana que acompanhara Albuquerque a Roma.

Nesta câmara, lugubrememente alumada, estava um moço de trinta anos, quando muito; braços cruzados, olhos ardentes, faces pálidas, vestido à corte de D. João V, como quem saíra do sarau dum banqueiro opulento da Itália, para entrar no quarto sombrio dum moribundo.

Era o marquês de Luso, meses antes chegado a Roma, com poderes novos de D. Maria I, para negociações secretas com Sua Santidade.

E o certo é que, meia hora antes, o cortesão de casaca recamada de oiro, e o enfermo que se estorcia no lençol ensopado de suor, um e outro, folgados e alegres, tinham chegado dum opulento festim, galhofando como rapazes que não cediam a nenhuns em gentileza, acerca de conquistas principiadas para o que viera de Portugal depois, e conquistas desprezadas para o que viera antes.

E bem podiam, porque mais duma sobrinha de cardeal, muito parecida com o tio, se lhes afiguravam legítimas representantes das Délias, das Lésbias e das Messalinas.

Boas e conscienciosas eram as suas risadas, quando Paulo de Albuquerque sentiu uma revolução repentina dentro de si.

Levou a mão ao peito, e disse:

– Tenho aqui uma lavareda!

Comprimiu com ambas as mãos a cintura, e estorceu-se, como mordido nos intestinos por uma víbora.

Rasgou desesperadamente os doirados alamares da casaca, arrancou as fivelas dos calções, e lançou-se de bruços sobre o leito, pedindo a altos gritos um qualquer remédio, que o salvasse das mortais aflições que sentia dilacerarem-no por dentro.

O marquês de Luso saíra aterrado. Voltou com um médico, homem de poucas palavras e de inteligência penetrante para conhecer, ao menos, que não podia dar vida àqueles que a morte lhe tomava, sem consultá-lo.

– Morre, indispensavelmente.

Foram as suas únicas palavras.

– Que morte é esta? – perguntou o marques.

– E a morte do envenenado – respondeu tranquilamente o doutor.

– Retire-se – disse o agonizante.

O médico teve a prudência de não disputar a presa às garras do túmulo, e saiu, lamentando a mesquinhez da ciência ou a onnipotência da morte.

Paulo de Albuquerque apertou a mão do marquês, e disse com a voz cortada por atormentados ímpetos de dor:

– Quatro portas adiante da minha, mora uma mulher, que se chama Luísa. Vai lá, e já. Diz-lhe que venha aqui... e que traga consigo a criança...

– A criança!... – murmurou o marquês, e saiu.

Voltando, encontrou o envenenado num espasmo, que se lhe afigurou uma crise salvadora.

A um aceno, aproximou-se ao leito.

- Morro envenenado pelo cardeal Pozzebonelli...
- Quando foste envenenado?
- Faz hoje vinte dias... num jantar... Era um rival perigoso...
- Tens a certeza?!
- Tenho...
- Eu te vingarei!
- Não quero... A vingança antecipei-a eu.
- «Esse homem deve morrer amanhã, porque foi envenenado hoje... por mim.
- Por ti!
- Sim... por mim... O demónio ludibriou-nos a ambos... não falemos mais nisto, que me fogue a luz... Vem ai essa mulher, com um menino...
- É teu filho?
- Não...
- Pois de quem?
- É segredo que vai comigo... Não te importe saber de quem... Entrego-to, e com ele um cofre, guardado ali naquele caixão, e dentro cem mil cruzados em ouro, com algumas jóias. E tudo dele... Educa-o... Se te aparecer um homem dizendo-te que esse menino é seu filho, hás-de pedir-lhe um sinal. Se ele to der...
- Qual?
- Pergunta-lhe que legenda se lê na lâmina dum punhal que lá está no cofre; se ele ta disser...
- Entrego-lhe o menino?
- Sim; e, se não te aparecer tal homem, educa-o e dá-lhe o seu património aos vinte e cinco anos... Neste momento, entrou a ama.
- Paulo de Albuquerque, como vimos, quis receber a criança nos braços, e não podia.
- Nos lábios inocentinhos do anjo, um sorriso de festa, um cândido júbilo!
- Nos lábios denegridos do moribundo, uma contorção de desespero, um traço negro de sangue!
- O marquês, absorto na contemplação deste lance, tinha duas lágrimas na face.
- Albuquerque estendeu-lhe os braços, como pedindo-lhe que afastasse dali a criancinha.
- O marquês tomou-a dos braços da ama, que chorava.
- Porque ma tiram? – perguntou ela.
- Responderam-lhe os vagidos do menino, que lhe estendia os trémulos braços.
- O marquês voltou, minutos depois.
- Encontrou um cadáver no leito; e, aos pés do leito, uma mulher desmaiada.
- .....
- .....
- No dia seguinte dobravam os sinos por alma de Albuquerque. Os representantes de todas as nações aglomeravam-se nos salões do palácio do embaixador.
- Dizia-se aí que Paulo morrera envenenado. Atribuía-se o caso infausto a ciúmes de uma sobrinha do cardeal Pozzebonelli; mas o boato dizia-se ao ouvido, porque o cardeal estava presente.
- Quando levantavam o cadáver os quatro plenipotenciários mais distintos, ouviu-se uma pergunta do príncipe da Igreja que viera espargir-lhe água benta:
- Não era mais natural que lhe viessem quatro damas fazer as últimas honras?
- A este sarcasmo, que o envenenador não pudera sopesar nas más entranhas, respondeu o marquês de Luso:
- Recomendaremos às damas que venham fazer as honras do vosso saimento,

senhor cardeal.

Sua Eminência sorriu-se, mas empalideceu. Quis replicar à resposta, mas o marquês, importuno, virara-lhe as costas. Procurou-o entre o cortejo, e não o viu. Suficientemente cínico, resolveu passar uma noite regalada.

E, para não dar brecha ao remorso, nem acompanhou o esquife, nem concedeu ao espírito repousar-se da febre em que o tinha abrasado pelo contentamento de se ver tão bem servido pelo seu veneno.

Recolheu-se à cela das suas mortificações, e mandou-se servir dalguns copos de velhíssimo siracusa.

A que o servia era uma gentil siciliana, de olhos negros, e cabelos soltos, à maneira das lúbricas estampas que decoravam as paredes adamascadas do quarto.

E conseguiu o que queria. A bebida exacerbava-lhe a febre. A embriaguez do sangue viera ajuntar-se a embriaguez do vinho.

– Canta-me versos do Petrarca, minha gentil Laura! exclamou ele.

E a napolitana cantou. Ria-se, num rir de doido, o cardeal. Em gratidão, cingiu-a pela cintura, e imprimiu-lhe na face um beijo de impuro fogo, mas do puro aroma do odorífero siracusa.

Esta cena foi cortada por um grito. Da siciliana não que essa, toda alegria, como valida duma hora, revia-se ditosa nas faces incendidas do trémulo cardeal.

O grito era dele, e esse grito viera-lhe como do coração, rasgado a ferro.

E outro grito, depois.

E, depois, o colear das contorções, os arrepios interiores do veneno, o despedaçar-se rápido duma organização robusta.

A espavorida moça, dez minutos passados, sentiu que aquele corpo, estrebuchando entre seus braços, paralisara de improviso.

Não podia com ele: deixou-o resvalar...

Quis erguê-lo e não pôde. Pediu socorro...

Acudiram os venerandos sacerdotes, que comungavam nas sopas do cardeal.

E o mais é que nenhum chorou, quando um deles, deixando pender funeralmente as belfas, regougou em diapasão de profunda mágoa:

– Sua Eminência... morreu!

– Envenenado! – acrescentou o médico, neste momento introduzido no quarto.

– Estamos no tempo de Locusta! – murmurou O chantre da real capela.

– Falta-nos uma legislação como a de Lúcio Cornélio Sila – acrescentou um jesuíta francês, que lamentava a morte do cardeal Pozzebonelli, porque tivera nele, por trinta mil libras! um encarniçado inimigo contra os jansenistas.

## II

O marquês de Luso horrorizou-se, e não lho levamos em conta de cobardia. Roma, a cidade de Cristo, afigurou-se-lhe a prostituta dos imperadores pagãos. Requereu imediatamente a sua transferência, e concederam-lha para França.

O filho de pais incógnitos fora-lhe entregue sem nome. Precisava dar-lhe um nome e um apelido.

O dia em que saíra de Roma, era o de S. Sebastião. Foi este o segundo baptismo da criança.

Entregou-o aos carinhos duma romana, que o seguiu. Não era sobrinha de cardeal; mas fora arrancada pelo português às vigilâncias de muitos cardeais, que não tiveram tempo de propinar-lhe o sublimado corrosivo.

Em Paris, o seu zelo com Sebastiãozinho era extremoso. A romana amava-o como filho, e o marquês não o amaria mais se fosse pai.

Mas as afeições domésticas não bastavam ao coração do amigo íntimo de Paulo de Albuquerque.

Paris de Luís XVI era um misto da mais fina corrupção de Luís XV, e da mais hipócrita devoção do grande rei.

O marquês era rapaz de trinta anos, e as tentativas difíceis eram aí menos perigosas do que em Roma; porque não se arriscava a vida contra o azar dos venenos, contra os ciúmes homicidas dos cardeais.

O embaixador lançou-se no mundo. Sobejava-lhe ouro, gentileza e inteligência.

Subiu gradualmente de triunfo em triunfo, até altear-se à rainha, à fada, à divindade dos salões, dos poetas e dos banqueiros.

A fortuna caprichara em atirá-lo para diante das suas ambições.

Atrás dele, ficava uma desgraçada mulher que chorava sempre. Era a Laura, anjo de formosura e inocência, que ele roubara do regaço de uma mãe moribunda.

Avante, nobre sedutor!

Namorar Susana de Montfort, neta do célebre cruzado Simão de Montfort, intitulado o *Macabeu* do século XIII, parenta próxima dos velhos duques de Bretanha, e, por isso enturpecida nas veias de sangue real, era já de si sonhada glória para o orgulho dum simples encarregado de negócios duma nação pequena.

Mas... ainda mais!

Ouvir-lhe dos lábios uma calorosa expansão de amor e uma proposta de casamento, não impedido por seu pai, nem estranhado pelos numerosos tios e tias que rodeavam o trono... era isto felicidade para endoidecer um simples mortal, que não tivesse a presença de espírito do marquês de Luso.

Não convinha deixar arrefecer o entusiasmo. O amor e a conveniência davam-se as mãos, com rara fraternidade. A filha de Raimundo de Montfort, camarista do rei, esposou o marquês, calcando assim muitos orgulhos, zombando de muitos ciúmes, e chamando sobre seu marido muitas cóleras que desprezavam ambos.

O mais feroso dos seus amantes era Honoré-Gabriel Riquetti, conde de Mirabeau.

Divorciado de sua mulher, reputava-se bastante puro para fascinar o coração duma virgem.

Este homem, aos trinta e três anos, morrera para a honra, para o entusiasmo nobre, e para o culto de todos os exemplos sublimes.

A corrupção celebrizava-o. Fugira de Nevers, sua pátria, porque fora ali o primeiro palco onde estrear o drama escandaloso das suas pervertidas propensões.

Em busca de vítimas, estabeleceu-se em Paris, mas a fama viera adiante dele.

Dias depois que, a título de nobre, e nobre antigo de Florença, foi recebido na alta sociedade de Paris, cometeu um rapto e adultério.

Perseguido, foi preso em Vincennes, e aumentou a sua popularidade, saindo dos ferros para provar que a solidão do cárcere lhe ensinara sistemas de corrupção mais prontos e menos perigosos.

Todavia, para Susana de Montfort fora impotente a sua astúcia. Ferido no seu amor-próprio, trouxe surdamente o fel do ciúme, logo que o marquês de Luso apareceu nos salões de Paris, e aniquilou todas as esperanças de tantos nomes ilustres que porfiavam um sorriso de Susana.

Mas o coração de Mirabeau não digeriu o fel.

Mordeu os lábios, que escorreram sangue: este sangue porém devia salpicar a face de quem quer que fosse.

Na antevéspera das núpcias, o conde obteve uma audiência secreta de Luís XVI.

Era um arrojo inaudito, mas cometeu-o!

Era o derradeiro esforço que devia gerar num momento o mestre de Marat, Danton e Robespierre, nove anos depois.

O que ele pediu ao rei foi um golpe decisivo entre o marquês de Luso e Susana de Montfort.

O neto de S. Luís sorriu-se. Mirabeau sorriu-se também. Era a tumultuosa expressão do inferno que lhe tumultuava dentro.

– Fazei-vos homem honrado – disse o monarca.

– Sustentai-vos rei inviolável – respondeu o conde.

Luís XVI não o compreendeu.

No dia seguinte, partiu para Londres.

Ai foi outro homem. A aspiração da vingança dera-lhe a máscara da honra.

Apareceram escritos seus em política.

Aplaudiram-nos, e ninguém viu neles o gérmen do tribuno.

O ministro Calonne, em 1787, seis anos depois que abandonara Paris, encarregara-o duma missão secreta na Prússia. Mirabeau tinha na imaginação o ruído do trono da França a baquear, quando escrevia a *Monarquia Prussiana*. As *Cartas a Sofia*, pseudónimo da marquesa Monnier, sua abandonada amante, eram o ruído da imoralidade que se expurgava em fezes de bonito estilo, para dar campo a outra que devia frutificar mais tarde.

Entretanto, o marquês de Luso esquecera o rival terrível: era feliz. A marquesa, incapaz de reservar rancor, não compreendia o adiamento duma vingança; nem em sonhos se inquietava com a imagem do amante desprezado.

Sebastião ficara em poder de Laura, seduzida pelo marquês, e tão depressa precipitada das suas ilusões de alguns meses.

Presa à criança pelo amor, não podia odiar o homem que lha confiava. Lágrimas para si, lágrimas para o inocentinho, que lhas bebia em beijos sôfregos, era essa a vida da generosa mártir, que recebia mensalmente, em muito segredo, umas tantas libras do marquês.

E chegou a convencer-se de que não era infeliz; mas foi um engano.

Sentira entrar-lhe a morte no coração; mas não a ouvira limar, fibra a fibra, os vínculos da vida.

Quando se apercebeu de que o ar lhe passava no pulmão como um hálito de fogo, transgrediu o preceito do silêncio, e chamou o marquês com quem não falara durante dois anos.

– Creio que não viverei muitos dias – lhe disse ela com a placidez duma nobre dignidade. – Não o chamei para fazer-lhe acusações. Não se impaciente, senhor mar-

quês. Seria inútil, a esta hora, lembrar-lhe que deixei minha velha mãe para segui-lo. Se há crime, como realmente o há, é meu... só meu. Deus me perdoará, que é bom... Não se impaciente... outra vez lhe peço... Não foi para isto que o chamei... não foi. Quero entregar-lhe um tesouro com que Vossa Excelência me recompensou de todas as amarguras... É este menino...

E tomando-o nos braços para oferecer-lho, rebentaram-lhe as lágrimas, e não pôde falar; porque os soluços lhe cortavam as palavras.

– Não hás-de morrer... – atalhou o marquês com certo ar de piedade contrafeita.

– Não hei-de morrer? Deus queira que não... Este menino perde sua mãe, se eu lhe falto... Quem lhe fica no mundo? O senhor marquês é um homem... Não lhe sobram minutos da sua vida de regalos e de tumultos. E preciso sofrer para acarinhar um órfão... Só a mulher desgraçada sabe ensinar uma criança que não é sua a chamar-lhe mãe. Quem quererá dar-lhe tal nome?... Não sei!...

O marquês comoveu-se, e tomou a mão ardente da infeliz Laura. Retirou-lha com dignidade, para levar aos lábios o lenço borrifado de sangue que lhe espirrava dos frouxos de tosse incessante.

– Deixe-me falar-lhe dum modo que eu nunca supus possível... Veja quanto isto me custará... Sua esposa é sua amiga?

– Que pergunta!...

– É uma pergunta louca?... Será; mas não lhe merece esse sorriso de zombaria...

– Eu não zombo da pergunta...

– Pois, bem haja, senhor marquês... E sua amiga... decerto... Deve sê-lo... O homem por quem me perdi, deve ser amado de todas as mulheres... Pois então parece-lhe que ela será também amiga desta criancinha?

– Seria... mas eu não lha entrego...

– Porquê? Envergonha-se duma acção que lhe faz tanta honra?

– Não quero suspeitas...

– Suspeitas... de quê?... Perdoe-me... Eu tenho-me excedido... Abusei da sua bondade em ouvir a pobre Laura... Mas que há-de fazer-se deste menino?!

– Confiá-lo-ei sempre, como até aqui, aos teus cuidados.

– Aos meus?... Ainda é meu amigo... Deus lhe dê tanta felicidade em todos os instantes da sua vida, como eu a sinto neste momento... Mas... se eu morro!... Não acredita que a minha vida está no fim?

– A minha presença há-de restituir-te a saúde...

– Já não... Há quinze dias... pareceu-me que sim... Agora não queira enganar-me, porque, perto da sepultura, os olhos do moribundo alcançam tudo... Vossa Excelência pensava que uma mulher da plebe não morre de saudade, de remorso e de vergonha?... Enganou-se... Se visse como era nobre o meu coração... tinha pena de mim... ou, ao menos, honrava-me com duas palavras... Porque me não disse: «Vou casar-me»? Nem uma palavra!... Não se trata assim uma mulher que deixa a desonra no regaço duma velha mãe, para vir longe dela... morrer!... Foi um procedimento indigno de si... Se me não amava, fosse-me, sequer, reconhecido, pelo muito que eu quis a este menino, que lhe foi confiado por um amigo à hora da morte.

– Laura!...

– Bem sei que o mortifico... perdoe-me...

– Não me queixo.

– Tem compaixão de mim!... Já não alcancei pouco com as minhas lágrimas...

Mas este menino?... A quem deixarei esta criança?... Meu filho, queres morrer comigo?

– Sim – respondeu Sebastião.

– Sim! não queres outra mãe?



– Não... a minha mãe é esta – balbuciava o filho de Silvina, afagando as faces de Laura.

– Mas aquele senhor há-de dar-te uma outra mãe.

– Não conheço aquele senhor... Quero antes morrer consigo... Vamos ver os anjinhos...

Laura, banhada em lágrimas, apertou ao peito Sebastião. O marquês deu-lhe um beijo, e, retirando os lábios, encontrou de propósito a face de Laura. A desgraçada orgulhosa afastou-se com arremesso.

O marquês, ante a sua própria consciência, vexou-se, e com dificuldade reprimiu um insulto, que viria usurariamente desferrá-lo da afronta.

Saiu.

Laura, com o menino nos braços, ajoelhava à imagem da Santa Maria dos Anjos, pedindo-lhe uma inspiração que a encaminhasse no que devia fazer a bem daquela criança.

De súbito, é acometida por um pensamento que lhe fez subir à face todo o sangue agitado por um prazer estranho.

Sentiu passos atrás de si.

Era o marquês que voltava.

– Esqueceu-me dizer-te, Laura, que vou amanhã para Portugal. Meu pai está muito doente e quer despedir-se de mim... Na minha volta, que será breve, falaremos muito de ti e da nossa criancinha...

– Vai só? – perguntou ela com sobressalto.

– Vou só!... Porquê?

– Por nada...

– Espero encontrar-te convescida.

– Morta...

– Não... não hás-de morrer, porque te hei-de restituir todo o amor que te tirei...

– Perdoo-lhe a dívida... não a quero...

– Hás-de desculpar-me quando eu te contar a minha vida...

– A minha campa lha ouvirá... Sabe o que eu padeço agora? É a dor dum adeus eterno... Olho para si, e vejo o homem que nunca mais verei... Oh santo Deus! que poder é o vosso, que pudeste criar estes momentos de aflição!...

Laura, articulando alguns sons ininteligíveis, desmaiou.

Voltando a si, encontrou-se nos braços duma criada, e viu ao pé de si, ajoelhando e chorando, a criança de quatro anos.

O marquês, para não gastar-se numa dor indigna dos seus altos destinos, retirava, lembrando-se desta passagem das cartas de Mirabeau a Sofia:

«Estas pobres filhas do povo sabem representar cenas que não parecem suas.

Têm umas lágrimas que nos deixam em dúvida: se o verdadeiro amor está nas águas-furtadas, ou nos primeiros andares.»

## III

Dois dias depois, anunciaram à marquesa de Luso uma pálida senhora, que falava uma mistura de italiano e francês, e trazia consigo um Lindo menino.

A marquesa, na ausência de seu marido, só recebia senhoras, e mandou entrar para a sua antecâmara a visita anunciada.

Na hipótese de que seria alguma viúva de militar, morto na guerra dos Americanos contra a Inglaterra, proveu-se dalgumas moedas de prata, e entrou na antecâmara com o entono protector de uma legitima neta de D. João III, duque de Bretanha.

Laura, ao vê-la, não pôde esconder a comoção. Achou-a mais bela do que supunha; mais formosa que ela; e, não sabemos por que capricho de vaidade, sofreu e corou.

Susana traduziu neste corar a vergonha duma viúva que, pela primeira vez, pede uma esmola.

Quis portanto ser generosa, antecipando o remate da história, cuja narrativa custaria à envergonhada viúva muitas penas.

– Vem naturalmente – disse ela – solicitar-me alguns recursos...

– Não, minha senhora; não venho pedir esmola...

– Se viesse, encontraria em mim...

– Uma alma generosa... acredito que sim; mas... outras mais necessitadas, virão acolher-se à caridade de Vossa Excelência...

– Vejo que sofre muito... Cansa-se a falar... Descanse... Vejo que não é francesa.

– Sou italiana.

– Italiana! – disse, com sobressalto, a marquesa, fixando, pela primeira vez, os olhos nos olhos negros do menino. – E seu esse menino?

– Não, senhora marquesa... Não e meu...

– E muito lindo! É francês?

– Não, minha senhora: É italiano ou português... Creio eu que é...

– Pois não tem a certeza? Acho bastante misteriosa a dúvida! Ora diga-me...

A marquesa conteve a pergunta.

– Queira dizer, minha senhora... Ia perguntar-me...

– Se conhecia meu marido.

– Conheço o senhor marquês.

– Conhece?... Parece que já decifrei o enigma...

– Não decifrou, minha senhora.

– Esse menino é filho de meu marido...

– Não é, senhora marquesa.

– Tem a bondade de explicar-se, e não receie magoar-me com qualquer revelação, porque esse menino deve ter quatro anos, e eu estou casada há dois... Já vê que não tenho direito algum de pedir a meu marido contas do seu passado...

– Nem do seu presente... Eu vou dizer-lhe ao que vim, senhora marquesa. Há dois anos que seu marido era embaixador em Roma...

– Sei isso.

– Um amigo do senhor marquês, à hora da morte, entregou-lhe este menino.

– Que é filho desse amigo de meu marido?

– Não é filho dele...

– Pois de quem?

– E um segredo para seu marido... O único, talvez, que pudesse, a esta hora, responder a Vossa Excelência, morreu... era o amigo do senhor marquês...

- E a senhora que parte tem neste enredo?
  - Tenho sido a ama deste menino.
  - Por consentimento do marquês?
  - Decerto, minha senhora.
  - Porque mo não tem ele dito?
  - Talvez por não causar suspeitas a Vossa Excelência.
  - E acha que estou livre delas?
  - Deve estar...
  - Quem me afirma o contrário do que eu penso?
  - Uma mulher que brevemente irá dar contas a Deus duma falsidade, se ela a empregar com Vossa Excelência.
  - Queira falar...
  - Eu vou sair deste mundo... e preciso confiar esta criança a alguém... É uma herança sem ónus pesado... Não o deixarei como um órfão desvalido, porque o senhor marquês é o depositário do património deste menino.
  - Do património!... Pois será esse património um cofre que meu marido não abriu nunca, e que lhe há-de ser pedido, passados vinte anos?
  - Deve ser.
  - Porque mo não disse ele!?
- Susana tomou no colo Sebastião, e deu-lhe um beijo. Os olhos de Laura irradiaram toda a alegria do seu bom coração.
- O beijo de Susana, no entender de Laura, era a promessa duma amiga à criancinha, derradeira afeição, e, entre todas, a mais santa que se enraizara na vida, toda amor, da pobre seduzida.
- E esta afeição, como ela disse, indemnizava-a da mentira de todas as outras.
- O filho de Silvina não lhe era ingrato.
- Feliz, cheia de vida, e talvez de esperança, quisera ler, nos lábios do menino, o seu futuro, como se à desventurada filha do povo, serva adscrita ao gozo dum grande, fosse permitido ler um futuro no sorriso da inocência.
- Moribunda, as únicas lágrimas que viu, em consolação às suas, foram as dele. Foi ele a sua companhia de dois anos, o seu mudo confidente de todos os instantes.
- Sebastião entrara na vida consolando infortúnios, como padre Dinis entrara no túmulo enxugando prantos. O fim da vida fora-lhe profetizado no berço.
- Porque mo não disse ele! – repetiu Susana. – Meu marido sabe que eu me dou de todo o meu coração às suas vontades. Não o contrariei nunca em actos suspeitos e dolorosos para a ternura com que o estremeço; como poderia eu impedir-lhe o gozo de ser o pai deste órfão, e honrado amigo desse outro que lhe deixou esta criança?! Parece que há uma forte razão para que se me ocultasse uma coisa tão simples... A senhora talvez a saiba...
  - Não a sei...
  - A sua idade, a sua formosura, a sua pátria, a confiança que tem merecido ao marquês... tudo isto não se explica com tanta facilidade e tanta inocência como a senhora quer que eu entenda...
  - Mas é que eu não venho dar explicações de mim, senhora marquesa... A história que vim contar é a deste menino...
  - Pois creia que as minhas perguntas não merecem o azedume com que me responde... Eu queria ser-lhe útil...
  - A mim?!
  - Sim.
  - Estou no caso de não precisar de ninguém... Perto da sepultura, a independência

é perfeita e natural. Não tenho já sensibilidade para sentir privações, nem para gozar a abundância. A indigência e o ouro são-me cousas indiferentes...

– Se soubesse quanto me está interessando!... Ou o seu nascimento é ilustre, ou a sua educação foi muito distinta.

– Nem uma nem outra cousa. Nasci do povo, e eduquei-me com o povo... Não sou ninguém... Até me envergonho de tratar de mim, rasteiro verme, na presença de Vossa Excelência... O menino... o menino... falemos dele...

– Pois sim, falemos do menino... Como se chama ele?

– Sebastião...

– Sebastião?... É mais bonito que o nome... Se se chamasse Leopoldo... E o nome de meu marido e tão lindo!... Porque não há-de este menino chamar-se Leopoldo?! Não acha tão brando, tão doce este nome?

Laura respondeu, empalidecendo:

– É muito... Pode mudar-lhe o nome, minha senhora; mas consinta que eu lhe chame Sebastião enquanto tiver voz... Pouco tempo será... Cá lhe fica, se Vossa Excelência mo receber; então, dê-lhe o nome que quiser, senhora marquesa.

– Pois vem entregar-mo?!

– Ainda não... Quando me sentir sem forças para o apertar ao coração... quando os meus olhos o não virem...

– Pois assim se julga doente?! Onde vive? Tem família?

– Não tenho família... Será então que Vossa Excelência receberá o depósito sagrado de seu marido...

– Que pena ter ele partido ontem para Portugal!... Talvez, estando ele aqui, a senhora não recusasse o oferecimento que eu lhe faria da nossa casa...

– Não o aceitaria, senhora marquesa... Consegui tudo o que desejava... Agora beijo-lhe as mãos pela benevolência com que recebeu as lágrimas duma estrangeira sem nome, nem recomendação para ser tão caridosamente acolhida... Sebastiãozinho, beije as mãos desta senhora, que há-de ser a sua verdadeira mãe... Agora posso morrer...

Laura soluçava, e Susana sentou nos joelhos a linda criança de cabelos louros e face angélica, sorrindo-lhe aos carinhos, se bem que não desenlaçava o braço do pescoço de Laura.

– Há-de vir aqui com este menino todos os dias? – perguntou afectuosamente a marquesa.

– Eu vivo longe, e as forças, que me vão faltando, não são já para caminhadas tamanhas.

– Mandar-lhe-ei a minha carruagem.

– Não mande, senhora marquesa. Eu não valho tanto; e, aos meus próprios olhos, cada vez sou menos...

– Porque me diz só meias-palavras?! Queira fazer-me sua amiga...

– Não tenho a ridícula vaidade de aceitar uma amizade que devia envergonhá-la, minha senhora.

– Envergonhar-me?! de quê?

– Tristes explicações!... Não as queira!... É muito o que eu tenho dito... mas a sua bondade faz a gente atrevida... Agora, agradeço a Deus a ocasião de conhecer a marquesa de Luso... Parece-me que a adivinhei, porque nunca lhe tive ódio...

– Ódio!... e porquê?... Eu é que não me enganei... O seu silêncio confirma todas as minhas suspeitas...

– Suspeitas!...

– Sim... este menino é seu filho?...

– Não, minha senhora...

– Não seja falsa sem precisão... Olhe que a não censuro nem aborreço... Sou capaz de estimá-la... de protegê-la.

– Da estima... não sou indigna... Protecção, não a preciso... A respeito deste menino, aquele crucifixo é testemunha de que lhe disse a verdade...

– E a seu respeito?

– Fui...

– Diga... foi amante de Leopoldo.

– Abandonada no momento em que a honra de marido lhe impôs o fácil sacrifício de abandonar-me.

Susana descorou; mas o seu olhar não era odiento, e a mão que brandamente estendeu a Laura cumpria o estímulo duma grande alma.

A romana não lhe vira os olhos, nem respondera com a sua à mão que se lhe oferecia. Escondera o rosto no lenço, ensopado em lágrimas.

Ergueu-se impetuosamente. E, sem erguer os olhos do chão, fez à marquesa uma humilde cortesia.

– Não se retire... Veja que me não desminto... Aumentou o interesse com que a ouvi...

– Tenho muito que agradecer à Providência... senhora marquesa!

Laura saiu da antecâmara. Susana acompanhou-a, balbuciando monossílabos, enquanto atravessaram um longo salão. Uma desceu a escadaria, encostando-se às balaustradas, porque o pranto lhe enturvava os olhos. A outra entrou no seu quarto, vibrou com força uma campainha, e ordenou a um pequeno laçaió que seguisse uma senhora de véu preto, com uma criancinha, vestida de xadrez escuro e um boné de veludo com pluma negra.

Depois principiou uma carta para o marquês de Luso.

## IV

Laura, entrando no pátio da sua casa, na Rua do Sentier, viu um homem de má catadura, que a fixava com a penetração de quem se afirma nos sinais duma pessoa que busca.

- Tenho a honra de falar à *signora* Laura? – perguntou ele.
- Sou eu.
- Concede-me a licença duma entrevista de algumas horas?
- É italiano?
- Sou.
- Romano?
- Napolitano.
- Queira subir.

Laura, enquanto o seu hóspede na sala de espera, por entre as cortinas de damasco vermelho, trocava sinais de inteligência com um cavalheiro encostado às colunatas dum portão fronteiro, entrou na sua câmara, despregou o véu, entregou o menino à criada valida, e reflectiu ligeiramente na imprevista missão do napolitano.

– Se fosse de Roma, viria dizer-me que minha pobre mãe morreu de saudade... De Nápoles, que pode ser? Minha mãe, quando eu era criança, recebia cartas de Nápoles; mas essas cartas, apenas lidas, eram queimadas... Se é uma nova dor para esquecer as dores antigas, Deus me dê coragem para recebê-la...

E entrou na sala.

– Queira dizer-me o fim com que me procura.

– Em poucas palavras?... Parece-me que é o que por delicadeza me não disse...

Pois sim, eu serei breve... Laura é filha de Peppa Marcella?

– Sou... Minha mãe e viva?

– Morreu há dois meses.

– Morreu!... Jesus!...

Laura levantou as mãos ao céu, fez-se branca de mármore, tremeu toda ela numa convulsão e, dobrando-se em joelhos para orar, caiu nos braços do italiano, que a transportou a cadeira.

O hóspede, que neste lance mantivera a sua cor natural e a tomara nos braços com a insensível frieza de quem muda uma cadeira dum lado para outro, chegou à janela e fez um aceno afirmativo.

Poucos minutos depois, Laura abriu os olhos, e viu dois homens: o napolitano e outro.

Este outro tinha um aspecto nobre, era mais velho que o primeiro, trajava com mais riqueza, suposto que seu traje fosse uma simples capa veneziana, e um chapéu de abas largas, negro, sem enfeites, e, o que era mais extraordinário, imóvel na cabeça de seu dono, que se não impunha a delicadeza de descobrir-se na presença duma dama.

Este homem encarava Laura com certo reparo que atemorizava, porque o rancor tem um olhar semelhante ao dele.

– Sois decerto filha de Peppa Marcella? – perguntou o segundo, como respondendo ao olhar interrogador de Laura.

– Sou.

– Deixastes vossa mãe há dois anos?

– Deixei.

O misterioso abriu uma carta, e continuou:

– Seguistes um português que era em Roma enviado de Portugal?

- Quem é que me faz semelhantes perguntas?
  - Sou eu: não me vedes?
  - Mas eu tenho direito a conhecer quem me interroga em minha casa.
  - Não tendes. Esse homem?
  - Qual homem?
  - O marquês de Luso.
  - Está em Portugal.
  - Não casou ele em Paris com Susana de Montfort?!
  - Casou.
  - Abandonou-a?
  - Não a abandonou. Foi a Portugal, mas voltará.
  - Que menino era esse que vos acompanhava há momentos? E vosso filho?
  - Não é.
  - É uma criança que Paulo de Albuquerque, morto com veneno, deixou ao marquês de Luso?
  - É...
  - Essa criança deve ser entregue ao seu depositário.
  - Sê-lo-á... brevemente...
  - Não pode ser tão brevemente como é preciso que o seja. Vós saireis hoje de Paris; e esse menino ficará entregue a alguém.
  - Não lhe obedeco, senhor! Não lhe reconheço a soberania das suas ordens!
  - Haveis reconhecê-la... A frágil soberania de mãe nega-se com o desprezo... Vós desprezastes a soberania da vossa... Mas as ordens dum pai são o direito da vontade e o da força...
  - Não o entendo bem!... falou ai em pai?!
  - Falei... Experimentastes alguma vez o poder de um pai?
  - Nunca! Meu pai morreu antes de eu vir ao mundo...
  - Disse-vo-lo vossa mãe?
  - Foi ela.
  - Enganou-vos.
  - Minha mãe não mentia.
  - Vossa mãe era um anjo. Mentiu, santificando-se pela mentira.
  - Oh senhor!... tudo isto, parece-me um sonho! Quem é que me fala assim com uma autoridade que me fascina?
- O incógnito lançou uma carta no regaço de Laura. Fez um sinal com os olhos ao companheiro e saíram.
- Laura abriu precipitadamente a carta.

«Minha filha. Morro, perdendo-te. Enquanto tiveste mãe, julguei-te abandonada. Assim que eu fechar os olhos, terás um pai.

Peppa.»

– Um pai! – exclamou Laura.

E correu ao vestíbulo das escadas. Desceu ao pátio, impelida maquinalmente. Já não viu os homens; mas ouviu, em francês, um diálogo entre dois indivíduos, parados em frente do portão.

– Acredita que é ele... Não há ainda um mês que estive com ele em Nápoles... É o cardeal Rufo, tal qual o diabo o atirou a este mundo.

– E o outro?

– O outro, parece-me que o encontrei em Reggio, na Calábria... Se é o mesmo, o que sou capaz de jurar sobre a cruz de São Luís, mostraram-mo como chefe de bandidos... Podemos nós saber quem mora aqui nesta casa?

Podemos... Espera que eu volto...

O interlocutor do cavaleiro de S. Luís entrou numa loja fronteira e voltou depressa.

– Quem é? – perguntou ansiosamente o que ficara.

– E uma mulher com um filho e algumas criadas.

– Sim?!... Tenho entendido!... O cardeal Rufo tem mulheres *acontiadadas* em Paris, em Nápoles, em Veneza, em Roma e no inferno

Laura não pôde ouvir o resto. Subiu desorientada, e abraçou freneticamente a criança, que a chamava a altos gritos. ....

.....



## V

Três horas depois param duas carruagens à porta de Laura.

A terceira pancada, imperiosa como a do dono da casa que chega, foi aberta a porta.

O cardeal Rufo, visto que no-lo denunciaram tão depressa, deu a mão à marquesa de Luso, que apeava da sua berlinda.

Susana fez-se anunciar. O cardeal ordenou ao escudeiro que o conduzisse ao quarto de Laura. O escudeiro cedeu à intimativa, e não teve um monossílabo de recusa.

Laura estava na cama, febricitante. Sebastião brincava-lhe com as tranças e beijava-lhe a testa.

– Podeis erguer-vos? – perguntou bruscamente o cardeal.

– Se posso erguer-me!... Quem o conduziu aqui, senhor!?

Esta pergunta era um trémulo de palavras, que o cardeal não compreendeu.

– Erguei-vos, se podeis, Laura.

– Não posso...

Espera-vos a marquesa de Luso.

– A marquesa de Luso que me quer?

– Vem cumprir as minhas ordens. Laura... tua mãe ordena que obedeças a teu pai!... Quem ousaria aqui entrar senão eu, depois do marquês de Luso?

Estas últimas palavras foram pronunciadas com a intonação de uma pungente amargura. O sorriso do cardeal matou o entusiasmo instintivo com que a filha de Peppa devia receber seu pai. Sentada no leito, sentiu-se esvaída. Lutou contra a importância da sua debilidade, e, neste esforço, perdeu os sentidos. O cardeal tateou-lhe a face, e retirou a mão humedecida de um suor frio.

– Tudo isto é providencial! – murmurou ele, e tomou o pequeno com arremesso.

A criança chamava sua *mãe* inutilmente. Laura nem sequer pestanejou ao grito doloroso do inocentinho.

O cardeal entrou na sala em que a marquesa ficara contemplando o retrato do marquês de Luso, através de um filó negro.

– Senhora marquesa. Entrego-lho sem responsabilidades. Quando seu marido voltar, diga-lhe, da parte do desconhecido, que ensine a este menino os preceitos da honra, se o não quiser colocar, mais tarde, na posição de responder pela sua desonra. Diga-lhe mais que Laura, a prostituída, a pobre filha da pobre Peppa Marcella, encontrou um homem que lhe chamou filha. Diga-lhe que Laura tem um pai que não transige facilmente com a infâmia. Seu marido de hora em diante tem um inimigo.

– Senhor!... – exclamou a marquesa.

– Não nos fatiguemos, senhora, com evoluções de tragédia. A rudeza com que lhe falo é uma generosidade. Eu não firo os inimigos pelas costas. Aos mesmos que atraçoam uma desvalida mulher, não sei atacá-los traiçoeiramente. E nobre declarar-me inimigo irreconciliável do marquês de Luso: ele que se guarde, porque o encontro será infalível...

– Mas meu marido...

– É seu marido, não é o que me quer dizer?

– Não é talvez merecedor de tanto ódio...

O cardeal riu-se com ar de zombaria sarcástica, e ofereceu o braço a Susana.

– Quer dar-me a honra de acompanhá-la à sua carruagem?

A marquesa aceitou o braço, tomou a mão do menino que soluçava, e entrou na carruagem tão aturdida, que nem ao menos respondeu às *boas-noites* do cardeal.

– Para onde? – perguntou o boleeiro.

– Ao palácio da senhora marquesa – respondeu o arcediogo.

E entrou serenamente no quarto de sua filha. Nem um suspiro ouviu. Laura, com os olhos abertos, mas imóveis, fixava qualquer imagem que a fantasia lhe afigurou.

O cardeal tomou-lhe o pulso e franziu a testa.

Sentou-se à cabeceira do leito e limpou-lhe o suor da face.

– Laura! – disse ele num tom afectuoso.

Não lhe respondeu.

– Minha filha! – repetiu.

Laura procurou com os olhos aquele som.

– Minha filha! – tornou ele, erguendo-se ante ela, e tomando-lhe a mão insensível.

– Sua filha!... – murmurou a febricitante.

– Não achas nesta palavra a ternura que só pode dar-lhe um pai?

– Isto é um sonho, meu Deus!... Donde vem?

– De ao pé do cadáver de tua mãe...

– Morreu, amaldiçoando-me?

– Não... Perdoou-te... E eu perdoei-te.

– À hora da minha morte?...

– Quero que vivas, Laura... tu hás-de viver para teu pai...

– O menino?! – exclamou ela espavorida, buscando-o em redor de si.

– Dorme no seu berço.

– O berço está ali!... não o vejo lá!...

– O seu berço não é aquele...

– É aquele! – replicou ela, querendo saltar do leito.

– Filha! – disse o cardeal com severidade.

Laura recuou, tremendo.

– Coragem ou a morte, Virgem Santíssima! – balbuciou Laura, soltando uma torrente de lágrimas.

– Não tens uma parte do coração que dêes a teu pai? – disse o cardeal meigamente, cobrindo-lhe os braços nus com o lençol. – Venho encontrar-te morta para todos os deveres de filha? Não sacrificas ao legado de tua mãe essa criança, que representava aqui o legado da tua desonra?...

«Vê que sou bom, filha! Entra no coração que se abre para ti, e que se fecha para todo o mundo! Adoça-me com o teu amor este fel que há-de queimar-me o coração, antes que eu possa cuspi-lo na face de...

O cardeal susteve-se. Laura, como quem escuta o som dos anjos, abria nos lábios um desses sorrisos que parecem a resposta do mártir ao chamamento de Deus.

O padre continuou:

– Porque não hás-de tu também conhecer a felicidade? Deve ter sido tão amargurada a tua existência, filha!... E tão amargurada para nós ambos!... O que tens sido, e o que podias ser, Laura!... E eu posso indemnizar-te de muitas dores, com alegrias que hei-de meditar de noite e de dia! Posso!... Hás-de ser muito feliz, porque posso fazer que o passado seja uma reminiscência de um sonho mau... Mas as trevas do sonho não poderão nada contra a luz da realidade... Tu hás-de ser feliz!...

– Feliz!... – exclamou ela, com um estremecimento semelhante ao de uma surpresa terrível. – Eu... feliz?...

– Acorda, minha filha! Vive para teu pai, que conheceu hoje o primeiro dia de felicidade.

O cardeal curvara-se, tomando Laura nos braços. Na face dela caiu uma lágrima. Foi esta lágrima que percorreu num instante todas as fibras entorpecidas daquele

coração. A filha de Peppa abraçou-se ao colo do desconhecido, porque só nesse momento ouviu uma voz íntima, que lhe dizia: «Este homem é teu pai.»

## VI

A princesa Serbelloni, de Milão, tinha quatro filhos e duas filhas.

Destas a mais linda chamava-se Lélia.

Os grandes de Itália requestaram-na para esposa, porque a sua formosura era um dom, um património que os mais ricos lhe disputavam, sem pedirem outro.

E eram desprezados.

Todos queriam saber a causa desta repulsa, e um só a sabia.

Esse, se a dissesse, seria varado por um faim, ou expulso de Milão, sem as orelhas. Era um napolitano, sem fortuna, nem nobreza, viajando sem préstito, e vivendo desconhecido na grande roda.

Lélia amava o napolitano, e tanto que mais sacrificaria além da honra, se o sacrifício do coração não fosse de todos o primeiro.

Alta noite, o napolitano foi visto saltar o muro de um jardim. Este jardim era o da princesa Serbelloni.

Quem o viu era o filho do duque reinante de Parma. Quis conhecê-lo, seguiu-o, e ludibriado nas suas pesquisas impertinentes, ousou colocar-se em frente do desconhecido.

– Quem és? – interrogou audaciosamente o príncipe.

Não lhe responderam.

– És um ladrão que saltaste o muro de um jardim, ou o amante dalguma dessas mulheres?

O silêncio irritou-o.

– Responde à ponta deste florete! Se tens armas, guarda-te!

E viu lampejar a lâmina de outro florete.

Travou-se um combate de minutos.

O príncipe caiu. O napolitano seguiu o seu caminho; mas caminho foi esse que ninguém lhe encontrou vestígios.

O real enfermo, interrogado minuciosamente sobre o assassino, respondeu que o não conhecera. Denunciou a casa donde o vira sair, e prometeu denunciar a cúmplice, logo que o seu restabelecimento o permitisse entrar nos salões da princesa Serbelloni.

Restabeleceu-se com efeito, mas não cumpriu a promessa.

Na véspera do dia em que entrou nos salões da princesa, achou um profundo silêncio nos salões, e uma profunda tristeza nas fisionomias.

Interrogando a velha princesa, respondeu-lhe:

– Minha filha Lélia fugiu. No dia imediato ao do seu ferimento, fechou-se no seu quarto. Desde esse dia, recebeu-nos sempre com lágrimas inexplicáveis. Hoje procurámo-la, e encontramos a cama vazia, e um bilhete que diz: «Adeus para sempre!»

– Suicidou-se – interrompeu o príncipe de Parma. E o mais natural responderam os circunstantes. Se as informações não colherem nada, no prazo de quinze dias – acrescentou o bispo, que se achava presente – cumpre que sejam feitos sufrágios por sua alma...

.....  
.....

Os sufrágios com todo o esplendor do rito, faziam-se efectivamente, quando uma mulher, vestida de camponesa, dos subúrbios de Roma, procurava na mais pobre rua desta cidade a mais humilde casa.

O locatário quis saber o nome da gentil rapariga.

– Sou Peppa Marcella.

– Que modo de vida tens, minha galharda moça?

Trabalho de costura.

– Não te faltarão em casa as alvas e as murças dos nossos clérigos de fino paladar. E realmente não faltaram.

Esta mulher trabalhava e chorava.

Vivia só; mas uma noite gemeu algumas horas, e amanheceu com uma filha nos braços.

– Filha sem pai! – murmurou ela. – Tenho vivido para morrermos juntas.

Mas não morreram, porque se amaram muito depois. Peppa trabalhava noite e dia. A criança, se acordava de noite, e via sua mãe fitar-lhe os olhos, embaciados de lágrimas, sorria-lhe, e este riso era como um brado de coragem.

E esta criança era tão linda! Chamavam-lhe Laura, e invejavam-na todas as mães

.....  
.....

Passados anos, um freguês de Peppa instou-a por uma sobrepeliz com grande pressa. Um cardeal recebia a mitra: era um dia de festa em Roma.

– Acabai-me a obra – disse o padre à costureira –, que vos hei-de dar em São Pedro um bom lugar para verdes a cerimónia.

Peppa trabalhou muito, e foi com sua filha. A cerimónia ia começar. Soavam os órgãos e os cânticos. Pio VI estava no seu trono. O novo príncipe da Igreja vinha ajoelhar.

Todos quiseram vê-lo, porque era um belo homem, um cardeal que nunca fora padre, um prodígio de talento, uma excepção por isso a todos os padres contemporâneos, até na idade uma excepção, porque apenas contava trinta e cinco anos.

Peppa também quis vê-lo. Ergueu a cabeça sobre as turbas... Soltou um grito, e caiu com sua filha nos braços da multidão, que se agrupou a indagar o sucesso.

O que foi? – perguntou Sua Santidade.

Uma mulher que naturalmente não pôde suportar o aperto. Já a transportaram para fora do templo.

A cerimónia continuou.

O cardeal Dinis Fabrício Rufo, respeitosamente ajoelhado, nem ouvira o grito da mulher nem voltara o rosto para o tumulto.

.....  
.....

E os anos correram.

Peppa envelheceu muito depressa. O cardeal Rufo, que a sociedade reputou um prelado virtuoso, pedira longos anos a Deus um sinal de que Lélia repousava no seu santíssimo seio.

Deus não lhe respondeu, e o cardeal acreditou em Voltaire.

A sua vida foi um longo suplício, que os homens não devassaram nunca.

Quando aos quarenta e oito anos se sentiu combatido, por dentro, pelo verme da desesperação, saudou as roxas agonias da morte, que lhe acenavam de perto.

Por abreviar a existência, perverteu-se.

O ouro afluía-lhe de ricos banqueiros, que se honravam do parentesco de um cardeal.

Doirou com ele a devassidão, e ombreou no escândalo com os seus colegas.

Vivia assim, quando recebeu uma carta assinada por Lélia.

Não acreditou. Riu-se da zombaria infame. Mas quem sabia que era ele o pobre napolitano que embebera um florete no peito do príncipe de Parma?!

Existia Lélia?

Existia. Dias depois recebera outra carta, e dentro dessa uma para Laura, filha da

costureira, que morria em Roma.

.....

O leitor devia saber tudo isto. Decerto, não supunha que a desprezada amante do nosso patricio era neta da princesa Serbelloni.

## VII

Deixámos o cardeal, sentindo, pela primeira vez, as ternuras instintivas de pai.

Vimos que o coração de Laura, instantaneamente ferido pela centelha eléctrica do amor filial, se abria, como a flor, ao orvalho das primeiras lágrimas que os olhos de um pai lhe vertiam nas faces.

A transfiguração rápida daquela mulher é um segredo dos que a Providência não facilita ao homem, que se afoita a adivinhá-los todos.

A violenta febre arrefecera gradualmente. As pulsações impetuosas, contadas entre os dedos do cardeal, regularizavam-se. O incêndio das faces como a chama da lâmpada funerária, esvaecida pela claridade da aurora, esmorecia à cor alvíssima de uma aurora de esperançosa felicidade, que lhe inundava o coração de luz.

A ventura sorria nos olhos cavos do cardeal. A sua palidez terrena irradiava-se também de um brilho que só a esperança empresta aos que a desgraça traz envoltos de uma sombra escura. Não lhe cabia no peito o coração. Se a aridez do infortúnio, e o ressequir extemporâneo da devassidão lhe não tivessem secado para sempre as alegrias da virtude, no semblante do cardeal reverdeceriam as flores da mocidade, e pululariam os sorrisos da consciência honrada.

O que ele fazia já era muito, porque nem tanto havia a esperar dos quarenta e seis anos que povoaram aquela fronte de cabelos brancos, sulcaram aquele rosto de profundas rugas.

Amor de pai, só esse, pôde exumar uma lágrima e um sorriso nobre do túmulo de todos os afectos. Só esse desfigurou o aspecto patibular de Dinis Fabrício Rufo, na expansiva vertigem de um rosto, a irradiar-se de todos os sentimentos generosos, que renasceram no momento de se reconhecer o pai da filha dessa mulher que lhe custara lágrimas... enquanto o coração lhas deu.

Laura, fatigada de sentir extraordinários lances, cerrou as pálpebras, e descaiu insensivelmente nos braços do pai, que lhas fechou com o primeiro beijo.

– Providência! tu existes! – murmurou o cardeal. – Existes, porque, sem ti, esta felicidade não ma daria o acaso! Deus! eu reconheço-te, porque esta mulher, que dorme nos meus braços, é minha filha! A imagem de Lélia está aqui!...

A noite passou rápida. Ao amanhecer, Laura abriu os olhos, e longo tempo pediu à sua reminiscência a explicação de um sonho.

– Pois não era um sonho? – perguntou ela ao pai, que lhe afastava os cabelos dos olhos.

– Que viste tu, minha filha?

– Ouvi, meu pai... Éreis vós, porventura, meu pai?

– Não te diz o coração que o sou?

Neste momento, duas carruagens pararam à porta de Laura.

No salão próximo ouviram-se passos, que o cardeal reconheceu. Eram daquele que o cavaleiro de S. Luís classificara na numerosa tribo dos bandidos da Calábria.

– Tens o tempo necessário para te vestires, Laura – disse o cardeal.

– Já? Tão depressa!... – murmurou ela com humildade.

– Concedo-te horas, dias, e anos em Paris; mas hás-de tu dizer-me o que queres daqui?

– Nada – balbuciou a filha de Lélia com timidez.

– Pois bem... As carruagens esperam...

E saiu do quarto. Entrou no salão, onde estava o retrato do marquês de Luso. Cravou-lhe um punhal no peito, e não o arrancou do rasgo. O companheiro, que pre-

senciara com reverência cômica a solenidade da punhalada na tela, disse consigo:

– Bem-aventurados os que são apunhalados em efígie!

Minutos depois, ouviram-se gemidos no quarto de Laura.

O cardeal entrou. Viu-a de joelhos, diante da imagem de Nossa Senhora. Parou. Cruzou os braços: teve um abalo de piedade, e chegou a curvar um joelho. Depois dum ímpeto, ergueu-se em toda a altivez da descrença. Sorriu, e disse no fundo do seu coração:

– A minha felicidade foi momentânea... A vingança principia neste instante. Do amor de pai há-de renascer o ódio do algoz.

Ergueu a filha. Tomou-a pela mão, e atravessava a sala do retrato. Fixou-a com estranha penetração. Laura ia erguer os olhos para o retrato. O cardeal comprimiu-lhe o pulso. A amante do marquês de Luso desceu os olhos e corou.

Entraram numa das carruagens o cardeal e a filha. Mais adiante galopava outra, onde entrara o suspeito bandido, dizendo ao boleiro:

– Para a barreira de la Villette .....

Dois meses depois, Sua Santidade e o rei das Duas Sicílias concediam a Laura Josefina Rufo o perfilhamento, e a sucessão na opulenta herança do cardeal, seu pai.

Esta graça, mais pontifícia que régia, foi acompanhada do alvará de tesoureiro de Pio VI ao benemérito cardeal.

No gozo de todas as delícias, divinizada por todos os cultos, pretendida de todos os nobres italianos, Laura era feliz?

Não.

Diante de seu pai, tinha um sorriso daqueles que se pagam com muitas lágrimas na solidão.

Era o marquês de Luso que lhas arrancava?

Não era.

– O meu querido anjo!

Eram as únicas palavras de queixa, que ninguém lhe ouvia.

O anjo só podia ser-lhe um nesta vida: o filho doutra mulher muito mais desgraçada que ela: o filho de Silvina.



## VIII

O marquês de Luso voltara de Lisboa.

Correra aos braços de sua mulher, e encontrara neles o pupilo de Laura.

Fracó, para tamanha surpresa, descorou.

Por imbecil, segredara, quando solteiro, um compromisso em que ficara com o amigo morto.

A ambição é que lhe fizera ocultar à mulher, cuja posse lhe parecia impossível, esse compromisso que outro qualquer homem, menos receoso do seu merecimento, apresentaria como um diploma honroso.

O marquês de Luso era uma pequena alma.

Depois de casado teve tentações de revelar a Susana a existência daquela criança; mas o temor das suspeitas e o medo infantil que tinha da sua mulher, destruíam-lhe os projectos. E eram estes projectos quase sempre instigados pela ideia de livrar-se de Laura, cuja subsistência o enfatiado conde despendia, porque não tinha outra pessoa que, tanto em segredo, curasse da educação do pequeno. Nos chamados «bons tempos» abundavam estes cínicos. E os de então maravilham mais que os nossos contemporâneos, porque a sociedade dos primeiros não gastava tão depressa o sentimento, não tinha as iguarias cáusticas que são, na sociedade dos segundos, o despertador de um paladar embotado para as sensações brandas.

Convindo, pois, em que o marquês de Luso estava suficientemente gasto para atirar com a ponta do pé a pobre Laura ao abismo da perdição, achá-lo-emos nervoso em demasia, para descorar na presença de sua mulher, que lhe apresentava, sorrindo, o pequenino arrancado à filha do cardeal.

– Descoras, Leopoldo?! – perguntou ela, caminhando para seu marido, que permanecia estupefacto.

– Como veio esse menino para aqui?!

– Como veio?!... Veio na minha carruagem. Fui eu buscá-lo...

– Tu?!

– Eu... Ora vamos, marquês... Nada de posições trágicas... Diz-me cá... Este menino é teu filho?

– Não.

– Acredito que não. Já vês que te acredito. Porque me não disseste este segredo? Porque tiveste mais confiança naquela italiana do que em tua mulher? Pareceu-te mais carinhosa do que eu? Olha que não é! Mais bonita, consinto-te que o seja, se assim o queres; mas nem mais carinhosa, nem mais digna de uma confiança, isso não, meu indiscreto Leopoldo... Há vinte dias que este menino está comigo. Pergunta-lhe se me quer deixar para tornar a outra mãe, como ele lhe chama, e verás o que te diz... Em que pensas, marquês? Não me respondes?!

– A tua candura com essa criança surpreende-me...

– A minha *candura*! Não sei bem a significação que devo dar a tal palavra! Será inocência tola a minha *candura* com esta criança.

– Não é, Susana. Se já sabes a história deste menino...

– Sei-a, contada por Laura, e por não sei que homem, de aspecto sombrio, que te veio aqui procurar, e, à tua falta, me procurou a mim.

– Que queria ele?

– A ti, não sei; a mim, queria encarregar-me deste depósito, que não fora encarregado à mulher que o possuía. Em teu nome recebi o encargo, e ei-lo aqui, marquês. Enquanto a Laura, penso que, a estas horas, está muito longe de Paris... Visto que,

por este facto, te mereço a confiança que só um acaso faria que me desses, deixa-me perguntar-te, marquês, que mulher é aquela...

– Acompanhou-me de Roma – balbuciou o marquês.

– Isso tinha eu conjecturado... Pois não foi honroso para ti deixá-la em circunstâncias de ser arrebatada por qualquer homem, se ela foi uma tua companheira, digna de ser a mestra deste menino. Não lhe darias decerto uma tal importância, se não fosse uma mulher digna de se lhe confiar o filho dum homem que morreu...

– Não é filho desse meu amigo esse menino...

– Complica-se o mistério... Nem teu nem dele!... Pois de quem?!

– O meu amigo não mo disse... Entregou-me o órfão, com cem mil cruzados, que são do seu património... Não sei mais nada, nem tenho podido saber. O mais que pude coligir, é que é de origem portuguesa, porque há entre algumas jóias um punhal em cuja lâmina se lêem palavras portuguesas, e os cunhos de dinheiro são também portugueses. Fiz algumas indagações em Lisboa, e não pude saber nada... E fora de dúvida que o nascimento deste menino deve ser ilustre. A não sê-lo, nem o meu amigo, um dos mais nobres portugueses, se entregaria da criação deste pequeno, nem mo transmitiria a mim com um tesouro de tanto valor.

– Seja quem for, Sebastião viverá connosco, pouco importa que o mundo o repute teu filho... Porque me não tinhas dado este anjo? Como ele me contempla!! Que brandura de olhar! Parece que há nestes olhos uma lágrima que nunca se enxuga! Não sentes amor de pai por este menino?... Não fiques assim calado, que me fazes duvidar da tua sensibilidade... Eu queria ser sua mãe... Há-de chamar-me sempre sua mãe, sim, meu filho?

Sebastião recebeu-lhe um beijo com carinho, e abraçou-se-lhe com estremecimento ao pescoço.

O marquês, receando que o episódio de Laura tornasse à discussão, retirou mansamente, calculando que homem seria esse, de aspecto sombrio, que, vinte dias antes, saíra de Paris com a italiana. Não eram as saudades que lhe faziam peso. Até certo ponto, o desenlace das suas inconvenientes relações não era mau; fora aquela a maneira de desquitar-se de uma mulher importuna com menos estrondo. Todavia dava-lhe que pensar esse homem misterioso. Seria um amante? Mas o homem que procurara Susana era velho. Laura não tinha pai, nem irmão, nem protector. Seria porventura um velho lorde que a deslumbrou com vantajosas promessas? Conveio em que era, e atirou-se a um colchão de penas, pensando na bondade de sua mulher, que ele não julgava transigir assim tão amigavelmente com as suspeitas da italiana.

O marquês ia fechando os olhos para indemnizar-se do cansaço da viagem, quando Susana entrou.

– Esqueceu-me, marquês – disse ela – uma importante comissão que recebi por ti...

– De quem, minha querida amiga?

– Desse homem que tinha sobre Laura um absoluto império.

– Que tem esse homem comigo?

– Não sei... Vê se respondes à tua pergunta, colhendo a significação destas palavras, que me foram ditas para que eu tas dissesse: «Seu marido que se acautele, porque de hoje em diante tem um inimigo implacável. Laura tem um pai.»

O marquês, como não compreendesse bem as curtas palavras do suposto lorde, sentou-se impetuosamente no leito e perguntou:

– O quê? Que me acautelasse!... De quem?

– Dele, naturalmente... Empalideces, Leopoldo?

– E extravagante a tua comissão, Susana! Que língua falava esse homem?

– Francesa; mas o tipo era italiano...

– Como vestia?

– Com muita simplicidade. Uma grande capa, e um chapéu de grandes abas. Parece que te assusta a novidade!...

– Não me assusta... espanta-me...

– Pois a tua companheira não teria um pai?

– Não... não tinha pai... era uma costureira, desvalida, sem ninguém que tomasse a peito a sua fome nem a sua honra.

– Felizmente, apareceste-lhe tu, Leopoldo...

– Dizes-me isso de uma maneira tão seca... Aí está porque eu me não abri contigo...

– Pois o teu segredo é que me fez desconfiada, meu querido marquês... As minhas desconfianças são uns ciúmes que não podem molestar-te... O pior é a ameaça do tal homem da grande capa... Recomendo-te cautela, Leopoldo. O ar austero com que ele me falou, tinha uma certa solenidade que não devemos desprezar... Porque diria ele que era o pai da *desonrada*?! Eu não torno a falar-te em Laura. Estás perdoado, pela alegria que sinto em ser a mãe adoptiva do pequenino... O que eu quero, é que te não esqueças da recomendação do homem .....

Esboçámos de fugida essas páginas, que são preliminares da biografia de padre Dinis.

Havia ai assunto para mais desenvolvimento. Não quisemos porém dilatá-lo

muito, para que o contingente não parecesse tão grandioso como o essencial.

Ocorreram esses lances enquanto o filho de Álvaro de Albuquerque não podia avaliar o cortejo de desgraças estranhas que o precediam na entrada do mundo, ligadas à sua existência.

O seu berço aparece-nos rodeado de lágrimas, de sustos e de mistérios.

O inocente, sem a consciência do que é, representa já no drama do infortúnio alheio.

Laura, a não ser ele, não valeria nada para o marquês de Luso. Seria abandonada, como todas as vítimas da sua importância, logo que a sua importuna sociedade prejudicasse os interesses ou as novas paixões do marquês.

Se recebia ainda uma protecção, se uma aparente estima lhe dera lugar a um desengano formal, é porque os seus serviços à educação do filho de Silvina alguma paga mereciam.

A não ter existido Sebastião, o abandono de Laura seria mais pronto, a tranquilidade do marquês mais segura, e o cardeal Rufo encontraria talvez sua filha chorando lágrimas de vergonha e remorso ao pé do cadáver de sua mãe.

O cardeal poderia ignorar a desonra da filha. Leopoldo não recearia um inimigo, que deixara um punhal cravado no seu retrato. E Susana não tremeria, a cada instante, pela vida de seu marido.

Seriam, portanto, mais felizes todos; e, sobre todos, feliz aquele que não tivesse nascido. Sebastião, se adormecesse no sono eterno, a par com sua mãe no esquife, seria um anjo na coroa de uma mártir, sacrificada pela paixão.

.....  
 .....

Decorreram os meses. O marquês de Luso não deparou nunca com o inimigo que o mandava acautelar-se. Colhera de todos os pontos de Itália informações a respeito de Laura. Eram todas negativas.

Ninguém lhe dissera que essa mulher existia de modo que uma diligente espionagem pudesse conhecê-la.

O marquês deduziu as melhores consequências em seu favor: o suposto pai de Laura era um farsista de bom gosto, que empregou o terror da comédia para tirar de Paris uma mulher que lhe servia para amante. Os medos de Susana eram medos mulheris. E o susto dele marquês um susto menos digno da sua coragem, e da sua alta posição, inacessível ao punhal de um sicário.

E, portanto, o marquês de Luso, dissuadindo sua mulher de temores infundados, continuou a ser feliz, tendo apenas para maior caução da sua pessoa, o louvável cuidado de não sair a pé, sem companhia que lhe garantisse de sobejo a defesa quando qualquer miserável o agredisse, à hora do dia, atentado inaudito em Paris.

Os melindrosos ressentimentos de Susana, à feição de ciúmes, desvaneceram-se, por isso mesmo que o marquês, bom marido a todos os respeitos, dera todas as explicações, e convencera sua mulher de que fora um vil egoísta com Laura, para ser um austero respeitador do tálamo conjugal.

Sebastião era o querido de ambos, e mais querido, se é possível, do pai de Susana, camarista do rei, espécie de idiota, que jogava a cabra-cega com o pequeno, e queria forçosamente que ele lhe chamasse pai.

O bom do velho deu a perceber que o maior favor que seu genro e filha podiam fazer-lhe era consentirem que Sebastião fosse crismado para receber outro nome. Este nome devia ser o dele.

O marquês anuiu depressa. Susana resistiu, porque a sua intenção era chamar-lhe Leopoldo. O menino chamou-se por fim Benoit, que assim se chamava o velho ca-

marista.

O amor desmedido do senhor de Montfort ao pequeno Benoit deu que entender aos parentes da casa, e aos ociosos inquiridores da vida alheia.

Ninguém sabia como tal menino entrara no seio daquela família. A história contava-se de um modo tão ambíguo que a sociedade, por não dar-se ao incómodo de tardias averiguações, concluiu que o pequeno era filho do velho e de uma tal, sem nome, conservada ainda no seu solar de Cliton, onde costumava passar o Estio, para desenfadar-se das fadigas da corte.

Benoit de Montfort, que parecia rejuvenescer, se lhe falavam dos seus triunfos em galanteria, não declinava de si a responsabilidade paterna que os seus íntimos amigos lhe impunham.

Sorria-se em ar de surpreendido, e parece que folgava de passar como pai do pequeno, que o acompanhava sempre na sua carruagem.

Agora, leitor, sejamos mais velozes que o tempo. Vamos procurando esta família através de doze anos.

## IX

Sabeis demasiadamente o que foi a Revolução Francesa, essa tempestade de sangue, vaticinada nos reinados de Luís XIV e Luís XV, e cumprida como a profecia indestrutível de uma lógica de ferro, em que vemos um rei pagar com a cabeça os desatinos que lhe vieram, em herança, dos reis passados.

Se não conheceis os pormenores dessa luta, cuja história contrista e horroriza, nem por isso vos obrigo a estudá-la como preparatório para a inteligência deste romance.

Vós prescindis, naturalmente, de tudo que são acessórios, e eu também prescindo de fazer-vos meu auditório numa pesada prelecção dos sucessos decorridos entre 1789 e 1806.

Eu respigarei, nesta vasta seara juncada de cadáveres, as atrocidades (se é que não foram decretos providenciais, como por ai nos dizem ilustres personagens que deduzem do cristianismo a Revolução Francesa, e graduam na mesma escala Cristo e Robespierre, os apóstolos e os girondinos), as atrocidades, dizia eu, que se acham obrigadas ao desenvolvimento do romance.

E haveis de notar por essa ocasião que esta espécie de homenagem que vos presto, dando explicações que me não pedis, é a máxima prova de que eu respeito muito esse sujeito anónimo, chamado público, e acho sempre poucos todos os ensejos em que posso mostrar-lhe que não quero fazê-lo saltar de um capítulo para o outro, sem convencê-lo primeiro de que o salto é justificado pelo senso comum neste género de escritos, onde é raro encontrá-lo.

Dito isto, recorrei às vossas reminiscências, e lembrai-vos das pretensões absurdas que o conde de Mirabeau impusera ao coração de Susana de Montfort.

As palavradas ditas ao rei, que lhas perdoou com um sorriso de benevolência e talvez de desprezo, eram o programa revolucionário, desenvolvido pelo célebre tribuno na Assembleia Constituinte.

Mirabeau, que teria sido um Graco em Roma, nos belos tempos da República, e na decadência um Catilina, como diz Mignet, achou-se, de improviso, entronado numa altura onde as suas ardentes ambições decerto o não teriam exaltado.

Os seus primeiros discursos espantam a Assembleia. O monarca é interpelado com estranha audácia sobre as reservadas intenções que demoram o acampamento militar em Versalhes. O erudito Maury encontra um inexorável adversário onde esperava encontrar um defensor do clero e da nobreza. Mirabeau exerce instantaneamente uma ascendência tal nos Estados Gerais que ninguém ousa do partido aristocrata anular-lhe uma soberania, uma popularidade que o elege chefe da Assembleia.

A corrupção dos seus costumes, a fama da sua libertina mocidade, não empanavam o brilho fascinador com que Mirabeau arrastou os espíritos por estradas de flores ao despenhadeiro que conduzia à guilhotina.

De longe, medira ele as paragens por onde a revolução deveria ser conduzida. Dez anos de rancor sufocado, longas vigílias ocupadas no plano de uma vingança, uma grande cabeça para tirar todo o partido de um grande ódio, ausência completa de sentimentos generosos, talento e perversidade que se davam mutuamente o abraço da vilania, eram estes os estímulos que inspiraram as violentas apóstrofes daquele que as turbas denominaram o «Demóstenes da França».

No partido da nobreza achava-se um homem cuja presença lhe tingia a face de sangue negro da cólera: era o marquês de Luso. Não era o talento que se gladiava com o

talento, porque o marquês não tinha nome, como orador, não o tinha como privilegiado das graças do trono, perdia-se na obscuridade com a maioria dos seus colegas, que não ousavam proferir um som, quando Casales acabava de sustentar com eloquência estéril os direitos do rei, os direitos dos nobres e as prerrogativas do clero. Não era pois o ódio de inimigo político que exacerbava a verrina fulminante de Mirabeau, se ante si deparava com o vulto silencioso do genro de Benoit de Montfort.

Era o marido de Susana que estava ali! Era o incentivo de velhos ódios que lhe escaldava a frase como flecha de fogo que devia cortar direita à face da aristocracia, para resvalar depois no coração do monarca.

O marquês de Luso adivinhou-o.

A coragem moral não o favorecia muito, e o temor de uma insurreição, anunciada por vagos boatos que se traduziam nas ameaças do partido popular, confiado a Mirabeau, inspirou-lhe o receio de ser a vítima de um golpe traiçoeiro, planizado por um rival rancoroso.

Nos princípios de Outubro de 1789, o marquês de Luso retirou para uma quinta de sua mulher, em Caen, no departamento de Calvados.

Aí viveu, e parece que não devorou as longas horas do exílio, consumindo-se em saudades de Susana.

A sua ausência do Parlamento tornou-se suspeita ao partido popular. As juntas de Alençon, capital da província, instigadas por Sieyès, vigiavam os passos do marquês, fugido no momento em que se pleiteava uma guerra decisiva entre o privilégio e a soberania nacional.

A suspeita era agravada, porque Barbaroux, Gaudit, Buzot, e outros deputados, tinham fugido da Assembleia para Caen, onde o espírito monárquico predominava.

Diga-se a verdade: o marquês de Luso não conspirava, nem se inquietava com a sorte do rei, cuja vida andava já embaralhada no jogo das paixões.

A sua vida não corria, por lá, de todo dissaborida. O marquês estava já cansado de ser um fiel observador do decoro.

A sociedade em Caen não desservia as suas intenções de emancipação. O marquês encontrou uma mulher que lhe pareceu a primeira entre tantas que encontrara. Susana era formosa, mas Maria Corday, se o não era tanto, sobejava-lhe em donaire, em viveza, em vertigem de afectos que lhe vinha à face brincar nos olhos, o que Susana não tinha, o que a transparente Laura não tivera nunca, o que as portuguesas, por quem o marquês repartira o seu coração de rapaz, nunca puderam fingir.

Maria, de mais a mais, não pensava como o comum das mulheres. A época era de liberdade, e a entusiasta donzela apostolizava, com ardor revolucionário, a liberdade do coração.

Descendente dos nobres Corday d'Armont, não esposava a inauguração da soberania nacional, e invectivava apaixonadamente Mirabeau, que atraía a causa dos nobres, orando, como tribuno, sobre as ossadas de seus ilustres avós, cuja memória sofria com o vilipêndio de tal neto.

O marquês tinha razão para descobrir o extraordinário nesta mulher. Amou-a, e calou esse sentimento, enquanto não foi ela a primeira a discorrer sobre a liberdade do coração, que os homens agrilhoavam às anacrónicas formalidades do matrimónio.

Esta filosofia, que era a do tempo, nas cabeças inteligentes de todos os homens, e nas não menos inteligentes de algumas mulheres, agradou ao marquês. Animado pela excelência da teoria, tentou experimentar a oradora na prática, e viu que ela não se desmentia.

Esqueceu-se de Paris, abençoou a revolução que o expulsara da sensaboria doméstica, e viveu, embriagado dos encantos, sempre novos de Maria, até que sua

mulher, cheia de júbilo, lhe anunciou a morte de Mirabeau em Abril de 1791.

Esta notícia equivalia a dizer-lhe que o inimigo estava no Panteão donde as ilustres ossadas não vêm pedir contas a ninguém. Todavia, o marquês desejava que Mirabeau vivesse. Um ano de convivência com Maria não lhe bastou para separar-se sem lágrimas, com a promessa de voltar cedo a continuar o gozo de uma felicidade um instante cortada pelas horríveis conveniências sociais.

A revolução corria ao seu desfecho.

Nunca fora tão inconveniente a presença do marquês em Paris; mas Benoit de Montfort, sempre ao lado de Luís XVI, confiava bastante nas esperanças do rei, e transmitia ao genro a coragem precisa para esperar que as armas estrangeiras viessem restituir a paz à França, e o esplendor deslustrado ao trono de S. Luís.

E, com efeito, em Setembro de 1792, o exército prussiano transpusera as fronteiras, e a carnagem, já ensaiada no memorável dia 2 desse mês, devia repetir-se, por isso que Danton dissera: «Sou de voto que sejam incomodados pelo medo os realistas, para que o inimigo se detenha... Sim! é preciso meter-lhe susto!...»

Nesse dia, fecharam-se as avenidas de Paris. As portas do clero e da aristocracia foram abertas em nome da salvação pública. Padres e nobres foram acorrentados na Conciergerie, na Force, e em todos os antros onde o braço do assassino pudesse jogar um punhal.

O marquês de Luso abraçava sua mulher, quando o braço musculoso de um encapotado o arrancou com ímpeto. «Não chores a ausência, cidadão, porque tua mulher vai contigo.» Estas palavras disse-as Marat. O encapotado não proferira uma sílaba.

E entraram na escolta que a população insultava, gritando: «Morra!» Foram conduzidos aos Carmelitas, masmorra improvisada no momento em que as vítimas eram de mais para o espaço acanhado dos dez cárceres de Paris.

Depois fecharam-se as barreiras da cidade, sobre a qual o Senhor voltara a face, por não dizer que o Senhor não desce a intervir nas misérias do homem, formado de lodo e sangue...

Os Prussianos tinham tomado Verdun de assalto. Fecharam-se as barreiras de Paris. Deu-se um tiro de peça, e Danton respondeu a esse tiro com esta exclamação: «O tiro que ouvistes não é o tiro de rebate; é o passo de carga sobre nossos inimigos. Para vencê-los e aterrâ-los, que é preciso? Audácia, mais audácia, e sempre audácia!»

Ao segundo tiro, formou-se na comuna, paga por ela, uma horda de trezentos algozes. Entre estes, havia um para o qual todos olhavam com ar sinistro. Era justamente aquele que, acompanhado dum capelão, afastara o marquês de Luso dos braços de sua mulher.

E depois, sem que ninguém os estorvasse, entraram nos cárceres, que se lhes abriram como espontaneamente, e «degolavam, sem rancor, sem remorsos, com a convicção de fanáticos e obediência de algozes».

Susana, desmaiada nos braços de seu marido, quando ouviu os rugidos do tigre que se avizinhava, já mal sentiu a pressão do braço que a arrancava, e o golpe de cutelo que lhe cortou na garganta o primeiro grito de piedade.

O marquês de Luso, sem resistência, sem proferir uma palavra, foi conduzido a um canto do cárcere, passando sobre cadáveres, que lhe vinham caindo aos pés.

O embuçado que o conduzia, apoiando-lhe a mão esquerda no ombro, e pondo a outra, armada de punhal, sobre o flanco direito, perguntou-lhe, sorrindo:

– Pensaste, cidadão, que te bastava ser apunhalado em estátua?

O marquês não compreendeu a pergunta. O assassino continuou:

– Que novas me dás de uma pobre costureira que roubaste aos braços de sua pobre mãe e atiraste aos braços da prostituição? Não respondes! Morreria no hospital essa



mulher perdida? Não sabes nada! Menos sabias ainda que essa serva dos teus caprichos de alguns dias tinha pai!... Não te mandei eu acautelar?!...

– Oh lá, cidadão! – perguntou um dos algozes – parece que estás ouvindo de confissão um penitente! Eu vou cortar o diálogo...

E preparava-se para coadjuvar o companheiro, quando o marquês de Luso caiu debaixo do punhal do cardeal Rufo.

.....  
Marat, calados os gritos dos moribundos, e adormecidos os sicários, que o sangue embriagara, abraçara Danton, exclamando num frenesi de contentamento:

– Com efeito, cidadão Danton, assustámos um pouco o inimigo!...

– Assustámos... Isto é um jogo, meu amigo... E preciso ganharmos muitas vidas para não perdermos a nossa...

– Mas se tudo isto é um jogo, confessa que este descarte de péssimas cartas fui eu que to aconselhei...

– Foste... mas há remissas a decidir...

– Manda pagar aos trezentos cidadãos, menos a um que não é mercenário.

– Quem é esse um?

– É um padre.

– Safa! um padre! Cuidado com alguma traição!

– Fico por ele! Viveu na intimidade de Marat um ano... não pode ser traidor. Conheço-o de Nápoles... Pelo diabo te juro que lhe furtava uma bela filha que tem, se eu não fosse casado... Bem vês que respeito a Santa Madre Católica Romana!

– Mas que tem esse padre...

– Diz «esse cardeal», cidadão Danton.

– Cardeal!... Que tem esse cardeal contigo?

– Comigo, nada... Tinha alguma cousa aí com um *fidalgo* de velha raça espanhola, que saldou esta noite contas com ele

## X

Alguns deputados, cujos esforços na Assembleia não puderam estorvar a mensagem dos assassinos, fugiram de Paris. Danton e Marat acusaram-nos de traidores: a Gironda pediu as suas cabeças, e o partido monárquico, quase extinto no Parlamento, abandonou as suas cadeiras ou transigiu aparentemente com o «Mirabeau da população», honroso epíteto com que brindaram Danton.

Dos deputados trânsfugas alguns levaram a Caen a nova da carnificina de 3 de Setembro. Unidos ao gérmen de oposição, que funcionava a ocultas, formaram uma assembleia de dezasseis representantes, que proclamavam ao povo, chamando-o à união para se não deixar embair das doutrinas subversivas da «Montanha».

É aí que vivia Maria Ana Carlota Corday, suspirando por uma carta do marquês de Luso, cujas notícias lhe faltaram duas semanas.

O marquês tinha sido em Paris o correspondente do Clube. Os altos espíritos de Maria Corday animaram-no a cumprir uma comissão muito superior à sua coragem. A sua morte, pois, foi anunciada com muito pesar, e lastimada como perda irremediável.

Todos perguntaram o nome do fautor da carnagem de 3 de Setembro. O nome de Marat foi ouvido com horror! O verdugo foi condenado à execração, enquanto o algoz o não expunha, na ignominia do patíbulo, à voracidade dos abutres.

Esta sessão ruidosa passava-se em casa de Maria Corday. Estátua de terror, a amante do marquês de Luso assistira impassível, de braços cruzados, face de mármore, e os olhos cravados nos lábios de cada orador que vociferava maldição contra Marat.

Os amores de Corday com o marquês tinham passado despercebidos para a sociedade de Caen. Ainda assim, a imobilidade de Maria naquele lance, estranharam-lha como um sinal de coração sem sentimento.

Barbaroux perguntou a Carlota:

– Não lastimais connosco um amigo que perdemos, senhora?!

Corday não respondeu. Levou as mãos às faces, afastou os cabelos que uma transpiração súbita lhe empastara na testa, recebeu nas palmas das mãos as lágrimas que lhe vinham aos olhos quando o sangue principiava a colorir-lhe o jaspe do rosto, e caiu de joelhos, proferindo uma só palavra, que soou como um rouco gemido; e palavra foi essa que cortou o coração de todos.

– Marat! – Foi o que ela disse, e desfaleceu.

A morte rodeou o leito desta mulher durante dez meses. Primeiro a febre, depois a demência, ultimamente a reabilitação do juízo, para tornar-lhe mais pungente a saudade desse homem, que não teria talvez sofrido por ela um leve desarranjo nos seus costumes ordinários.

A alma de Corday era grande para o amor, como para todas as paixões. Se até então não as sentira, foi porque está escrito que os grandes heroísmos abortam no coração, se o golpe os não faz ressaltar como à faísca da pedra fria.

Ao cabo de dez meses, Maria Ana Carlota Corday, mais conhecida na história pelo seu terceiro nome, ergueu-se do leito. As suas feições tinha a serenidade de uma resolução indestrutível. As suas amigas íntimas, M.me Achard e M.me Vaillant, queriam adivinhar-lhe o pensamento, que se revelava nos lábios por um sorriso de contentamento íntimo. O nome do marquês não lho ouviram nunca. Sabiam tudo, porque o delírio da febricitante lhe atraçoara o coração; mas não ousavam, porque lhe temiam o orgulho varonil, surpreendê-la no seu segredo.

Um dia procuraram-na, e souberam que ela só e sem bagagem, saíra de Caen, ou se tinha dado à morte. As suas amigas explicaram então o silêncio, o recolhimento, a

abstracção, e sorriso imbecil com que Carlota simulava o pensamento do suicídio.

Malograram-se informações em toda a parte onde a supunham morta ou viva.

Um dia, justamente doze depois que Carlota Corday desaparecera, Marat recebeu a seguinte carta <sup>1</sup>:

«Venho de Caen. Vosso amor pela pátria deve fazer-vos desejar conhecer as tramas que ali conspiram. Espero vossa resposta.»

Marat não responde, porque está doente. Carlota procura-o.

Negaram-lhe entrada. A noite apresenta-se outra vez, e insta por que lhe seja entregue a seguinte carta:

«Escrevi-vos de manhã. Recebestes a minha carta? Posso esperar um momento de audiência? Se a recebestes, espero mo não recusareis. Vereis que vos interessa. Basta-me fazer-vos sentir que sou desgraçada para ter direito à vossa estima.»

Marat, cerimonioso com mulheres quando a salvação pública o exigia, não saiu do banho, em que refrigerava os ardores da lepra, para receber a reveladora de importantes segredos.

Maria denuncia fantásticas conspirações, que o tribuno escuta com ansiedade.

Ouviu-a e respondeu:

– Os conspiradores não irão longe: creio que serão eles os condutores das próprias cabeças ao cadafalso.

Corday à palavra «cadafalso», arranca um punhal do seio e crava-lho no coração.

– Morro! – foi a única palavra de Marat.

Carlota sorriu-se, voltou-lhe as costas, saía com audacioso donaire, quando a retiveram. Deixou-se prender sem a mais leve resistência. Examinaram-lhe as algibeiras.

Encontraram-lhe cento e cinquenta libras em prata e cento e quarenta em títulos; a certidão de baptismo, que lhe dá vinte e cinco anos, um relógio de ouro; e no seio a bainha do punhal, e uma diatribe aos Franceses em forma de carta.

Os seus olhos, ardentes de todo o brilho de uma glória que lhe não cabe no coração, parecem estudar as fisionomias que a rodeiam.

Voeja-lhe nos lábios um sorriso de indignação para cada gesto de terror com que os circunstantes respondem ao seu olhar orgulhoso.

Quando uma testemunha estira um fatigante depoimento, Maria corta-lhe o discurso, e diz:

– Sim, fui eu que o matei.

– Que é o que vos induziu a cometer este assassínio? – perguntou o presidente.

Carlota Corday vai ser sentenciada em tribunal extraordinário. Na sua fisionomia não há uma sombra de susto.

– Os crimes de Marat.

– Que entendeis por crimes de Marat?

– As desgraças de que ele é causa depois da revolução.

– Quem vos moveu a isto?

– Ninguém: a ideia é minha.

No final de cada depoimento, Carlota responde:

---

<sup>1</sup> Textual, como todas as outras.

- E um facto. Não há depoimento mais verídico.
- Que fazem os deputados refugiados em Caen? – pergunta o presidente.
- Fazem canções e proclamações.
- Que dizem eles de Robespierre e de Danton?
- Dizem que são, com Marat, os provocadores da guerra civil.
- Ensaíastes-vos antes de ferir Marat?
- Não. Eu não sou assassino de profissão.
- Mas está provado, pelos exames dos facultativos, que o golpe não seria mortal, se fosse ao longo em vez de ser ao largo.
- Feri-o como lá se viu: foi um acaso.

A mesma coragem em todas as respostas. Repara que lhe tiram o retrato, e coloca-se em posição mais vantajosa para o retratista.

E nomeado um defensor à ré. Eis aqui a sua defesa:

– A ré confessa com ânimo frio o horrível atentado que perpetrou. Confessa a longa premeditação. Confessa as circunstâncias mais pavorosas. Enfim, confessa tudo e não tenta justificar-se. Eis aqui, cidadãos jurados, toda a sua defesa. Esta tranquilidade imperturbável, esta completa abnegação de si, sem vislumbres de remorso, em presença da morte, esta tranquilidade e esta abnegação, até certo ponto sublimes, não se acham na natureza; explicam-se só pela exaltação do fanatismo político, que lhe meteu na mão o punhal. Incumbe-vos, cidadãos jurados, pesar esta consideração moral na balança da justiça: reporto-me à vossa prudência.

A declaração dos jurados não se faz esperar. Maria é condenada à morte, e seus bens confiscados em proveito da República.

Carlota dirigiu-se ao defensor com voz firme e semblante sereno:

– Defendestes-me de uma maneira delicada e generosa, não tinha outra: agradeço-vos-la. Por ela vos dou um apreço de que vou dar-vos uma prova: estes senhores decretam a confiscação dos meus bens: devo alguma coisa na prisão; vós saldareis essas contas.

Carlota é reconduzida à prisão.

Ao padre que lhe enviam diz, sorrindo:

– Agradecei da minha parte a intenção às pessoas que vos mandaram: dispenso o vosso ministério.

No cárcere tem guardas à vista.

Carlota, escrevendo a uma sua amiga, dizia: «Estas companhias de dia, passe; mas de noite parece-me uma indecência!»

Quando o algoz a convida a acompanhá-lo, está ela escrevendo uma carta: pede-lhe que a deixe concluir e fechar.

É a seguinte:

«A Doulcet-Ponté Coulant.

Doulcet-Ponté Coulant foi um cobarde, recusando-se a defender-me, quando a causa era tão fácil. O que o fez, desempenhou o cargo com toda a dignidade: ser-lhe-ei grata até ao último momento.

Maria Corday.»

«Subindo ao teatro do seu suplício (diz o *Moniteur Universel*, que se imprimia uma hora depois), a sua fisionomia tinha ainda a frescura e o colorido de uma mulher satisfeita. O fatal cutelo decapitou-a. Um tal Legros, erguendo a cabeça para mostrá-la ao povo, esbofeteou-a. O povo murmurou, e o tribunal de polícia castigou a miserável

covarde.»<sup>2</sup>

Maria Corday deixou um nome para o culto de todas as gerações; mas o mistério teria morrido com ela, se algumas páginas do *Livro Negro* não viessem cingir-lhe o busto de uma auréola que não deixa ver-lhe na frente o estigma repulsivo do assassino.

---

<sup>2</sup> Vejam o *Moniteur*, do ano 2º da República Francesa, págs. 139, 245, 253, 255.

## XI

É necessário recuar.

O velho Benoit de Montfort, quando Luís XVI saiu do Templo para o patíbulo, abraçou-se a sua filha, pedindo-lhe para os poucos dias atribulados que lhe restavam um companheiro, o seu «filho» querido, que não largara de si os últimos anos de calamidades, porque só encontrara nele alívio aos desgostos que lhe apressaram a morte.

Este companheiro era o filho de Silvina. Susana concedeu-lho, porque as lágrimas do ancião eram tocantes, e o amor do moço, aos catorze anos, pelo velho a quem chamava pai, era a sua primeira e mais distinta afeição.

Montfort pedira um passaporte: não lho concederam. As cabeças dos nobres, tão culpados como ele, caíam em cada novo dia no estrado ensanguentado da véspera. O velho esperava, a cada momento, o algoz, quando um desconhecido o procurou no seu esconderijo, e depositou nas mãos de seu filho adoptivo um passaporte para Inglaterra, podendo levar um velho criado em sua companhia.

– O velho criado sois vós, senhor de Montfort, até sairdes as barreiras de França – disse o desconhecido. – Enquanto a vós, menino, conhecestes Laura?

Benoit já se não recordava do tempo em que fora Sebastião; não podia, portanto, recordar-se de Laura. Respondeu negativamente.

– Não importa. Este passaporte devei-lo a uma mulher que chamastes mãe, e o mundo chamava Laura... Saireis hoje de Paris.

O confidente de Marat deu um beijo no pupilo de sua filha, e retirava-se, quando Montfort, tomando-lhe a saída, lhe perguntou, em tom comovido pela gratidão:

– A quem devemos nós este obséquio? Quem é o nobre coração que se condói de um velho e de uma criança?

– Que vos importa o meu nome? Sou um cidadão da República Francesa, um cidadão da república de todas as nações.

– Quanto é apreciável a honra nestes dias de desenvoltura, em que até a memória parece esquecer-se das antigas virtudes! Quereis prestar ainda outro serviço a este pobre velho, que vo-lo suplica, chorando?

– Quereis dinheiro? Dar-vo-lo-ei.

– Não quero dinheiro: é um serviço por que eu vos daria todos os meus bens de fortuna, se ela não fosse, como brevemente será, confiscada.

– Dizei depressa, que não posso demorar-me.

– Alcançai-me um passaporte, para meus filhos me acompanharem.

– Quem são vossos filhos?

– É a minha filha única, Susana, casada com o marquês de Luso.

O cardeal Rufo não pôde esconder a comoção. Profundaram-se-lhe na testa dois sulcos: toda aquela fisionomia coloriu-se instantaneamente de uma palidez terrena; e dos lábios que se descerraram num indescritível sorriso, Montfort não lhe arrancou, ao menos, um *não*.

O cardeal voltou-lhe as costas, quando o violento abalo o deixou pensar no que convinha fazer. Montfort, impressionado pela mudança de rosto que lhe vira, não ousou impedi-lo na saída.

Este acontecimento, noticiado ao marquês, impressionou-o muito. Lembrou-lhe então o lance desde muito esquecido, o punhal no retrato, e a ameaça de um suposto pai de Laura.

Quis acautelar-se, mas era tarde. Os seus passos eram espionados de noite e de dia. Os seus criados eram subornados pelo ouro de um desconhecido, e o débil ânimo

com que a providência económica o enfraqueceu, caiu de todo.

Benoit de Montfort achou desimpedidas todas as saídas de Paris.

Em Londres encontrou a doce segurança do proscrito; mas as lágrimas nunca se enxugaram nas fundas rugas do velho camarista.

Valiam-lhe as consolações do que ele chamava filho, mas as consolações do moço eram quase sempre também misturadas de lágrimas. Jovem, a madureza do seu juízo começou muito na manhã da vida a atormentá-lo. Quando sentiu em si o homem que pensa, lançou os olhos em redor, e deparou com as cenas hediondas da revolução, e o pálido terror assombrando as faces daqueles que as não tinham salpicadas do sangue das vítimas. Os nomes que se pronunciavam a todo o momento eram Danton, Marat, e Robespierre. Ninguém falava de coisas que a sua alma procurava encontrar. Não se solenizava virtude alguma que viesse neutralizar a negrura do crime de todos os dias. Vivendo na corte com o camarista, amava os filhos do rei, beijava muitas vezes a mão do monarca bondoso, que expirava abençoando a França. Um peso de ferro caiu sobre tudo o que lhe vinha espontaneamente borbulhando do coração. Todas as flores da infância, exalando perfumes inocentes, foram esmagadas. Mais depressa que a todos os homens, o conhecimento da perversidade desceu a desmentir-lhe na consciência a confiança com que se sentia anelante por uma felicidade que não vira a ninguém. Algozes e padecentes era tudo o que o rodeava.

Benoit de Montfort esperava todos os dias a terrível nova do suplício dos seus. Não lha demoraram muito.

A *Gazeta Nacional*, sem personalizar as vítimas da carnagem de 3 de Setembro, falava de nobres e padres conspiradores, mancomunados com os estrangeiros. Um jornal inglês publicou os nomes de alguns, e entre esses encontravam-se: Susana Amélia Luísa de Montfort, ex-nobre, e o marquês de Luso, seu marido.

O camarista ignorou esta notícia até ao momento que as lágrimas incessantes do filho de Álvaro de Albuquerque lha revelaram. Nesse dia não recebera o jornal inglês, e compreendeu a significação desta falta.

Caiu doente. Não podia sustentar o repelão que a desgraça lhe dera. O fio delgado da existência já não podia fortalecer-lho o carinho do filho adoptivo.

Quando a medicina o abandonou, porque não conhecia o bálsamo da chaga aberta no coração do pai que perdeu uma filha, Montfort chamou um notário e declarou que, suposto terem sido confiscados todos os seus bens de raiz, todos os seus fundos em França, se algum dia se restabelesse a ordem, o seu herdeiro era seu filho Benoit de Montfort, que se achava presente.

Deu todas as formas legais a este testamento, e encarregou um lorde, seu velho amigo, da educação do seu filho, enquanto pudesse supri-la com os meios não abundantes que lhe podia dispor na terra do desterro. E, exaustos esses meios, acrescentava ele, meu filho que siga um qualquer destino que lhe dê honra e pão, até que um dia a Providência restitua à França o seu legítimo rei.

Poucos dias sobreviveu à sua disposição testamentária.

Horas antes de morrer, disse ao filho de Silvina:

– Há três anos que meu genro me entregou um património que vos foi legado misteriosamente. E um cofre de ferro; não sei quanto contém. Conduzi-o comigo, quando passámos uma Primavera na quinta de Cliton. Esse cofre poderás um dia encontrá-lo no quarto em que dormimos. Oculto pela cabeceira do meu lado, há um segredo que se conhece pelo som do toque. Não tem nenhum sinal exterior. Quebrando o estuque, encontrarás o teu cofre. Não te animo a que o procures antes que a paz se restabeleça, porque a tua vida não deve sacrificar-se a alguns punhados de ouro. Todos os meus bens, a esta hora são da nação; um dia te serão restituídos, e então procurarás

esse cofre que será uma migalha ao pé da riqueza que te deixo.

Apressaram-se, desde esse instante, os passos da morte. O ancião, vergado debaixo da vida, saudou-a com júbilo.

Morreu nos braços de Benoit. As suas últimas palavras foram estas: «Meu rei, o cadafalso separou-nos. Ter-vos-ia servido melhor, se o cadafalso nos aproximasse. Fui tão mártir como vós. Se vos sobrevivi, foi para sentir mais vagarosa a agonia da morte! Rei mártir, pede a Deus que não se perca na terra este órfão!»

E o órfão viu-se só no mundo. O lorde a quem fora confiado não era homem para aquela missão.

O seu primeiro desvelo foi enviá-lo para um colégio, como quem sacode dos ombros um cargo importuno. No centro dos condiscípulos, Montfort, como todos o denominavam, achou-se mais sozinho ainda. Quando queria povoar a sua vida, procurava a solidão. Mas a solidão não lhe bastava. Sentia-se impelido por uma actividade que o atormentava. Tinha quinze anos e ambicionava a espada do homem: cismava em batalhas, em triunfos, em grandes sacrifícios de sangue à memória de Luís XVI, que morrera assassinado entre as mãos covardes de uma população que ele odiava com rancoroso nojo. Padre Dinis, aos sessenta anos, dizia que a seu lado tinham caído todas as pessoas que quisera aproximar no seu coração. Benoit de Montfort, aos quinze, recordava os amigos que lhe deram a mão para do berço entrar no mundo, e desses não existia um. Laura esquecera-lhe. Susana, o marquês, e o velho, que lhe chamara filho, tinham saído deste mundo repelidos à ponta de punhal, ou macerados pela disciplina do infortúnio injusto. Os homens assassinaram os amigos do órfão: o órfão concebeu o ódio profundo à humanidade, e saboreou de antecipação o gosto de uma vingança.

Estas ideias, acolhidas e meditadas no coração de um mancebo, germinaram uma loucura. O coração não lhe cabia no peito, desde que uma espécie de fanatismo o induziu a tomar parte no banquete de antropófagos que se dava na face da Europa.

Montfort, com a intimativa de homem, pediu ao lorde seu director a liberdade. Pedidas explicações, não se recusou a dá-las. Queria correr os riscos, ou compartilhar nas glórias em que andavam empenhados os realistas na França.

O lorde riu-se da irrisória coragem da criança. Perguntou-lhe onde queria hastear o seu balseão guerreiro, onde é que David colheria a pedra com que partisse a cabeça do Filisteu.

Montfort respondeu que queria entrar no exército de Vendaia.

O lorde não foi insensível ao entusiasmo da criança. Recebeu-lhe a resolução como indestrutível. Seria loucura contrariar-lha, quando tão ilustres nomes se alistavam naquele punhado de homens, votados a um sacrifício sublime. Concedeu-lhe a licença pedida: deu-lhe cartas de alta protecção para La Rochejaquelein, general-em-chefe da força contra-revolucionária, e entregou-lhe algumas mil libras das que o «pai» lhe deixara para despesas da educação.

Partiu.



## XII

Montfort foi recebido na Bretanha como a última vergôntea da casa de Cliton.

As cartas apresentadas declaravam-no filho e herdeiro de Benoit de Montfort.

La Rochejaquelein recebeu-o como ajudante-de-campo, lisonjeando-se de tanta coragem nos dezasseis anos do dedicado mancebo.

O general Lescure alcançara triunfos rápidos, e levava o desalento ao exército republicano. Montfort distinguira-se em ímpetos de valentia, que o próprio general classificara de heroísmo louco. La Rochejaquelein, ferido na passagem do Loire, informado das proezas imprudentes do seu protegido, chamou-o a si, porque o reputou incapaz de exercer a responsabilidade dos seus actos. Esta opinião confirmou-lha o seu ajudante-de-ordens, quando lhe apareceu, com uma bala numa perna, pedindo, em recompensa dos serviços prestados, o comando de uma força de três mil homens.

O ferimento era leve.

Seguiu-se a batalha de Noailles.

A fortuna zombou dos valorosos esforços do general-em-chefe. La Rochejaquelein foi morto, salvando os «vendeanos» de uma inteira derrota. O ajudante-de-campo foi arrancado do redemoinho das balas segunda e terceira vez ferido.

O exército, indisciplinado, debandou. Alguns milhares de paisanos conservaram-se em armas, capitaneados pelo guerrilheiro Charette. Foi terrível e sanguinário. Não poupava a inocência, nem respeitava o pudor das mulheres. Montfort, que não associava a infâmia sórdida a uma vingança heróica, abandonou esse lacerado espólio de um grande exército.

Acordado daquele delírio de um ano, achou-se só, e refugiou-se em Inglaterra, onde encontrou honrosas informações da sua bravura, dadas por La Rochejaquelein.

Preparava-se então uma expedição contra a República. Eram mil e quinhentos os emigrados, seis mil prisioneiros republicanos, sessenta mil armas, e um equipamento para um exército de quarenta mil homens.

A frota inglesa desembarcou na península de Quiberon. Puisaye foi o primeiro que pisou terra de França; o segundo era um belo moço com o fogo do entusiasmo nos olhos e a vibração no grito glorioso do primeiro viva que as turbas saudaram com o frenesi da vitória.

A ilusão durou vinte e quatro horas.

O general Hoche, auxiliado pela traição dos prisioneiros, retalhou carniceiramente o pequeno exército dos emigrados.

O conde de Puisaye salvou-se, e os seus ajudantes-de-ordens compreenderam a inutilidade do sacrifício de si próprio, em uma luta desesperada.

O general voltou à Inglaterra com o estigma de traidor. Pediu uma residência no Canadá, onde morreu, mendigando, em 1827. Montfort achava sempre abertos os braços do lorde, que sentia pelo rapaz uma simpatia verdadeiramente inglesa, desde que o viu atacado de hidrofobia contra a França.

Estais cansados de guerras e políticas, leitores. Pesa-me de todo o meu coração andar convosco pela Vendaia, pelo Quiberon, a fazer-vos respirar o aroma da carnagem e o vapor da pólvora. Não vos impacienteis.

Cismeii longo tempo no modo como eu havia de ser-vos um leal narrador, sem ser importuno. Não se fazem tais milagres no romance histórico. Mondar os acessórios da essência deste complicado enredo, seria matá-lo, porque até aqui, a meu pesar, vos digo, o filho de Fr. Baltasar da Encarnação, escrevendo a sua vida, parece ter escrito alguns centos de páginas para a Revolução Francesa.

Se vos apraz a continuação da verdade, saibamos os novos planos de Benoit de Montfort.

Bonaparte acabava de assumir o comando do exército de Itália. Aquele nome era apregoadado com ruído, e o Directório confiava nele o desempenho de um repto a toda a Europa.

O jovem general ganhara batalhas sucessivas, desde Castiglione até Viena.

Muitos realistas franceses militavam no exército austríaco. O ensejo, para a distinção de um moço sedento de batalhas, era precioso. Montfort, munido de recomendações, entrou nas fileiras da Áustria com a patente que exercera na Vendeia e nas praias de Quiberon.

Bonaparte repousava de fadigas no quartel-general de Montebello, depois do tratado de Campo Fórmió. A intriga, valendo-se do descontentamento do Directório, minava a reputação do conquistador da Lombardia. Napoleão meditava um golpe profundo nos seus inimigos, e um arrojo desmedido para as ambições de um homem que não fosse ele.

Ao mesmo tempo a Inglaterra tramava a morte de Bonaparte. A infame, nutrida de traições, cevada no sangue que tão robusta a engrandece da sua pequenez primitiva para uma magnificência perecedoura, parece que farejava nos passos de Bonaparte os vestígios de um poderoso inimigo.

De inteligência com a Áustria, traçou o plano, cuja execução foi cometida, por insinuações de Inglaterra, ao jovem Benoit de Montfort, cuja valentia era classificada em fanatismo ou desprezo da vida.

O lorde, curador da educação de Montfort, pintou ao seu pupilo, em frases entusiásticas, o golpe mortal que o exército francês receberia na pessoa de Bonaparte. Proporcionava-lhe todos os meios, contanto que um punhal certo pudesse chegar ao coração do general. Mandava-o entender-se com uma alta dignidade, residente em Viena, e prometia-lhe uma promoção deslumbrante no exército austríaco ou no britânico, se lhe aprouvesse servir a Inglaterra.

Ao mesmo tempo, Bonaparte recebia em Montebello uma confiança escrita, que lhe era ministrada por um nobre emigrado em Londres, convertido à espionagem pela promessa de entrar em França, e reaver os bens confiscados pela República.

Bonaparte estava senhor do segredo. O seu sono ligeiro, mas tranquilo, não foi perturbado. Apenas escreveu na carteira: «Benoit de Montfort, representante dos Montfort, idade dezoito anos, ajudante-de-campo de um general austríaco.»

Montfort procurou o alto dignitário que lhe fora indicado em Viena.

Achou-se num vasto aposento, ricamente ornado. A pessoa que procurava saíra momentos antes e voltaria breve. Montfort esperou. Alguns segundos depois, entrava nessa sala uma dama, que, pelo desembaraço, devia ser da casa. O ajudante-de-ordens cumprimentou-a.

– Quem procurais? – perguntou ela.

– O senhor cardeal.

– Já lhe noticiaram a vossa vinda?

– Disseram-me que Sua Eminência não estava em casa.

– Não poderá demorar-se. Enquanto não vem, eu volto já a tornar-vos, se for possível, menos fastidiosa a espera.

E entrou para o interior do palácio.

Esta senhora representava trinta e tantos anos. Recordava uma beleza peregrina. Os olhos, meio apagados de um lume que devera ter-lhe queimado o coração, eram ainda belos. A pele tinha aquele aveludado da camélia, que definha na atmosfera cálida de um baile.

Mas o garbo e gentileza dos movimentos não podia ter sido mais flexível.

– Eis aqui uma impressão nova! – murmurou Montfort quando ela saiu.

Era, com efeito, uma impressão nova para ele. Qual ela foi, o modo como ele a recebeu, como é que essas impressões se contam, é o silêncio nos corações nóveis, e uma abundante florescência de palavras melodiosas nos corações adultos; mas, por fim, são de língua desconhecida, enigma indecifrável para o coração juvenil, e para o que já tem sentido repetidas impressões da mesma força.

Montfort vivera até então numa esfera de sensações, num delírio de entusiasmos, que lhe excitavam no coração todas as cordas que respondem nele às paixões fortes.

Paixões brandas, essa voluptuosidade espiritual, que nos amanhece no curto dia do amor ingénuo, essas ainda ele as não sentira.

Não se tivera achado ainda na carreira onde elas nos vêm ao encontro. A glória, que ele associava à rude paixão da vingança, trazia-o alheado a todas as outras ambições. Não conhecia as salas, porque se reconhecera homem em Inglaterra, onde as salas não são o receptáculo de afectos nascentes, onde a sedução não capricha em seus triunfos; onde enfim a mulher não vem oferecer-se aos olhos ávidos, como mercadoria, que perde muito, se a transportam da sala perfumada, da vertigem das nocturnas ilusões para o claro dia da vida doméstica, para o positivo cálculo do viver em família.

Em Inglaterra não se estranham as transições, porque a mulher é sempre a mesma, O fastio insulso que lhe traz a fisionomia em permanente enjoo, é sempre o mesmo. O salão não é a antecâmara do tálamo nupcial. Há naqueles grupos de mulher e marido alguma cousa que vos faz pensar que, debaixo daquele céu de fumo, casa-se por *spleen*, vive-se para provar que o *spleen* não é uma palavra sem significação, e morre-se em suicídio serenamente para fazer as últimas honras ao *spleen*.

Montfort não se dera a pensar nisto, porque o tempo não lhe sobrava dos seus frenesis belicosos. Eram-lhe indiferentes todas as mulheres, porque nem sequer tivera um instante de se interrogar sobre a utilidade desta metade ilustre do género humano.

A mulher de Viena foi, portanto, a primeira que imprimiu na sua alma um ponto da admiração, e outro de interrogação.

Admirou-a, e perguntou a si próprio que género de sentimento novo era aquele.

A austríaca, como ele a supunha, voltou depressa.

– Sois inglês? – perguntou ela.

– Não sou inglês, minha senhora. Vivo em Inglaterra.

– Sois acaso algum prisioneiro francês?

– Não sou. Bem vedes que o meu fardamento é inglês.

– Desculpai a minha curiosidade; mas é preciso que digamos alguma cousa. Estais há muito tempo em Viena?

– Cheguei ontem: venho militar no exército austríaco.

– Odiais a França?

– Odeio a República, odeio o açougue em que foram espedaçados os homens que honravam a França... É necessário que os algozes, para honra da humanidade, se vão despedaçando reciprocamente... Desculpai, senhora, esta linguagem imprópria para falar-se a uma dama; mas, como vós dissetes, é preciso que digamos alguma cousa.

– Sinto passos... Creio que chega a pessoa que procurais... Espero ter ocasiões de continuar o prazer de ouvir-vos.

A dama ergueu-se e retirou-se com presteza. O dignitário, esperado, entrou na sala.

Montfort, quando o viu ao fundo da sala, aparamentado com as insígnias simplices de cardeal, foi encontrá-lo, com reverencioso respeito, para beijar-lhe a mão. Já perto dele, recua, e fixa-o com ar de estupefacto.

O cardeal encara-o também, mudando de cor; mas, de um para outro momento, a sua surpresa desaparece, e a cor natural desmente o reparo com que respondera ao espanto do hóspede.

– Parece que vos impressiono extraordinariamente! – disse tranquilamente o cardeal.

– Decerto impressionais, senhor! Eu sou aquele a quem destes um passaporte em Paris...

– A quem dei um passaporte em Paris... Olhai que eu nunca fui *maire*, senhor! Precisamente procurais outro homem. Eu sou o cardeal Rufo; vivo na Áustria, fugido de Nápoles, e não me recordo de vos ter visto alguma vez.

– Pois não fostes vós que, há três anos, estando eu na companhia de Montfort...

– Não tenho a honra de vos conhecer, nem à pessoa de quem me falais; creio que tenho dito bastante para que me não magoeis, duvidando da minha palavra. Sois enviado de Lorde Greenville?

– Sou: e tenho a honra de apresentar-vos...

– As vossas credenciais... – disse o cardeal sorrindo.

Abriu a carta. Leu-a rapidamente, dobrou-a, e mandou sentar o portador, que não podia convencer-se de que estava iludido a respeito do encapotado que lhe dera o passaporte.

– Falemos, que ninguém nos escuta – disse o pai de Laura. – Tendes o preciso ânimo para acabar com a empresa começada?

– Creio que tenho.

– Pois, se credes, nada vos falta: a fé é a mola que faz transportar as montanhas. Dizem-me que quereis passar ao exército francês, a título de apresentado. Quereis não só espionar os movimentos de Bonaparte...

– Eu não vou espionar os movimentos do Bonaparte... Não aceitei a vil comissão da espionagem... O meu fim é outro...

– O vosso fim é cortar o mal pela raiz. Quereis livrar a Europa de um aventureiro que a incomoda. Estais espiritualizado do ânimo de Carlota Corday contra o Marat, que renasceu das cinzas de outro.

– Justamente...

– Que vos falta para tentardes esse heroísmo sublime, esse feito que fará esquecer Codro, Cúrcio e Bruto?

– Não me faltará nada, se me concedeis as guias que me garantam uma livre passagem até à Sardenha.

– Não encontrareis embaraço algum. Se a fortuna vos for avessa, a fama vos indemnizará. Se o resultado for tal, como vo-lo desejo para bem do mundo, e especialmente da Itália, que esse aventureiro reduz a cinzas, sereis o primeiro homem deste século. Recebei a bênção dum príncipe da Igreja e um abraço de um companheiro de batalhas, que tem sabido merecer bem o nome de *cardeal-general*, na defesa da pátria e da Santa Religião Católica Apostólica Romana.

– Quando devo partir?

– Hoje mesmo, se vos apraz.

Montfort olhou casualmente para a porta mal cerrada por onde saíra a dama, e viu uns olhos que eram os dela. A dama, surpreendida, retirou-se. Montfort beijou a mão ao cardeal, e saiu...

.....

– Tive hoje um encontro extraordinário, Luísa – dizia o cardeal, depois do jantar, animado pelas franquezas do último copo de siracusa, a sua filha que, catorze anos antes, se chamara Laura.

– Um encontro extraordinário! que foi, meu pai?

Vi homem uma criança que há catorze anos se chamava Sebastião.

Laura empalideceu. O cardeal continuou, sem reparar na fisionomia dela:

– Saiu um herói! se não morrer por estes quinze dias, será o primeiro homem da história contemporânea.

– Onde o viu, meu pai? – perguntou ela com voz trémula.

– Esteve em nossa casa alguns minutos.

– Esteve em nossa casa!... Era aquele militar!...

– Não pensei que o viras!... Está bem mudado, não está?... Agora, minha filha, a este respeito, silêncio dos túmulos... Vamos à sala que nos esperam visitas...

Laura não se erguia da cadeira.

– Então?! – disse o cardeal.

Não se moveu. Tinha desmaiado.

– Eis aqui uma organização bem fraca! – murmurou o assassino do marquês de Luso. – Transportai a senhora ao seu leito, que está incomodada – disse às criadas passando para a sala, onde era esperado.

## XIII

Montfort achou francas todas as passagens até ao coração da Itália. Foi recebido no primeiro piquete do exército francês com aclamações. Atravessou, bem acolhido, alguns quartéis-generais, até chegar a Montebello, residência de Bonaparte.

A sua patente de ajudante-de-ordens, embora trânsfuga de um exército inimigo, autorizava-o a querer apresentar-se a Bonaparte.

Fizeram saber estes desejos ao general.

Respondeu que o receberia com muito gosto, e mandou retirar os ajudantes-de-ordens que o rodeavam, e os diplomatas que ouviam o oráculo com respeitoso silêncio.

O filho de Álvaro de Albuquerque achou-se na presença de Napoleão.

– Sentai-vos nessa cadeira – disse-lhe este com afabilidade, indicando-lhe a cadeira que o colocava três passos distante da mesa em que Bonaparte escrevia as últimas palavras de uma participação.

Montfort tirava do bolso um lenço para limpar o suor, e sentiu correr-lhe nas veias uma sensação estranha, quando o general lhe lançou de lado um olhar indefinível.

– Sei que vindes servir no exército francês.

– E verdade.

– Sois francês, por consequência.

– Sou... francês.

– Não titubeeis nas respostas. A firmeza do ânimo revela-se na firmeza da palavra.

De que departamento sois?

– Do Sena.

– O vosso nome?

– Séverin de Tayrai.

– Sois nobre, por consequência. Como quereis servir o Directório, que representa Danton, Marat e Robespierre, que naturalmente vos perseguiram? Não me respondeis, senhor de Tayrai?

– Penso que não sou obrigado a dar-vos uma explicação tão minuciosa dos motivos que me trazem ao serviço da França.

– Eu gosto que os soldados da República, antes de valorosos, sejam honrados: valentia não inspirada pela honra, não se impõe à admiração, nem deve ser galardoada pela República. Se arriscais a vida na defesa de uma causa que vosso pai, como nobre, amaldiçoou, a vossa morte pela República seria uma desonra... Senhor de Tayrai, quem abusou dos vossos dezoito anos, mandando-vos aqui?

– Vim espontaneamente... não entendo bem a vossa pergunta.

– Se estais de face a face com Bonaparte, porque não cumpris o encargo de homicida que voz traz aqui?... Vejo que descorais!... Essa mudança de cor faz honra ao vosso coração. Falta-vos ainda muito para vestir a face da máscara da impassibilidade. Aproximai-vos de mim, que já vos não receio, Benoit de Montfort.

O moço, aterrado, ergueu-se maquinalmente.

Não teria coragem para defender-se de uma agressão. Ouvir o seu nome proferido por Bonaparte, foi colocar-se entre a misericórdia do feroz vândalo da Itália e as seis balas de um espingardeamento sem processo.

– Sentai-vos nesta cadeira – continuou Bonaparte, tomando-lhe a mão, que tremia.

– Este vosso tremer não é cobardia: é uma surpresa que vos não deve trazer nunca uma recordação ignominiosa. Dizei-me, meu audacioso jovem, vosso pai, o senhor de Montfort, ainda vive?

– Morreu em Londres.

– Só assim se explica a vossa assistência aqui. Benoit de Montfort não consentiria que seu filho assassinasse Bonaparte; porque Bonaparte foi conduzido pela mão de Montfort ao ministro da Guerra, quando foi necessário dar-se no exército uma posição a Bonaparte. Quem dirige vossos passos, desde que vosso pai morreu?

– A minha vontade livre.

– Vejo que recuperais uma soberania de respostas que vos fica bem. Quero-vos assim corajoso, porque se me afigura encontrar um amigo ou inimigo que não empalidece ao meu interrogatório. E viestes espontaneamente aqui?

– Espontaneamente.

– Excepto a vítima destinada, que sou eu, ninguém sabe das vossas intenções?

– Alguém as sabe.

– Quem?

– Não denuncio.

– É nobre a resposta. Lorde Greenville, com quem estivestes a doze do corrente mês, não seria talvez capaz de recompensar com uma saudade o vosso segredo, se eu vos mandasse arcabuzar debaixo destas janelas. Continuai a ser assim honrado com os vossos sócios de desonra. Porque odiais Bonaparte?

– Não tenho ódio pessoal a Bonaparte.

– Sentis por ele a simpatia do punhal. Sou-vos indiferente?

– Indiferente.

– Terrível indiferença a que se manifesta por um acto de rancor, dos que nos são provocados por um inimigo irreconciliável!... Não abuso do vosso silêncio. Quereis uma guia para tornar à Áustria? Quereis que vos mande pôr a bordo de um navio inglês? Quereis entrar em França como um protegido de Bonaparte, que será um depósito sagrado, que eu confiarei aos meus amigos? Escolhei.

– Não posso responder-vos já, senhor. Sinto-me confuso, de modo que não sei abraçar nenhuma das vossas generosidades. Dai-me algumas horas para que eu possa meditar.

– Meditai. Se quereis um quarto de soldado nesta casa, dou-vo-lo francamente, como vosso pai me deu em Paris, um dos seus, sendo eu um simples soldado de artilharia. Aceitais?... Aproveito o vosso silêncio...

Napoleão sacudiu uma campainha.

Entrou um ajudante-de-campo.

– Conduzi o meu hóspede a um quarto vago.

– Não há nenhum, general.

– Dai-lhe o meu.

– Não aceito... – murmurou Montfort.

– Aceitai: *dormirei ao pé de vós*.

As palavras sublinhadas foram pronunciadas com força muito significativa para o filho de Silvina.

Conduzido ao quarto de Bonaparte, e deixado só, Montfort suspirou do fundo do peito um desses ais que parecem saltar de sob um peso que nos esmaga. O conflito de que saíra deixara-o num jogo de paixões adversas, que lhe escaldavam a cabeça. A perplexidade durava ainda.

A confusão das suas ideias não o deixava encontrar uma só, que o definisse. Em elogio à bela alma, que devia produzir um grande homem, digamos que a vergonha era o mais pungente espinho que o mortificava então. E a par da vergonha, os sentimentos generosos vinham de tropel à superfície daquele coração, falsificado pelo ruim espírito da vingança, pela ânsia fervente de uma glória cujo brilho o deslumbrava de modo que a negrura da infâmia, preço dela, não podia ser vista por olhos de moço sem a consciência

da verdadeira glória.

– Que grande homem aquele! – dizia Montfort, apoiando a cabeça entre as mãos.  
 – Que império tão fácil ele alcançou sobre a minha vontade! E este o feroz Bonaparte que me pintaram em Inglaterra? São os grandes perversos os que assim dão testemunho de uma virtude que eu julguei impossível!...

Napoleão interrompeu o mudo monólogo do seu companheiro de quarto.

– Venho ver se vos aquartelaram convenientemente, cavalheiro... Sentai-vos. Se quereis descansar, atirai-vos a esta cama.

– Não tenho necessidade de descanso.

– Nem ao menos vos fatiga o espírito?

– Esse... sim.

– Não pensem por enquanto nos meus quesitos. Amanhã me respondereis. Vou passar uma revista ao exército de Itália. Temos brevemente de dar um abraço em Viena, e é preciso insuflar no soldado o afago necessário para que o abraço seja bem carinhoso...

– Se me permitis, general, acompanho-vos.

– Se vos apraz, montareis um dos meus cavalos.

– Irei a pé.

– Aqui neste quartel-general, reina o despotismo:

ireis a cavalo. O pior é que a vossa gola é inglesa de mais para agradar aos vossos patrícios.

– Nesse caso, não irei. Ou dai-me tempo para que eu arranque esta gola.

– Mas, se vos virem no meu estado-maior, julgarão que sois meu ajudante, e a vossa honra pode ofender-se com semelhante conjectura.

– A minha honra...

– Continuai, Montfort... *A vossa honra...*

– Perdoai-me, general... Não posso continuar...

– Falai... cedei à nobre inspiração que vos faz subir à face o rubor do entusiasmo...

Nas faces do moço rolaram duas lágrimas.

– Que é isso, cavalheiro? Lágrimas em rosto de soldado anunciam uma grande dor ou um grande heroísmo no coração! Montfort! Viva a França!

Napoleão abraçara o moço, que tremia sacudido pela electricidade das suas últimas palavras. Montfort, que, no delírio da falsa glória, se fizera homicida voluntário, foi instantaneamente acessível ao entusiasmo, ao delírio de uma outra glória, que parecia projectar-se-lhe do olhar ardente de Bonaparte. A sua resposta ao brado do general foi o silêncio, e esse silêncio era a única resposta que poderia dar-lhe o moço de dezoito anos, sopitado sob a influência de uma espécie de terror santo. Quis fingir ânimo varonil; mas traiçoearam-no as comoções da sua idade. Napoleão compreendeu-o. Tomou essa postura de braços cruzados que o acompanha na imortalidade do busto, e disse:

– Olhai que nos esperam, *meu* ajudante-de-ordens.

Montfort correu a abraçar Bonaparte. Quase se vergava sobre os joelhos; mas os braços do general ergueram-no.

Entrava um ajudante-de-campo.

– General – disse ele – quando vos aprouver...

– Marbois, dai um dos vossos casacos ao nosso camarada. Vinde ter comigo, que eu espero-vos a cavalo.

.....  
 Benoit de Montfort esporeava um feroso andaluz, no estado-maior de Napoleão.

Em Inglaterra, esperava-se a cada momento uma grande notícia.



Em Viena, Laura pedia a Maria Santíssima que protegesse o seu pupilo.

O cardeal Rufo calculava as consequências da morte de Bonaparte, e enviava para a Itália proclamações assinadas por *cardeal-general*. Assim o conheciam, e Sua Santidade, fazendo-o seu tesoureiro, mostrava que o homem era digno de o ser. Infalibilidade!...

## XIV

Montfort, desde esse dia, reconheceu em si um homem diverso. Um resplendor de luz, não vista nunca, irradiava-lhe a existência de visões estranhas, que, mais tarde, padre Dinis denominava os delírios da felicidade.

Bonaparte, por um desses caprichos peculiares aos homens extraordinários, chamara o jovem à sua intimidade.

Entre Augereau, Massena, Sérurier e La Harpe, via-se Benoit de Montfort, no gabinete do vencedor de Wurmser.

Mais privadas eram ainda as práticas de Bonaparte com o seu ajudante. O espírito do futuro imperador dos Franceses expandia-se às vezes em revelações que o atraíam, se as deixasse transpirar na presença dos velhos generais. Montfort compreendera-o, porque o seu desejo era que a revolução gemesse um dia, esmagada debaixo do pé do gigante.

Compreendera-o, e parecia delicadamente afagar as intenções de Bonaparte, estimulando-o a que restituísse à França os seus melhores filhos desterrados, para, ao menos, procurarem as ossadas de seus pais.

O acaso ou a indústria fez que a palavra «legitimidade» não soasse nunca nos lábios do jovem ajudante. Se a pronunciasse, teria talvez caído na desgraça do aventureiro, que via a coroa por detrás do Consulado. Montfort conhecia Bonaparte. Afora ele, Bonaparte era um segredo, que aterrava os políticos inermes do Directório, mas ninguém designadamente marcaria a baliza que o ambicioso pisaria com o pé atrevido para passar além.

– Sereis um grande homem – dizia Napoleão a Montfort – quando eu por esforços incalculáveis tiver feito esquecer à França os seus grandes crimes. O sangue de Luís XVI tem sido usurariamente expiado. Os algozes despedaçaram-se, impelidos uns contra os outros pela mão da Providência. Hoje, há uma só missão para o homem que quiser uma reputação mais ilustre que a da Vergnia e Desmoulins: há-de reconstruir de ruínas ensanguentadas um edifício novo; há-de apertar ao coração num só abraço todos os filhos da França; há-de restituir a Deus o império absoluto da sua supremacia; há-de chamar o sacerdote para o altar, e erguer nesse altar a antiga imagem do Crucificado; há-de restituir à França os seus velhos gauleses.

Foi assim que Napoleão fanatizou Montfort. O usurpador profetizava em melodioso estilo os seus troféus sobre a imoralidade.

Foi franco. Se a usurpação era um crime, geravam-se do mau germen excelentes virtudes, que Luís XVIII desbaratou mais tarde .....

.....  
O exército francês levantou de Montebello a encontrar-se com o do príncipe Carlos. O inimigo voltou a face para a Alemanha.

Bonaparte perseguiu-o no território austríaco, e avistou Viena, que vomitava dos flancos a explosão de uma cidade incendiada.

Montfort teve orgulho de desembainhar a espada ao pé de um homem que sorria a cada zumbido de bala, que passava entre os bravos de Roveredo, deixando um sulco de sangue sobre uma esteira de cadáveres.

O assalto ia ser decisivo, quando o imperador de Áustria implorou a paz. Napoleão recusou diante da cobardia, e levou à França o domínio dos estados de Veneza, como páreas dos reis vencidos. O vencedor de Itália atara ao carro de triunfo a soberania do rei de Sardenha, do papa e dos duques nominalmente reinantes.

Bonaparte é recebido em Paris com frenéticas ovações. Erige-se o altar da pátria, e

o pacificador do continente é coberto por um pavilhão de bandeiras conquistadas. O leopardo da Grã-Bretanha é ameaçado pelas águias vencedoras. Bonaparte é o eleito para passar uma esponja de sangue sobre a rancorosa inimiga da França, e riscá-la do mapa.

Montfort, reconhecido pelos republicanos como filho do camarista do tirano, como eles denominavam o manso cordeiro da hecatombe, torna-se suspeito a Barras. Bonaparte protege-o, e ninguém ousa denegrir os bons serviços do ex-nobre à causa do povo.

Montfort recorda-se ainda do palácio em que fora criado nos braços de Susana. Procura encontrar aí as saudosas recordações de infância, e depara com um armazém militar. Bonaparte, que o ouvira falar dessa casa com amargura, tocou-lhe no ombro, e disse-lhe, sorrindo:

– Deixai beber a sanguessuga. Um dia estoirará de farta, e esse palácio será vosso.

A expedição contra Inglaterra fora uma cabala política para contrariar as intenções de Bonaparte, suspeitas ao Conselho dos Quinhentos.

Preconizam-se as vantagens de uma expedição ao Egipto, para ferir de soslaio a potência inglesa, e Bonaparte é aclamado general-em-chefe.

Partiu.

– Voltaremos... Querem-me longe de França... E cedo ainda... – disse ele ao seu ajudante-de-ordens que o Directório promoveu, por insinuações do general, a coronel de cavalaria. Contava apenas vinte anos incompletos.

Malta, a inexpugnável, abriu as suas portas ao raio do Ocidente. Alexandria gela-se de terror. Murad-Bey borrija com o seu sangue as pirâmides do Egipto. Bonaparte entra no Cairo, e daí envia por Kléber e Desaix algemas à raça degenerada dos Faraós. Condena a Síria à servidão. Atila passa sobre El-Arich, Gaza e Jafa; mas, em redor dos muros de São João de Acre o flagelo de Deus pune o desmedido orgulho do homem. A hoste invencível é rareada pela fome e pela peste.

Napoleão recua sem desdouro, e vem em Aboukir vingar a afronta providencial.

Montfort, por cada ferida que recebera sempre de face com o inimigo, atou um novo grilhão às simpatias de Bonaparte.

– Agora é tempo – disse-lhe este, depois da batalha de Aboukir. – Vamos para França.

Em 1799, o vencedor de Itália surge de improviso em Paris. Reina o descontentamento. O Directório está desacreditado. O Conselho dos Quinhentos é expulso de Saint-Cloud à ponta da baioneta. Bonaparte nomeia-se cônsul. Seguem-se Hohenlindem e Marengo. Consolida-se a reputação do grande homem. Voltam os desterrados. Assumem a sua dignidade os sacerdotes de Cristo. Levanta-se o confisco da propriedade. A França prospera. Bonaparte é coroado imperador pelo pontífice que, inspirado pelo Espírito Santo, ungiu dos sacros óleos a usurpação.

No mesmo dia, 2 de Dezembro de 1804, Benoit de Montfort, filho de outro Benoit de Montfort, é agraciado com o título de gentil-homem e duque de Cliton, por ser Cliton o velho solar de seus avos.

## XV

O filho de Silvina tinha vinte e seis anos. Completava-se aquela bela organização. Uma fronte larga, serena e lisa, sem uma ruga de sofrimento precoce, era a feição mais distinta que vos mandava reflectir, porque a reflexão estava ali escrita, e tudo que a fantasia inventa grandioso e severo parece ali transparecer e irradiar-se. Olhos grandes e negros, profundos no olhar, faltava-lhes só o movimento vertiginoso nas órbitas, o lance perscrutador e febril, que tanto fala e tantas vezes vos assegura que dentro existe um motor de paixões frenéticas, uma inquietação, quase sempre peculiar do génio. Era pálido. O sol ardente dos arraiais queimara o aveludado das mimosas feições, que disputavam a brancura ao lírio. Era magro, magro talvez em excesso, mas as sombras profundas que lhe desciam dos malares aos cantos dos lábios, imprimiam no composto daquela fisionomia um sinal de dor que cativava a simpatia, estimulando a curiosidade das mulheres. Eram belos os lábios; mas não sabiam as delícias do sorriso brando, nem assustavam com visagem do sarcasmo. Os cabelos negros ondeavam-lhe nos ombros, e o bigode, cor dos cabelos, espesso e recurvado, cavava, por assim dizer, mais fundas as sombras cadavéricas.

Quem, vinte e seis anos antes, visse, em Roma, Álvaro de Albuquerque, diria ao filho de Silvina: «Teu pai não era Benoit de Montfort.»

O duque de Cliton, sem mais habilitações que o testamento do pai de Susana, e a vontade do imperador, achava-se na posse de uma grande casa. Nenhum ramo dos Montforts ousou questionar-lhe o direito. Pelo contrário, honravam-se eles todos de tal parente, e acolhiam-se à sua protecção para que ninguém lhes impedisse a posse dos bens confiscados. O duque tinha de Napoleão carta branca. A sua vontade era omnipotente, suposto que mui raras visitas fizesse à corte.

O gentil-homem foi a Cliton. Deitou-se no leito onde dormira os sonos da inocência. Consagrou as saudosas lágrimas à memória do velho Montfort, e perguntou à sua consciência se tanta saudade poderia dar-se em coração que não fosse de filho.

As notabilidades de Angoulême vieram cumprimentá-lo. Os realistas de Luís XVIII, seus companheiros de Vendaia, perdoaram-lhe a apostasia. Entre estes, o que mais cordialmente o abraçara, foi o visconde de Armagnac, moço de sua idade, gentil-homem também, e valente como ele em loucas temeridades, sob as ordens de La Rochejaquelein.

O duque sentiu pelo visconde uma dedicação distinta. Precisava de uma outra alma, porque a de Napoleão era pouca para as vertigens da glória: encontrou-a no visconde de Armagnac, mais cultivada que a sua em dotes da inteligência, e mais experimentada nas pequenas coisas da vida que os grandes homens ignoram, e morrem ignorando.

Inseparáveis, fizeram pacto de serem uma alma, uma mesma vontade e uma recordação das famosas amizades, que tanta honra davam à antiguidade.

O duque reservou apenas um segredo para si. Não disse nunca as dúvidas em que estava do seu nascimento. O segredo não era do escrúpulo.

Visitou o esconderijo que o moribundo Montfort lhe ensinara. Encontrou um cofre. Abriu-o. Viu uma grande porção de dinheiro que não contou. Além do dinheiro, viu objectos que o impressionaram, e foram, longo tempo, o flagelo da sua curiosidade.

Eram *adresses* de mulher. Um cinto com uma preciosa fivela de brilhantes. Objectos de toucador, de ouro e pedras finas. Um colar de diamantes com uma lâmina de ouro em que se viam entrelaçadas duas letras, um A e um S. E de envolta com objectos de tão suave melancolia para a alma do poeta, assombrado pelo mistério, via-se

um punhal de luzente aço, e cabo de ouro. Cada face da lâmina tinha uma legenda. Em uma: Múcio Cévola. Em outra:

MORTE A PORSENA!

O que pôde aqui descobrir já foi muito para a sua imaginação atormentada: conheceu que a legenda era portuguesa. O duque sabia com perfeição o idioma do marquês de Luso, porque Susana, em lisonja a seu marido, quis aprender e falar sempre o português.

Supersticioso, achou naquele depósito um selo sagrado: conduziu-o consigo para Paris. O dedicado visconde de Armagnac acompanhou-o, e foi seu hóspede.

Abre-se um novo ciclo na existência do filho de Silvina.

Paris recorda os tempos da Monarquia. Depois dos gritos sanguinários renascem os cantos voluptuosos. Marte esconde a face belicosa, e Vénus, engrinaldada, ostenta-se em todo o viço, reanimado do repouso forçado de vinte anos. As mulheres do Império são belas como as mulheres da Monarquia.

Napoleão autoriza, com o exemplo da corte, a libertinagem. Abrem-se os salões e o duque de Cliton é o ornamento dos mais distintos.

As emoções que aí recebe são froixas.

As mulheres reputam-no cansado ou orgulhoso. O visconde de Armagnac espanta-se da gélida impassibilidade do seu amigo.

– Não te animas, duque? – perguntou-lhe o visconde num baile da corte.

– Estou animado; mas onde está a duquesa de Bouillon? Queria ver essa mulher.

– Que curiosidade é essa?

– É uma justa curiosidade. Disseram-me que esta mulher fora tomada nas bagagens de uma guerrilha da Calábria, por Paulo Luís Courier.

– É verdade.

– Acrescentaram que o general da divisão se apaixonara por ela, de modo que a roubou a Courier, e não duvidou casar com ela.

– Também é verdade.

– O general é duque de Bouillon...

– Quando tu foste duque de Cliton.

– E a vivandeira, por consequência, é duquesa de Bouillon.

– E que tem isso?

– Nada de extraordinário, se a duquesa for uma linda mulher...

– É linda quanto pode sê-lo uma mulher de quarenta anos, pelo menos...

– Já a viste?

– Falei hoje com ela em casa da marquesa de Alibaud. Tem cabelos brancos, e é um anjo. Fala como quem quer matar falando. Diz cousas com uma linguagem magnífica. Tem abstracções encantadoras. Está falando em flores, e de repente fala-te em guilhotinas. Se lhe falas de amor, ri-se com uma amargura que te gela. E o pior é que sinto disposições de sobejo em mim para amá-la... Desde já, meu caro duque, exceptuo esta mulher das tuas conquistas: de resto, concedo-te em homenagem todas as outras. Ela aí vem... Eu apresento-te.

Aproximaram-se da duquesa, que entrava pelo braço de Luciano Bonaparte.

O duque de Cliton fixou-a com estranho reparo. A duquesa tremeu, comprimindo o braço de Luciano.

– Honro-me, apresentando-vos, senhora duquesa, o duque de Cliton.

A dama abaixou a cabeça, e quase arrastou Luciano Bonaparte fora do grupo que a rodeava.

– Aqui há um segredo! – disse o visconde. – Conheces esta mulher?

– Penso que sim.

– Onde a viste?  
 – Em Viena de Áustria, em casa do cardeal Rufo.  
 – Não te enganas?  
 – Creio que não. Foi há oito anos... Não podia esquecer-me, porque me impressionou muito. É bela ainda como era então.

– Que houve entre ti e ela?

– Absolutamente cousa nenhuma. Uma troca de palavras sem importância, durante seis ou sete minutos. E nunca mais tornei a vê-la, suposto que muitas vezes tentasse informar-me do seu destino. Como foi esta mulher parar na Calábria? Do mesmo modo que parou em Paris! Vou vendo que há coisas muito singulares neste mundo. O fumo da pólvora não me deixava ver a sociedade! Agora *cedant arma*, e triunfem, não direi as togas, mas os vestidos sim.

Foram interrompidos por Luciano Bonaparte:

– Que fizeram os olhos dos cavalheiros à duquesa de Bouillon?

– Vossa alteza verá que os olhos do duque confessam a culpa...

– Não sei o que foi... A duquesa retirou-se.

– Retirou-se! – exclamou o visconde.

O príncipe alongou-se do grupo.

– Não foste verdadeiro, duque! – disse o visconde com ressentimento. – Tu amaste aquela mulher...

– Podia amá-la. Posso ainda hoje se ela tiver esse capricho.

– Seria um acto bem desagradável...

– Para ela? Não entendo bem...

– Para ambos nós...

– Parecemos duas crianças, visconde. Eu sei pouco do mundo; mas tu pareces-me um rapaz de colégio que veio passar as férias em Paris. Sejamos homens ou caminhemos cada um para seu lado.

A intimativa destas palavras, franziu a testa do visconde. Separaram-se por entre os grupos de generais, titulares e diplomatas, que se embriagavam *patrioticamente* no esplêndido festim que o usurpador lhes dava. Os filhos dos guilhotinados exultavam, esquecidos dos pais. Os republicanos convictos transigiam com a monarquia mascarada. Naquele tumultuar vertiginoso, um espírito sério julgaria ver o despotismo, vestido de histrião, sacudindo os guizos e escarnecendo os servos agaloados de ouro.

Onde estavas tu, Mirabeau, Danton, Robespierre, Billaud-Varenes?

.....

## XVI

O hóspede do duque de Cliton era brioso até ao excesso. As últimas palavras do seu amigo molestaram-lhe o pundonor.

No departamento de Angoulême, a cavalaria andante contava ainda sectários. O visconde de Armagnac, provado em valentias na Vendeia, capacitara-se que a susceptibilidade, o rapto e o duelo, eram acessórios indispensáveis à legítima raça de Bernardo VII e Raimundo de Poitiers.

O seu orgulho desmedido fez-lhe ver uma afronta nas enfastiadas respostas do duque.

Reputou-as uma soberba ascendência, que o grande queria exercer sobre o que reputava somenos. Estes fumos anuviaram o juízo ao neto de Bernardo VII, senhor de Armagnac, a ponto de julgar-se envilecido, não desagravando a sua honra.

O duque esperou-o debalde em sua casa.

O visconde, desde o baile, exonerou-se das obrigações da hospedagem. O seu amigo não explicava a falta.

Na madrugada do seguinte dia, o duque recebia uma carta assim concebida:

«A duquesa de Bouillon pede ao duque de Cliton a mercê de uma visita, hoje, ao meio-dia. Tanto confia ela no cavalheiro a quem escreve, que não hesita um momento em arriscar este bilhete.

Duquesa de Bouillon.»

Esta carta viera encontrá-lo recordando as poucas palavras que trocara, oito anos antes, com essa mulher, familiar do cardeal Rufo.

O temperamento do duque, nos lances que mais impressionam o comum dos homens, era serenamente linfático.

Não se agitara muito com a surpresa.

Parece que semelhante bilhete fora previsto, ou a sua vaidade se enfiava pouco dele.

À hora aprazada, o duque de Cliton apresentou-se no palácio da duquesa.

O visconde de Armagnac passara nessa ocasião, e reconheceu os cavalos e a libré do laçao. Mordeu o lábio inferior, e julgou-se duas vezes afrontado.

A duquesa não fez esperar o hóspede. Deu-lhe a mão com familiar agrado, mas a mão tremia, e a voz balbuciava monossílabos em resposta ao cumprimento respeitoso do duque.

– Recorda-se – disse-lhe ela em português – de me ter visto?

– Recordo, senhora duquesa, em Viena, são já passados oito anos.

– Sabe quem sou?

– Não, minha senhora, começo porém a admirar-me por ouvi-la falar uma língua, quase desconhecida fora de Portugal.

– E como pode o duque de Cliton conhecer esta língua?

– Na minha infância, as pessoas que me educaram falavam português.

– Lembra-se de todas as pessoas que o educaram?

– De todas, penso eu.

– Eram o marquês de Luso e...

– Susana, minha irmã...

– Sua irmã! Sabe que Susana de Montfort era sua irmã?

– O mundo o diz; e Vossa Excelência sabe o contrário?

– Sei que não era sua irmã...

– Sabe, portanto, quem sou? – interrompeu com ansiedade o duque.

– Sei que é o duque de Cliton. Oh! senhor!... – exclamou ela, passando de uma tranquilidade forçada a uma exaltação impetuosa. – Eu preciso chorar... não se espante diante destas lágrimas, que são talvez a minha salvação. Não o chamei aqui senão para isto... Ninguém nos vê... Preciso deste desafogo. Diga-me que se recorda de mim, porque é impossível que se não lembre de mais alguém... é impossível que os traços desta mulher não ficassem gravados na sua alma.

– Eu já disse a Vossa Excelência – interrompeu o duque aturdido – que me recordava tê-la visto em Viena...

– Não me fale em Viena... Temos ambos uma longa vida anterior à de Viena... Recorda-se de Paris...

– De Paris?! Não a compreendo!... Vossa Excelência esteve comigo em Paris? Esclareça-me quanto lhe seja possível!...

– Enganei-me, meu Deus! Pensei que devia conhecer-me!... Talvez... se eu lhe der um nome... por esse nome... deixe-me fazer a última experiência... Veja se o seu coração estremece ao sou desta palavra... *Sebastião*... Nem mudou de cor! Perdi as esperanças!...

– Que esperanças, senhora?! *Sebastião*!... que nome e esse?!

– Não devo dizer-lhe mais nada... Que valeria esclarecê-lo? O que eu queria, era uma reminiscência... e essa é impossível... Essa reminiscência se pudesse existir... Oh! que instantes de felicidade para ambos nós!... Viria aos meus braços como um filho aos braços de sua mãe...

– *De sua mãe*!... Fala-me de mãe... nunca tanto essa palavra me feriu o coração!...

Quem é, senhora?

– Um prodígio de infortúnios, senhor duque... O derradeiro é este...

– Qual?! Sou eu desgraçadamente a causa involuntária de algum sofrimento de Vossa Excelência?...

– Não é... Se Deus quisesse, poderia restituir-me o meu anjo, que perdi há vinte e três anos...

– O seu anjo?!

– Sim... era um anjo que eu tinha nos meus braços... Chamava-me mãe, e eu bebia-lhe nos lábios esta santa palavra, que também me desceu ao coração... e aqui ficou... saudade nunca extinta do meu querido filho... Roubaram-mo dos meus braços, porque não era meu; não era, não... mas também não era deles, que mo roubaram... Foi um crime tirarem-mo, porque me levaram com ele o amor que eu tinha à morte, porque a morte era a minha felicidade, e desde esse dia arrasto a vida, desejo-a mesmo assim amargurada, porque não queria morrer sem encontrá-lo... Encontrei-o... e não me reconheceu!... Reservou-me Deus para esta dor!

– Senhora duquesa!... – exclamou o duque, tomando-lhe as mãos em que ela escondia a face. – Eu vou compreendendo este mistério... Vossa Excelência é...

– Pergunta-me se sou sua mãe? Não, não sou...

– Quem é, pois? Quando me reconheceu? Sabe o segredo do meu nascimento? Responda, não receie desvanecer-me ilusões orgulhosas do que represento injustamente...

– Nem eu posso desvanecer-lhas, duque de Cliton... Sei que o embalei sobre o meu coração um ano... Eu era desgraçada, e o seu amor indemnizava-me do desprezo de todos... Não era sua mãe, mas o Altíssimo condeu-se da minha solidão no mundo, e encheu-me o peito de um amor de mãe, era o mesmo encher-mo de fel... E contudo,



tenho-me alimentado dele. Estou velha... há tantos anos que este infortúnio aconteceu... e vejo-o ainda no seu pequenino berço, meu filho...

A duquesa, como estranha a si própria, cortou a animada exclamação em que a fantasia a levava delirante para o passado. O duque, perturbado e ansioso, coligia todas as palavras dela, para formar um juízo desta misteriosa mulher; mas a veemência da exclamação não o deixava compreendê-la.

A duquesa ouviu passos nas salas imediatas:

– Senhor duque – disse ela com sobressalto – meu marido saiu do quarto mais cedo que o costume... Deve retirar-se...

– Hei-de merecer-lhe a honra de uma outra visita?

– Hei-de escrever-lhe... Adeus...

Laura apertou com ternura a mão do pupilo do marquês de Luso. Enquanto ele descia, a filha do cardeal disfarçava as lágrimas mal enxutas. O duque de Bouillon chamava sua mulher pela terceira vez.

.....  
.....

Nos salões, abertos na noite desse dia, dizia-se que o duque de Cliton encontrara no baile da corte uma das suas proezas amorosas da guerra da Itália. Acrescentavam, autorizando-se com Luciano Bonaparte, que a duquesa de Bouillon não soubera sustentar o carácter de mulher do grande mundo, por isso que, sobressaltada com a presença do duque, retirara desmaiada, em ar de dama dolorida, e passara uma péssima noite de febre, segundo informações autênticas de seu marido, que por sinal madrugara à uma hora da tarde, para saber o que sua mulher faria, erguendo-se antes do meio-dia.

E mais dizia a crónica da noite que a duquesa por momentos não foi surpreendida com o duque de Cliton, moço audacioso que visitava as amantes ao meio-dia, e deixava, para que ninguém alegasse ignorância, os seus cavalos à porta entregues ao seu criado, com a muito conhecida libré dos Montforts.

Rematava o escândalo com o boato de uma entrevista que a duquesa tivera com o visconde de Armagnac, em casa da marquesa de Alibaud, no mesmo dia em que encontrara o duque. E daqui as prudentes línguas deduziam que o visconde fora desalojado pelo duque, o que não era muito lisonjeiro para um, nem honroso para outro, visto que passavam, na opinião pública, por Píldes e Orestes.

Enquanto assim ingenuamente, e em galardão à moral pública, se discutiam as aventuras do dia, o duque de Cliton, absorvido no turbilhão de conjecturas em que o deixaram as revelações incompletas da duquesa, procurava aquietar as suas ideias para definir a sua posição com tal mulher.

Recorria às reminiscências dos seus primeiros anos, e a primeira imagem que lá via era Susana. Percorria depois as variadas evoluções da sua vida, e encontrava apenas em Viena aquela fisionomia mais viçosa, menos arada pelas lágrimas, sem alguns cabelos brancos que lhe vira agora, mais flexível na gentileza dos modos, e mais soberba no entono das palavras. Era todavia a mesma.

A firmeza com que ela desmentira o seu nascimento, que todos julgavam ser uma bastardia da casa de Montfort, importava a certeza de que todo o mundo ignorava o que ela só podia dizer. Não passou pela imaginação do duque de Cliton que ela fosse sua mãe; mas porventura conheceu-o ela? Este segredo será descoberto como desonra para ele? A fortuna que possui ser-lhe-á tirada como ignomínia? Que mistério é este do seu nascimento? Porque o fazem herdeiro de um grande nome e de uma grande riqueza? Será ele inteiramente estranho a Benoit de Montfort, que o declara seu filho em Inglaterra, e legaliza em seu favor um testamento? Que nome seria aquele «*Se-bastião*» que nunca lhe proferiram outros lábios? Será o nome de seu pai? Seria ele o dono

daquele punhal? Seria sua mãe a dona daquelas jóias? Quem recebeu aquele cofre? De que mãos veio ele para o poder do marquês de Luso?

Tumultuavam estas inúteis perguntas na cabeça febril do filho de Silvina, quando as seguintes cartas lhe foram entregues. Conheceu a letra da duquesa de Bouillon e a do visconde de Armagnac. Leu primeiro a que devia responder à sua ansiedade:

«*Para ser queimada depois de lida.*

Tenho apenas meia hora para escrever-lhe. Estou debaixo do império da calúnia. O nosso encontro de ontem à noite deu pábulo à maledicência. A sua vinda aqui acaba de ser revelada por um anónimo a meu marido. Passo por sua amante, duque. Nem os meus anos me justificam já. Diante de meu marido, quando fui interrogada, chorei; mas estas lágrimas silenciosas condenam-me. E calei-me, porque não sei mentir. A verdade não podia dizê-la. Hei-de morrer com ela depois de a dizer ao duque de Cliton. Quer saber quem é? Não sei: já lhe disse que o não sabia. Sei que nasceu em Veneza. Morreu em Roma um homem ilustre que o confiou ao marquês de Luso. Eu era amante deste homem. Chamava-me Laura, e fui a segunda mulher que lhe beijei as faces. O marquês ignorava o seu nascimento, duque. Neste momento há duas pessoas que podem sabê-lo, ou não há ninguém, se essas duas pessoas já não vivem: são seus pais. Não se deixe atormentar pela curiosidade, porque não há nada a esperar das informações. Há um ano que eu procurei em Veneza uma mulher que o alimentou ao seio um ano. Essa mulher tinha morrido, e só ela poderia dizer-me quem lhe entregou em Veneza uma criança recém-nascida.

A seu respeito, duque, não sei mais nada.

De mim, se lhe interessa uma história triste, hei-de contar-lha alguma vez. Escrevia-a em páginas que trago sempre ocultas à vista de todo o mundo. Se a sua vida for tormentosa, escreva um *Livro Negro*, e as primeiras páginas sejam as minhas. Aí verá que Laura era princesa antes de duquesa de Bouillon...

Estou menos aflita, desde que lhe escrevo. As lágrimas, misturadas com as revelações, são um desafogo.

Seja generoso. Se me encontrar na sociedade, o que não julgo possível, olhe-me com indiferença. Se tem vontade de me fazer um sacrifício, retire-se de Paris. Não quero, com a sua saída assegurar a minha tranquilidade: é a sua... Meu marido é imprudente. A vida de ambos é-me muito preciosa.

Adeus.

D. de B.»

A segunda carta continha o seguinte:

«Ao duque de Cliton.

As afrontas, recebidas do amigo, são duas vezes ignominiosas. O visconde de Armagnac não transige com um impostor, nem absolve uma traição. A nossa amizade expirou hoje ao meio-dia... E tarde para explicações: quero um desagravo sumário. Escolha testemunhas para um

duelo o homem indigno da minha amizade.

V. d'Armagnac.»

O duque de Cliton releu esta carta.

Há golpes morais tão profundos que parece não bastar o espírito para eles. A dor torna-se física. O gume do ferro toca o coração. O sangue regurgita dos pulmões, e as paredes do peito arfam agitadas por uma respiração difícil. Para estes embates não há organizações inabaláveis. A coragem moral é impotente. O homem, endurecido no infortúnio, dá testemunho da sua fraqueza.

O duque de Cliton experimentou essa agonia para ele nova. A afronta imerecida era-lhe um tormento novo. A provocação grosseira, vinda de um amigo, pareceu-lhe impossível. Tantas emoções em tão poucas horas, desorientaram-no de modo que nem ele antevia o expediente natural de semelhante conflito.

Apresentaram-se-lhe os enviados do visconde para o efeito diplomático do duelo. O duque pediu uma entrevista com o visconde. O seu nobre intento era dissuadi-lo de uma ilusão, sem esclarecer-lhe a verdade. O caprichoso neto de Bernardo VII recusou-se a explicações. Os padrinhos do duque, em honra do seu afilhado, não instaram por elas.

Nos ilustres círculos onde existe o privilégio da jurisdição, com barço e cutelo, para julgar os escândalos, correu rápida a notícia do duelo, e a sua causa imoral...

A maioria dos sufrágios eram favoráveis ao visconde, visto que o duque lhe extorquirá indecorosamente a duquesa.

E aqui onde batia o escândalo! A natureza do crime não se discutia: era o direito de antiguidade!... Forçado a escolher uma arma, o duque pediu um florete. A poucos passos das barreiras encontraram-se os dous amigos da véspera.

O duque, de braços cruzados, tomou a posição que os padrinhos lhe marcaram.

– E ao primeiro sangue – disseram eles.

Travou-se a peleja. O duque parece que acordou de uma profunda contemplação, ao tinido dos floretes.

Dous golpes simultâneos decidiram rapidamente. O visconde recuou ferido no peito, e foi na queda amparado pelos padrinhos. O suposto amante da duquesa deixou pender o braço direito, atravessado pelo florete adversário.

Durante os minutos deste encontro, ninguém ouviu uma palavra do duque de Cliton. Aproximou-se do visconde que perdera os sentidos, e examinou-lhe a ferida.

O médico chegara também: comprimiu-a, cerrou-a, e disse aos circunstantes: «Não é perigosa.»

Quiseram pensar o ferimento do duque, e não conseguiram sequer um «obrigado». Entrou na carruagem, fleumático ou abstracto como saíra, e apeou em sua casa.

Chamou um criado, ligou o braço, e sentou-se a escrever. Era ordem ao seu mordomo de Cliton para mobilar e confortar o palácio, de modo que não fosse penoso habitá-lo de inverno.

A vontade da duquesa de Bouillon devia ser cumprida.

Saiu. Procurou a residência do visconde, no Hotel do Imperador. Sentou-se à cabeceira do seu leito:

– Tive o prazer de observar que a vossa ferida não era perigosa.

– Como devo eu definir a vossa visita, senhor duque? É uma nova afronta?

– Se é uma afronta, é a primeira, senhor visconde. Eu não vos afrontei. As explicações não são tardias. Repelistes-mas há pouco; mas não duvidareis ouvi-las agora. A duquesa de Bouillon, senhor, não é minha amante.

– Como se pode dizer isso com tal serenidade? Zombais, duque?

– Juro-vos pela minha honra que a duquesa de Bouillon não foi, não é, nem pode ser minha amante. Se a vísseis chorar ao pé de mim, e me pedísseis explicação dessas lágrimas, dir-vos-ia, senhor visconde, que ao pé de um homem de vinte e seis anos, a mulher de quarenta pode assim chorar, como se chora ao pé de um filho. Olhai, senhor, que a minha vida tem mistérios insondáveis para os estranhos e para mim também. A duquesa foi não sei quê na minha vida... Deixai-me calar-vos este segredo, e pela vossa honra, meu amigo de infância, calai-o vós também. Não digais a ninguém que eu vos falei esta linguagem.

Mas se vos não dá prazer injuriar a pobre senhora, dissei a todo o mundo que aquela desgraçada não podia ser minha amante nem vossa. Tenho dito tudo, visconde. Não sei se vos falei à cabeça, se ao coração. Sede honrado e justo... Adeus.

– Espera, duque... Juraste que eu fui injusto? A duquesa não foi, nem é tua amante?

– Jurei que não.

– És hoje meu inimigo?

– Não posso sê-lo. Joguei contigo a vida, porque a não prezo muito com uma mancha infame. A minha educação na guerra não me deixa ser cobarde. Feri-te para acabar uma luta que me incomodava.

«Ferindo-te, descobri-me: era necessário que saíssemos ambos salpicados de um inútil sangue, para que a vitória não fosse exclusiva de nenhum. Não te odeio. Não conheço outro de quem seja mais amigo... Não sinto a mais ligeira desigualdade na afeição que te dei...

O visconde, com as lágrimas nos olhos, apertou com ternura a mão do amigo, quando entraram visitas que pararam perplexas diante daquela cena inconcebível. O enfermo, com voz trémula e comovida, disse aos cavalheiros maravilhados:

– O injusto fui eu, senhores. Se há desonra neste acontecimento, é toda minha. Esquecei-vos do nome da duquesa de Bouillon, indignamente envolvido na minha imprudente provocação ao meu amigo. Esta senhora e este cavalheiro estão inocentes. Se fostes órgãos da minha calúnia, senhores, apelo para a vossa honra: ide desmentir o boato. Dizei que me vistes abraçar o meu adversário.

– Eu vinha dar-vos uma notícia, visconde – disse um dos cavalheiros.

– Que é? – perguntou ele com aflição.

– O duque saiu de Paris com sua mulher. Suspeitam algum sucesso estrondoso os que sabem quanto é colérico o general. O duque soube que disputáveis a posse de sua mulher à ponta de florete. O nosso desmentido à calúnia será tardio. Ouvísseis as explicações do duque de Cliton, visconde. O bom conceito da duquesa está morto. Uma reparação póstuma é juntar o escárnio à infamação. Fiquemos aqui. Consumada a loucura, é atirá-la à torrente dos acontecimentos.

## XVII

Explicuemos a imprevista saída da caluniada amante do duque de Cliton.

Laura ou Luísa, ou a duquesa de Bouillon foi surpreendida, chorando ainda, quando o filho de Álvaro de Albuquerque saiu do pátio, sem presumir a cena que ficava substituindo aquela de que saíra alucinado.

O general encarou sua mulher com silenciosa interrogação. Laura, perturbada, não levantou os olhos denunciantes para seu marido. A inocência, surpreendida em aparências criminosas, condena-se quase sempre por uma espécie de mudez idiota, semelhante à do crime sem defesa.

Coincidiu o tropel de cavalos que saíam do pátio. O general abriu impetuosamente a janela e reconheceu o duque de Cliton. Voltou-se para sua mulher, silencioso ainda: sorriu-se com uma expressão, talvez a única para denunciar a raiva, que não pode manifestar-se pela ponta de um punhal.

Fechou a janela com placidez, e veio sentar-se ao pé de sua mulher.

– Luísa – disse ele, destacando, forçado pela comoção mal reprimida, as sílabas de cada palavra. – Luísa, que veio aqui fazer aquele homem?

– Fui eu que mandei chamá-lo – respondeu ela, cobrando subitamente uma coragem que aterrou seu marido.

– Com que fim?

– Precisava ver bem perto de mim o homem que, há vinte e seis anos, era uma criancinha nos meus braços.

– Nunca me falaste dessa criancinha...

– Não, duque: é a primeira vez e a última que te falo dela.

– Conta-me essa história, Luísa... Entretanto uma criança de quarenta e cinco anos com a tua criancinha de quatro... Dize lá, que todo eu sou atenção.

– Não tenho que dizer: a história terminou.

– E cedo de mais, minha amiga... A um marido contam-se essas histórias, particularmente se elas esclarecem suspeitas desonrosas a uma mulher... Esse olhar de desprezo que me lanças parece-me cómico, e tu queres que eu to receba como trágico. Vamos lá... defende-te, Luísa. Eu sou juiz, e os processos no meu tribunal são sumários. Responde: que há de comum entre ti e o duque de Cliton?

– Nada.

– Má resposta... e a paciência do homem tem um termo.

– Julga-me, duque.

– Ainda não. Que foi o que te fez retirar ontem do baile?

– A presença do duque de Cliton.

– Ele conhecia-te de outra qualquer época?

– Tinha-me visto, cinco minutos, em casa de meu pai, em Viena.

– Ficaste-o amando desde então?

– Amava-o desde os seus dois anos.

– Altos mistérios! E ele conhecia-te desde os seus dois anos?

– Não tem de mim a mais leve lembrança.

– Onde o conheceste nessa idade?

– Não sou obrigada a responder pelo meu passado. As minhas obrigações contigo contraí-as há quatro anos, perante Deus. Desde esse dia, não há na minha vida uma acção que me envergonhe. Repara bem, duque... a minha voz é firme; e, se palpares o meu coração, verás que são tranquilas as pulsações.

O semblante do general mudou. A nobre altivez de sua mulher impressionara-o.

Parece que o anjo da inocência lhe falava com ela.

– Esse segredo que me ocultas reflecte alguma desonra na tua posição actual?

– Nenhuma.

– Pois se nenhuma, que importa o segredo?

– Tudo para ele...

– Para o duque de Cliton?

– Sim... e nada aviltante para mim.

– Não sou eu digno das tuas confidências, Luísa?

– Das que forem minhas... apenas. Não tentes, duque. Se depois do terror recorreres ao carinho, não me obrigarás a mais. Disse tudo o que podia.

– Há uma carta anónima que diz mais do que tu...

– Deus julgará o caluniador... Bem sabes que para mim não acabou ainda a Providência... Eu apelo para a justiça divina e encontro-a sempre.

– Deixa-me só, Luísa.

A duquesa retirou-se. O general passava na sala, fazendo estalar as articulações dos dedos, e mordendo as espessas guias do bigode.

Um laçaiio anunciou o general Massena.

– Bem-vindo, amigo – disse o duque, abraçando-o.

– Mal vindo, digo eu.

– Porquê? O imperador manda-nos sair?

– Não tardará. E muito mais dolorosa a mensagem. Fora de Paris estão batendo-se o duque de Cliton e o visconde de Armagnac. O pomo da discórdia é a duquesa de Bouillon.

– Espera, Massena.

O duque entrou na sala imediata e voltou com sua mulher.

– General, repete a tua mensagem à senhora duquesa.

– Não tenho dúvida, porque as minhas intenções são o zelo da sua reputação. Acabo de dizer ao duque o que me foi comunicado por amigos desta casa. A estas horas, dous cavalheiros travam-se em duelo, O ciúme é o motor deste escândalo. Dá-se como causa a senhora duquesa de Bouillon.

– Esqueceu-vos dizer, general, que os dous cavalheiros são o duque de Cliton e o visconde de Armagnac – acrescentou o duque.

– Tendes certeza que sou eu a causa desse escândalo? – perguntou Laura, serenamente.

– É voz pública.

– Que respondes, Luísa?

– Nada. Entrego a Deus a minha causa.

– Obrigado, Massena – disse o duque, apertando-lhe convulsivamente a mão –; concedei-me a liberdade de vos despedir.

O general, zeloso da honra de seu camarada, saiu.

Estavam sós.

– Continua o interrogatório, duquesa. Que tens com o visconde de Armagnac?

– Não sei quem é.

– É incrível! Este homem falou-te antes de ontem em casa da marquesa de Alibaud...

– Eram muitos: não distingui nenhum.

– Porque se batem?

– Não sei, duque. Vai consultá-los a cada um em particular.

– Não receias as informações?

– E ociosa a pergunta... Escandalizas-me dolorosamente, meu marido! És o

primeiro na infamação. Não devo valer nada a teus olhos!

– Ainda vales muito... Na lentidão do processo, verás que te quero fazer justiça inteira... E preciso sair de Paris.

– Já... Em nome de Deus te peço que seja já.

– Ficarás longe daqui, e eu voltarei a Paris.

– Todas as tuas acções são livres, duque. Ordena a nossa partida... Eu vou preparar-me.

.....  
Uma hora depois entraram na carroça de viagem.

A duquesa, transposta a barreira, murmurou:

– Paris! adeus para sempre!

– Para sempre... não! – replicou o duque.

Laura sorriu-se.

.....  
Oito dias depois, o duque de Bouillon entrava só em Paris.

A opinião pública fazia a apoteose de sua mulher. Caprichosa em aviltá-la, exaltou-a por capricho. Agora quem dava o escândalo não eram os contendores: era o bárbaro marido, que as damas casadas declaravam verdugo da duquesa.

O general foi direito aos melhores informadores. Não era homem de duelos, e por isso apresentou-se em casa do duque de Cliton, sem enviar adiante os arautos do desafio.

O seu interrogatório era lacónico e peremptório como em conselho de guerra. As respostas do interrogatório eram também singelas, prontas e firmes.

– Donde conhece o senhor duque a duquesa de Bouillon?

– Conheço-a de a ter visto em Paris, faz hoje dez dias. Vi-a há oito anos em Viena, durante alguns minutos, em casa do cardeal Rufo; mas nem ao menos lhe soube o nome de baptismo.

– Com que fim a procurou?

– Não respondo à pergunta, senhor duque. Basta dizer-lhe que fui ser testemunha de lágrimas que são para mim um mistério. Posso, porém, afiançar ao duque de Bouillon que essas lágrimas recordavam sucessos anteriores vinte e quatro anos a este momento.

– Por consequência, nenhum de nós sabe cabalmente explicar essas lágrimas.

– Eu de mim, não.

– Garante-me com a sua palavra de honra o que me diz?

– Quando eu for desmentido, receberei impassível uma bofetada na face.

– Aceito a condição; mas, quando o momento da bofetada chegar, não quereirei encontrar impassível um militar corajoso: seria uma segunda infâmia e covardia... As vossas ordens, duque de Cliton.

– Esperai, senhor. Falastes aí em covardia...

– Cavalheiro, não nos irriteis com explicações. Se vos ofendi, tende a bondade de pegar na vossa espada. Eu não sei nada de diplomacia de um rept. Sou soldado rústico, afeito a oferecer a frente às balas, sem me sujeitar à prescrição das posturas e das distâncias.

– A vossa vinda a minha casa é uma provocação.

– Não é, cavalheiro. Se o fosse, nem eu nem vós teríamos prodigalizado tanta palavra. Vim pedir-vos uma explicação, e retiro-me satisfeito com ela. A dar-se a necessidade de novos esclarecimentos, terei a honra de procurar-vos, e vós a bondade de atender-me.

O general saiu, e apeou à porta do Hotel do Imperador.

O visconde de Armagnac estava ainda em curativo. O duque de Bouillon não indagou se a enfermidade lhe vedava a entrada. O visconde atraçou-se pela perturbação que lhe causou o marido de Laura.

– Sinto incomodar-vos, senhor visconde. Vejo que não tendes a melhor saúde no corpo; mas o espírito estará, porventura, robusto e sábio para responder-me. Que tendes com a duquesa de Bouillon?

– Nada, senhor duque.

– Que promoveu o vosso duelo com o duque de Cliton?

– Uma fantasia minha.

– Explicai-me a vossa fantasia.

– Não me forceis a isso, sem que eu possa responder-vos com uma espada, se a resposta vos não satisfizer.

– Esperarei, visconde.

– Devo, todavia, dizer-vos que compreendi durante algumas horas uma opinião injusta a respeito da senhora duquesa. Já reparei com sangue e palavras a injustiça. Se todavia, depois da reparação, devo ser julgado por vós, o réu não foge do tribunal.

– A duquesa autorizou-vos a que a julgásseis infame?

– Não, senhor.

– Como pudestes, pois, trazer a sua reputação na ponta do vosso florete?

– Foi essa a injustiça. Puno-me com a humildade da reparação.

– Restabelecei-vos, senhor.

O duque, retirando, cortejou ligeiramente o enfermo e as pessoas que entravam.

Quis imediatamente sair de Paris; mas o imperador acabava de confiar-lhe o comando do exército da Itália. Era irremediável a partida. Obteve licença para despedir-se de sua mulher, e partiu para o Languedoc.

Vinte e quatro horas depois da sua chegada, a duquesa saíra, acompanhada de duas criadas, e não voltara. Colhidas informações, seguiu-lhe os passos até Tolosa. Entrou no hotel donde sua mulher saíra momentos antes para o palácio do arcebispo. Aí, disseram-lhe que a duquesa de Bouillon acabava de entrar num mosteiro com suas criadas, declarando que os meios da sua subsistência seriam recebidos de seu marido, como administrador do seu património.

O duque de Bouillon procurou sua mulher. Deram-lhe em resposta duas linhas:

«O marido que repudiou um momento sua mulher infame, não é digno dela ou ela não é digna dele.»

O general empenhou o arcebispo na saída de sua mulher. Laura, com a soberania de uma resolução inflexível, respondeu que sairia do seu quarto para o seu eterno leito do claustro.

Era urgente a presença do duque em Paris. Esta surpresa não foi punhalada que entrasse dentro do coração endurecido do soldado. Salva a sua honra, o general resignava-se cristãmente com os infortúnios deste género. Reflectindo maduramente no sucesso, chegou até a convencer-se de que a duquesa, na sua ausência, ficava perfeitamente escudada dos tiros da calúnia.



## XVIII

O episódio de Laura esqueceu na turbulenta sociedade de Paris. Os escândalos de todos os dias vinham em socorro das vítimas da véspera. As cenas corriam rápidas, e o público, irrequieto, só aplaudia, assobiando, espetáculos novos.

O duque de Cliton esqueceu também a duquesa de Bouillon. A fortaleza da impressão enervou-lhe depressa a sensibilidade; e essa mulher, que deveria ser toda a vida um problema para ele, passados meses, era-lhe apenas uma lembrança indiferente, a página de um romance, que ele prometia escrever um dia.

E porque a natureza humana é tal, não acusemos o homem. Deixemos ao Criador a consolação ou o pesar de a ter feito assim.

O duque de Cliton, não foi, como tencionava, viver no seu palácio rural. O imperador dispensava-o da guerra, mas da corte não. A velha amizade não esmorecera, e em prova dela, suposto que não seja de demasiada moralidade a prova, é que o marido da duquesa recebeu irrevogável ordem de comandar um exército *longe de sua mulher*. O Bonaparte de Montebello cuidava servir assim o enviado da Inglaterra... Em coisas insignificantes é que um verdadeiro amigo se avalia...

O duque, porém, não agradecia ao imperador o seu espontâneo serviço. Amanhecera-lhe na vida um horizonte mais largo. O coração, repousado das batalhas, pedia novas emoções, e afeminava-se na voluptuosidade do amor. As mulheres, vistas por outro prisma, eram-lhe mais riosas, falavam-lhe uma linguagem que o amolecia, imprimiam-lhe no coração certos olhares, que o moço recebia com vaidade, e indemnizava, desejando que os lábios curassem as feridas abertas pelos olhos.

E não lhe faltavam dessas pequenas glórias, afluíam-lhe à porfia as aventuras, e abraçá-las-ia todas, se o ciúme, filho do amor-próprio, lhe não rareasse cada vez mais as fileiras das belas, que o abandonavam ressentidas.

Entre todas, Branca de Clermont demorava-se-lhe mais tempo na imaginação, porque era essa, entre tantas, a menos falada nas proezas amorosas do tempo, a mais obscura às intrigas da corte, e até por admirável capricho da dadivosa fortuna, a mais formosa e mais modesta entre a miríade de formosuras que rodeavam a imperatriz Josefina.

Branca de Clermont, descendente de reis, tinha em si a realidade desses traços imaginários com que a fantasia criadora recompõe uma fronte real. A parte os traços negros, que desfeiam a formosura real das rainhas que passaram manchadas à posteridade, quem visse Branca voava ao passado com a imaginação, e organizava as cinzas de Cleópatra, de Lucrecia Bórgia, de Maria Stuart, de Leonor Teles, porque há duas páginas na história dessas mulheres: uma para o crime, outra para a formosura.

Os olhos de Branca tinham a branda suavidade da inocência; mas se o coração batia descompassado, reflectia-se neles um clarão vivaz, que denunciaria a uns orgulho, e a outros o frenesi da voluptuosidade. Os cabelos, vidrentos como o brilhante negro, e afastados em ondas naturais, anelando-se ao longo do pescoço, deixavam a nu as fontes, assombradas de uma penugem voluptuosa, encanto dos olhos que sabem ver belezas que o vulgo não aprecia. As preeminências faciais eram naquele rosto, longo e magro, as delicias de um artista. Sobre elas desciam as orlas azuladas, que tanto podiam acusar o enfado de uma vida cansada de gozos apaixonados, como o sofrimento surdo de um espinho, que as lágrimas não deliam. Qual véu de cetim, amarelecido pelos anos, a pálida tez, sem sombra de carmim, encarecida a amargura que os olhos confessavam, que os lábios, sem juntarem à formosura um fugitivo sorriso, pareciam confessar também no seu silêncio. A gentileza caprichava em vestir-lhe todas as formas dos seus

mais peregrinos encantos. Do espaçoso colo, mal velado por festões de tranças em adorável desalinho, desciam os amores, roubando às graças o donaire, a contornar-lhe os traços, onde esvoaçavam beijos como lúcidas abelhas na colmeia do Himeto. Aí, na curva comprida do antebraço, em que Branca recostava a face triste, esmorecida em delíquios ternos, o cetim dos músculos, como no mármore de Fídias, sobressaía em refegos ténues, que fariam mártires os mais castos olhos, ou tentariam a pecado o austero subdiácono, que rugiu imprecações contra o pescoço nu de Árria Marcela. A cada passo seu, ardia o coração, e deste foco partiam raios que acendiam nos olhos o desejo, e escaldavam o sangue em giro tumultuoso. Tal era Branca de Clermont.

A adoração supersticiosa que a rodeava não era obséquio adulator. Indiferente aos incensos, distraída no seu melancólico cismar, quando as lisonjas se emulavam por distraí-la, Branca, como o anjo de Deus caído entre os homens, que não sabem falar a língua do céu, ouvia, se ouvia, taciturna, o ruído impertinente dos turibulários pertinazes.

O duque de Cliton presenciava, maravilhado, a isenção de Branca. Orgulhoso, não se arriscava à derrota de seus amigos. Bem reputado na felicidade das suas pretensões, receava entrar com ânimo frio numa luta donde poderia sair mal ferido no coração.

Consultando amigos, dissuadiram-no da empresa. O visconde de Armagnac, de todos o mais astuto, fora repellido com duas palavras: «Não posso.» Era este, até por amor-próprio, o primeiro a desanimar a coragem indecisa do duque para uma empresa de capricho.

A contrariedade estimulou o amor nascente. Branca desviava os olhos do penetrante olhar do duque. As raras perguntas, ensinadas pelo cálculo, respondia-lhe com frialidade natural. A algumas, mais expansivas e audaciosas, baixava os olhos, e vingava-se no silêncio.

A vaidade de Montfort converteu-se em amor. Forte sempre, desceu da sua altivez, confessando-se vencido ao imperador, que lhe adivinhava as intenções.

Este desbarate do seu orgulho era notório. Os infelizes, como ele, consolavam-se do companheiro que os honrava. Os zelosos, que temeram o novo rival, bateram as palmas à nova vítima. O duque sofria; e, desmentidas as esperanças, desistia do triunfo, quando o imperador o animou à perseverança.

Bem sabia o protector a que devia ater-se.

O pai de Branca, Ricardo de Clermont, desejava casar sua filha. Apresentava-lhe com frequência gentis-homens, dignos dela, e a filha curvava a cabeça e chorava. O pai enfraquecia diante das lágrimas, porque era ela a sua filha única, e bem sabia ele se não era uma crueldade tiranizá-la...

A pretensão do duque de Cliton pareceu ao velho que seria aceita. A beleza, a riqueza, a aristocracia e o valor, reunidos no representante dos Montforts, embora bastardo, pareceram-lhe, a ele, armas com que Branca não poderia lutar.

Foi ele mesmo o advogado do duque, e encontrou, como resposta, o costumado silêncio e as lágrimas que o comoviam. Perdeu também as esperanças, e principiou a lastimar a impossibilidade da descendência ilustre dos Clermonts.

O imperador falou-lhe um dia na conveniência de casar sua filha, cujos vinte e sete anos não sofriam delongas.

Clermont deu as suas razões, lamentando a negação da filha para o casamento.

– Não sois vós pai? – disse Napoleão. – Onde acabam os carinhos, começa o preceito: obrigai-a.

– Há um precedente que me tem coibido... Eu violentei o coração de minha filha uma vez... não devo violentar-lho segunda...

– Como violentastes o coração de vossa filha? Obstando a um casamento

desigual... Fostes pai então, e deveis ser pai agora. Agrada-vos o duque de Cliton?

- Quanto é possível.
- Sei que ele ama vossa filha.
- Eu também o supus.
- Proponde-lhe este vantajoso consórcio.
- Propus: achei-a inacessível a este como aos outros.

– Nesse caso, empregai outro processo mais decisivo. Um pai não é um brinquedo com que uma filha capriche. Respeitar melindres de mulheres é autorizá-las a tudo. Já vo-lo disse, como conselho: obrigai-a. Eu quero ser padrinho do vosso primeiro neto. Se for menino, será duque de Clermont: se menina, duquesa de Cliton... Não demoreis o dia esponsalício: quero dar um baile.

Branca foi outra vez afagada por seu pai. Estes afagos eram sempre o proémio de propostas de casamento.

- Tens pensado, minha filha, no que te disse?
- Que me dissestes, meu pai?
- Falei-te no casamento com o duque de Cliton.
- E eu respondi-vos...
- Chorando... Foi a tua resposta.

– Pensei que meu pai não me obrigaria a outra. Eu, chorando, queria dizer que é uma cruel violência casar-me.

- Pois não amas um moço que é inveja dos melhores partidos da França?
- Não o amo.
- Talvez com o tempo viesses a amá-lo.

– Não me quero sujeitar a essa contingência... Poderei não amá-lo nunca... é o mais natural, meu pai.

- Não tiveste ainda tempo de conhecê-lo... Vejo que foges dele... que o evitas...
- É uma força a que não posso resistir...

– É um capricho, minha filha. O tempo há-de desenganar-te de que tenho sido pai austero, mas verdadeiro amigo.

– Assim o creio... e esta crença anima-me a esperar que meu pai me não leve de rastos a ser mais do que posso... Eu posso apenas ser vossa filha e boa filha, mas talvez não seja nunca boa esposa.

– Hás-de ser digna filha de tua mãe... Serás tão boa esposa como filha. O imperador interessa-se no teu consórcio com o duque.

- Não temos nada com os interesses do imperador, meu pai.

– Temos muito... e eu quero que este casamento se faça... Basta de lágrimas... Tenho sido um pai imbecil com as tuas lamúrias. Hoje não proponho nem peço: quero e mando.

- Será feita a vontade de meu pai.

– E verás depois, minha filha, como tornas à aventura dos tempos passados. Terás outra vez o teu riso de júbilo, as tuas alegrias, que uma desgraça converteu em tristezas, que não são remédio para coisa nenhuma.

- Praza a Deus!

- Hás-de ser feliz, Branca!

– Hei-de ser feliz, meu pai!... Vós perdeis uma filha, e eu perco a consciência dos meus infortúnios... Abençoada seja a morte...

- Falemos na vida... Queres que o duque de Cliton te visite?

- A vossa vontade, meu pai... Sempre a vossa vontade.

.....

## XIX

O duque de Cliton não podia, ou não queria convencer-se da pungente indiferença com que eram repelidos os seus carinhos. Para iludir-se, explicava o fenómeno do modo mais satisfatório à sua vaidade ofendida. Queria ele que a razão de tal frieza fosse a reputação que adquirira de inacessível a muitas das mais requestadas damas. Esta explicação lisonjeava-o, e os amigos, rindo-se interiormente, confirmavam-na, fazendo valer a adulação, sem descobrir a má vontade.

Outros, porém, que não tinham a aproveitar favores pela lisonja, ridicularizavam os esforços infelizes do vaidoso duque, e encontravam nas mulheres que o tentaram debalde o agudo epigrama com que se desforravam da ultrajosa indiferença com que foram recebidas.

E o duque, sabendo isto, mortificava-se tanto que quisera ser antes aborrecido, mas amado aparentemente, para salvar o seu orgulho, embora o coração fosse a ocultas ludibriado.

Pela própria letra de padre Dinis, encontram-se estas palavras memoráveis:

«A minha vida torpe data deste momento.»

Disse uma verdade, que viu reproduzida, anos depois, no casamento de Angela de Lima com o conde de Santa Bárbara.

«Este encontro», diz ele, «deparou-mo a Providência, para que a ferida, não cicatrizada, lavrasse mais larga e sangrasse as últimas gotas de sangue, onde se me foi o resto de esperanças na misericórdia de Deus sobre a terra.»

Ricardo de Clermont, procurando-o horas depois do violento preceito imposto à filha, encontrou-o absorvido em planos que o fizessem parecer amado de Branca, a não podê-lo ser na doce realidade que imaginara.

A aparição de Clermont agitou-lhe o coração, abalado pela esperança.

– Venho convidar-vos para meu filho – disse, sem preâmbulos, o pai de Branca.

– E um convite que eu aceito como a realização de todos os meus desejos! respondeu o duque, radioso de risos.

– Minha filha, por fim, soube avaliar o vosso merecimento.

– Que dizeis, senhor? Eu não tenho merecimentos que valham vossa filha! Não concebo como se pôde ser surpreendido por tamanha ventura! Ainda eu ontem era um ente imperceptível ao pé de Branca! Alguma cousa estranha e sobrenatural se deu no coração de vossa filha!...

– Acreditai que a tendes como esposa desde este momento.

– Dais-me a certeza de ser amado?

– Sois: sem isso, minha filha não vos aceitaria, porque até hoje os seus pretendentes, todos ilustres, como vós sabeis, encontraram-na sempre inflexível. Espero que sereis hoje nosso comensal, e agradecei a Napoleão a influência que eu tomo na brevidade deste auspicioso casamento.

Na ausência de Clermont, o filho de Silvina não se deu à canseira de explicar-se a rápida transfiguração de Branca. O júbilo inutilizou-lhe a filosofia, e todo o seu cuidado foi esmerar-se, porque os numerosos amigos, nesse mesmo dia, girassem com a notícia nos círculos, onde a sua reputação era empalada em línguas de senhoras, irritadas pelo

despeito, e de cavalheiros indignados pelo ciúme.

O duque de Cliton esperava achar em Branca um sorriso que nunca lhe vira; um olhar apaixonado que nunca lhe merecera, uma palavra branda que o indemnizasse das asperezas passadas. Esta esperança era natural; mas a natureza desfigura-se muitas vezes, quando o egoísmo a obriga a representar o artifício.

Enganou-se.

Branca de Clermont era a mesma mulher da véspera. O que se notava de mais na sua bela fisionomia eram a palidez mais arada de lágrimas de pouco enxutas, as orlas azuladas mais escuras, e as pálpebras mais flácidas como cansadas da vigília do sofrimento.

Recebeu a mão do duque francamente. Esforçou-se em vão por animar a morbidez dos gestos, e pôde apenas, num sorriso, triste, corresponder ao vivido entusiasmo do prometido esposo.

Ricardo de Clermont e alguns convidados da velha nobreza estavam presentes. O duque, precisando definir a indolente recepção de Branca, suspeitou que a presença de estranhos impunham ao seu pudor uma reserva natural.

À mesa, onde as expansões são superiores às conveniências do salão, Branca respondia em frases curtas às instantes delicadezas dos hóspedes, que a despertavam de meditações profundas. Nem olhos nem coração estavam ali. A vista dobre dos que vêem a desgraça que mais se esconde, iria deparar, no céu, a imaginação daquela mulher que pedia a Deus, ou no fundo do inferno, onde a lançavam.

Os hóspedes, alegres e inquietos, ergueram-se e derramaram-se pelos jardins, a combinar as delicias de Baco com as de Flora.

O duque de Cliton, graças à discrição dos hóspedes, achou-se numa sala a sós com Branca.

As *saúdes* frequentes do festim, que se não aceitam nem propõem com o copo vazio, infiltraram-lhe a eloquência precisa para sucumbir em silêncio à presença de Branca.

Nunca lhe parecera tão formosa nem tão triste! Encostada ao peitoril de uma janela, sobranceira às flores, fixava uma vista húmida nas pétalas das camélias que remoinhavam numa balsa de mármore, borrifadas pela chuva do repuxo.

Aspirava, arfando em convulsões que lhe ondeavam o seio de estátua, o odor do gerânio, do mirto e do Jacinto.

Em disfarce, passava pelos olhos o lenço menos cândido que a mão; e, nesse rápido perpassar, embebia uma lágrima teimosa, que vinha responder à hilaridade dos hóspedes turbulentos.

O duque, afastado um passo, imaginou que Branca não sentira a sua chegada, e talvez, naquele olhar imóvel para o jardim, o procurasse ansiosa.

– Senhora... – murmurou ele.

– Ah! – disse ela, voltando-se, sem corar, nem denunciar ligeiro sinal de perturbação. – Não quisestes ir ao jardim, senhor duque?

– Sou avaro dos momentos que a felicidade me concede. Esqueço as vossas flores, quando vos posso fazer as confidências que, na vossa ausência, lhes tenho feito.

– Se vos apraz, iremos dar um passeio no jardim.

– Concedei-me uma desobediência, que será a primeira e a última. O vosso jardim está povoado demais para duas pessoas que se amam. Estes instantes... de solidão, trocá-los pela sociedade... é ser ingrato à sorte amiga, que no-los dá. Anímai-me a que vos possa dizer o pouco de tanto que a minha alma tem reservado para no futuro vos assegurar uma constante felicidade.

– Como quereis que vos anime, senhor duque?

– Tende para mim um sorriso, para que eu me convença de que não foram sonho as palavras que vosso pai me disse esta manhã.

– Que vos disse meu pai?

– Que seríeis minha esposa.

– Se ele vo-lo disse, cumprir-se-á a promessa.

– Compreendeis toda a ventura que essas palavras me dão?

– Ventura, nenhuma... Que mais vos disse meu pai?

– Não disse ele tudo nessas poucas palavras?

– Se vos não disse mais nada... devera...

Branca susteve-se e corou.

– Devera... Dizei, senhora...

– Devera não sacrificar-vos.

– Não vos compreendo... ou, se o que eu penso e verdade, não é livre a vossa escolha...

– Eu sou filha... não sou livre... mas, senhor duque, sou vossa... E disto que vos disse, prometei-me não revelar uma palavra a meu pai... Repito-vos, senhor duque: se me quereis, sou vossa esposa.

– Se vos quero!... Que repugnância vos causo?

– Nenhuma.

– Mas a vossa indiferença até hoje... Seria um estudo?... Seria...

– Não, senhor... – interrompeu ela, sorrindo amargamente. – Nem vós, nem eu estamos no caso desses estudos... Conheço-vos apenas pelo nome e pela figura.

– Sem me distingirdes na mistura de todos os que vos prezam?

– Sem vos distinguir, e desculpai a rude franqueza a quem quer ser verdadeira. O vosso amor-próprio não deve sofrer, por isso que eu não fiz valer ao meu orgulho as vossas homenagens. Tendes visto, senhor duque, o desinteresse com que eu tenho presenciado os vossos planos, instigando-me a vaidade com o cortejo de senhoras que valem mais que eu, e por isso vos deveriam ser mais caras. Não me tenho sentido desses desprezos. Magoava-me só que não tivésseis a necessária penetração para me ver a alma, se é que nunca me vistes as lágrimas...

– Quereis dizer, senhora...

– Quero dizer que vos não amei, que vos não estudei: respondo a uma pergunta, e receio ter sido incivil na demasiada sinceridade com que o fiz.

– Não me amastes, Branca de Clermont; mas a vossa anuência a um próximo casamento dá-me licença de que eu me suponha menos repugnante hoje à vossa alma.

– Já vos disse que não há repugnância em minha alma. A mulher que se vos dá como esposa é esta que se desenfeita na vossa presença de todas as ilusões, que não saberia fingir vinte e quatro horas. Entretanto, se assim a quereis, a filha que um pai vos prometeu é vossa esposa.

O diálogo foi interrompido pelos convivas, que fugiam ao ar fresco da noite.

Os servos entraram com os castiçais, e, ao primeiro clarão, o duque de Cliton viu reflectir-se o brilho da luz nas lágrimas de Branca. A sua voz, contudo, tinha sido firme e sonora.

O sarau prolongou-se em jogos e conversações. Algumas velhas damas, escapadas milagrosamente à carnificina de 93, recordavam lagrimosas Maria Antonieta. E que não tinham assistido ao jantar opíparo. Os velhos, ainda rúbidos da animação do champanhe, davam ao diabo as lamuriantes recordações, e no afogo da sua nobre adesão à política reinante, não se lembravam de Luís XVIII, nem acreditavam mesmo no direito divino dos reis.

O duque de Cliton, porém, melancólico e taciturno, ficara debruçado na janela,

donde Branca se retirara a cumprimentar as damas.

Aí sentira o apaixonado moço um acesso de virtude, mas incompatível com a sua alucinação. O acesso era a renúncia delicada de Branca; mas o amor aceso pelo orgulho, venceu a generosidade.

Ricardo de Clermont, suspeitando o que realmente existira entre o duque e a sua filha, retirou-se ao gabinete, e fez chamar Branca.

O seu aspecto era severo, e antes de falar, a indignação falava no seu silêncio.

– Que disseste ao duque, Branca!

– A verdade, meu pai.

– O que chamas tu verdade?

– O contrário da mentira.

– Menos categoria nas tuas respostas.

– Disse três vezes ao duque de Cliton o que vós, meu pai, lhe dissestes uma só naturalmente. Disse-lhe três vezes que era sua esposa.

– Disseste-lhe que o amavas?

– Meu pai sabe que eu não minto. Quando há seis anos me perguntou se eu amava...

– Não te pergunto se amavas: não me importa se amaste há seis anos: trata-se do que é, e não do que foi. Disseste-lhe que o amavas?

– Não, senhor.

– Por consequência, desmentiste teu pai...

– Eu não sabia que meu pai, dispondo de mim, se fizera intérprete da minha alma, sem me consultar...

– E se o soubesses...

– Não o desmentiria... Deixaria correr as minhas lágrimas, em silêncio; se ainda tenho algumas.

– Sempre as tuas lágrimas, Branca! E preciso talvez que vejas correr as minhas para que as tuas cessem...

– Deus me poupe a esse desgosto... Que quer meu pai de mim? Resisti eu alguma vez à sua vontade?

– A tua obediência não me lisonjeia. Aí não há amor de filha... E a humildade do fraco para com o forte.

– Permita-me, meu pai, que eu não aceite a humildade como dever de filha. Aqui há estima e amor. Sem ele eu resistiria, morrendo, e morreria amaldiçoando o despotismo da sua vontade que fez um cadáver, não podendo fazer uma esposa infeliz... Meu pai, se é necessário que eu minta, para lhe não dar uma pena, mentirei.

– Minha filha, porque não amas o duque?

– Não posso, não tenho coração... aqui dentro, sinto a frialdade da sepultura...

– Há-de ressuscitar esse amor. Tens vinte e oito anos. Hás-de senti-lo reviver com os carinhos de um marido, com a brandura de afectos, que teu pai não saberia dar-te. O duque há-de tirar da sua paixão todos os recursos da tua felicidade. Tens uma nobre alma, minha filha. Se sofres... se sofreste... vem aí da mão de Deus a indemnização de mágoas que não deveram nunca ter existido... para meu descanso e teu... Alguns dias depois de casada, virás abraçar teu pai, cheia de alegria e de gratidão. O passado... mas não falemos do passado... esse há-de lembrar-te como um delírio de mocidade... uma criança da alma sem experiência... e mais ainda...

– Deus o permita...

– Permitirá, que as súplicas de um velho, se as tuas me acompanharem, não serão desatendidas... Pedirei ao céu a bênção para um dos seus anjos, e a terra, minha filha, se tem sido purgatório, ser-te-á um céu.

– Deus escute as súplicas de meu pai... Eu pedirei também... o esquecimento ou a morte...

– Vamos à sala, minha filha... não te afastes do duque... Dá-me um beijo... Tens o coração de tua mãe... não o mancharás .....

.....  
.....

Branca entrou, risonha, na sala. Nesse semblante, sem nuvens, transparecia a luz de uma nova estrela, que lhe ensinava o caminho da felicidade: o túmulo. Aquelas mudanças pode só a resignação fazê-las. O desgraçado, quando recebe de cima um ânimo sobrenatural, a convicção do irremediável, vive para morrer. Para muitos, essa convicção é suicídio: para Branca de Clermont a faísca da esperança saltou das cinzas de todas as esperanças.

O duque estranhou-a. No sorriso e olhos dela havia uma contemplação maviosa, que se afigurou o pesar de ingrata que de repente se doeu de o ser. Afável e pronta nas suas respostas, sorrindo até a ditos que não tinham direito a risos, Branca, maravilha para todos, poderia ser tida como febril, para um, dentre tantos, que pudesse vê-la no seu passado.

Não ousava interrogá-la o duque, porque não queria desvanecer a cara ilusão que tanto lhe prometia. A mudança era pasmosa; quem lhe afiançava, porém, a ele que, momentos depois, não viesse a imobilidade do mármore paralisar o sorriso de um instante, e pasmar na fixidez da dor os olhos, ora lânguidos ora vivazes, que o acusavam agora de pouco amor, e logo se justificavam de não terem correspondido a tanto!?

Mas o arroubamento do gozo não o deixou vencer a tentação.

– Parece-me que sois... – disse ele, com a emoção do receio e da incerteza.

– Muito feliz – disse ela, risonha e carinhosa.

– Mais feliz seria quem pudesse reputar-se a causa...

– A causa! sois vós, duque... Sem vós esta felicidade... esta alegria... seria impossível...

– Falais-me num sonho, Branca?!

– Quereis mais evidência da realidade? Não vedes as luzes? não ouvis os sons do piano? vedes aqueles cavalheiros a rirem tão desentoados? não vedes meu pai, que nos observa tão satisfeito? não reparais naquelas velhas senhoras, que nos olham, suspirando, saudosas dos seus tempos felizes? Reparai bem, duque: estamos acordados... Não vos falo num sonho...

– Mas que devo eu pensar do que há pouco me dissestes?

– Pensai segundo o vosso claro juízo vos inspirar...

– Mas no vosso riso de agora há uma retractação das lágrimas de há pouco...

– Não dizeis mal... Há plena retractação... E verdade... A mulher de há pouco morreu... Sou outra... Lágrimas e risos são a condição da vida... A sorrir será o meu fim... Verdadeira esperança, esperança que não mente, há só a minha. Queridos são do céu os que a recebem, quando cá em baixo se lhe negam todas... Vereis como eu sou feliz... Hei-de ensinar-vos a encontrar o bálsamo onde os outros encontram veneno... Hei-de ensinar-vos a respirar o aroma das flores que matam, e viver desse aroma como se vive da esperança... Se quiserdes uma esposa para exemplo, tê-la-eis como quem possui o segredo de apurar a felicidade no infortúnio...

– Que falar é esse, Branca! A vossa linguagem é como a exaltação de um delírio!

– Ai daquele que não delira, se a exaltação do gozo lhe queima o sangue!... Achais que deliro? Pobre de mim, se ficasse de pedra fria e morta para este raio de esperança que me aquece! Não me quereis assim feliz? Apreciais-me mais nas lágrimas? Mau coração é o vosso! Recebei-me assim, radiante deste júbilo que eu quisera repartir por



vós... Quanto devo a Deus!...

E, de repente, as lágrimas saltam-lhe dos olhos em torrentes. O escarlate da febre desvanece-se em alvura cadavérica. Roxeiam-se os lábios cor da violeta ressequida. Os olhos param nas órbitas, cercadas de uma zona escura. Um tremor convulsivo corre-lhe os braços descaídos. A mão quer em vão erguer-se para pedir um gesto de silêncio. Os olhos cerram-se de todo, e Branca desfalece, soltando um ai de insuportável aflição.

Correm todos em redor a contemplá-la nos braços das damas consternadas. O duque de Cliton, perplexo e aterrado, não sabe o que diga às perguntas que o importunam.

Ricardo de Clermont, o mais tranquilo de todos, manda transportar a filha ao seu quarto, e diz que não é funesto o acidente, porque semelhantes casos são frequentes em sua filha, quando o calor é forte.

Despedem-se os hóspedes, menos o duque de Cliton.

– Sou o último a despedir-me, senhor de Clermont – disse ele gravemente –, porque é preciso que nos elucidemos mutuamente.

– Falai, duque.

– Vossa filha não me ama.

– Disse-vo-lo ela?

– Em termos delicados.

– Quando?

– Hoje encontrei-a com duas fisionomias. A primeira era de lágrimas; a segunda era de risos. Qual devo acreditar?

– Acreditai-as ambas: a primeira é um adeus ao passado; a segunda é uma saudação ao futuro. Minha filha será vossa esposa, e cada novo dia vos será uma prova de que ela é digna de o ser.

– Há, por desgraça, neste consórcio, uma violência?

– Violência, não: há uma deliberação paternal que eu julguei necessária para impor a felicidade de minha filha. Se não tendes outras reflexões a fazer-me, ide na certeza que o desmaio de minha filha não tem nada com a alma. E um incomodo de organização que acaba com o Estio. Preparai-vos, senhor duque, e amanhã serão lavradas as escrituras. Tencionais ficar em Paris?

– Casado, sairei para a minha quinta de Cliton.

– Era a quinta predilecta de vosso pai. Lá vos vi pequeno, brincando-lhe nos braços. Recordo-me ainda destas palavras dele: *Estou aqui educando o esposo de vossa filha*. O prognóstico realiza-se, e o senhor de Montfort há-de abençoá-lo. Notai, meu caro duque, as observações que conscienciosamente devo fazer-vos. O carácter de minha filha é triste. Não vos inquietem as suas melancolias. E uma síncope que tem períodos, e que só o tempo, e talvez a mudança de costumes, possa desvanecer. Se ela chorar, não a interrogueis, porque ela chora e não sabe porquê. E a organização. Rodeai-a de distrações quando ela as receber com agrado. Se as evita, não a violenteis ao gozo. Digo-vos isto para que não estranheis a índole especial de minha filha. São tristes atributos estes, é verdade; mas talvez os não presenciéis, porque a sua vida vai ser outra, e não há mudança que não traga uma modificação.

O duque ouviu, com ar de surpreendido, estas revelações. Um pareceram-lhe extemporâneas, outras inexplicáveis. Todavia, não era aquela a ocasião de elucidá-las com perguntas novas. Informou-se do estado de Branca: disseram-lhe que tornara a si, e pedira que a deixassem só.

– É a mania dela depois dos acidentes – atalhou o pai. – Chora um pouco, e fica perfeitamente desafogada da opressão que os médicos mais hábeis denominam cefalalgia, mas não sabem o nome do remédio com que se cura. Há-de curá-la o amor,

meu caro duque...

– Um amor, que nascerá ainda?

– Um amor que já nasceu; mas que ainda não teve tempo de desenvolver-se. Vós conheceis minha filha há três meses e tratais com ela de perto há poucas horas. Tende confiança em vós, que sois muito querido de todas, para o serdes menos de uma excepção .....

.....

## XX

O duque de Cliton passou o resto da noite com o visconde de Armagnac, mais aliado à sua intimidade depois dos trágicos sucessos da duquesa de Bouillon.

O visconde recolhia de um sarau, onde largamente, como convinha e era de uso, se falara no improviso consentimento de Branca a um casamento repellido.

O facto existia, e era necessário explicá-lo, ou dar um tiro no ouvido em último desalento. Uns disseram que Branca era violentada pelo pai. Outros, e neste número entravam as mulheres fáceis às pretensões do duque, diziam que Branca soubera sustentar a impostura, para apertar os anjinhos nos pulsos do moço apaixonado. Algumas, por não deixarem nada a desejar na explicação, diziam que o casamento era já *preceito de honra e dever* para o duque. Estas eram aquelas que se acharam no caso de casar em *preceito de honra e dever*, e nem assim deram alta na enfermaria das celibatárias incorrigíveis, a despeito dos emplastos de carmim e das compressas dos espartilhos.

Um homem honesto, que ouvira silencioso a discussão calorosa, tomou de parte o braço do visconde, silencioso também, porque a sua opinião era suspeita, e teve com ele este curto diálogo.

– Vou exigir a vossa palavra de honra em guardardes sigilo inviolável numa revelação que confio ao vosso juramento.

– Ides revelar-me alguma coisa a respeito de Branca de Clermont?

– Sim.

– Se o segredo da revelação importa desonra para o meu amigo duque, não mo reveleis.

– Desonra, não; mas pode mortificá-lo, se lho revelardes.

– E da mortificação pode seguir-se a renúncia da mulher com quem vai casar?

– Também não: é uma coisa passada, que não implica nada com o presente.

– Dizei, e confiai na pontualidade do meu juramento.

– Branca de Clermont, há seis anos, amou um oficial de artilharia, de baixo nascimento mas de rara audácia e talento sedutor. O pai foi avisado e admoestou a filha. Branca não mentiu nem aproveitou a correcção. Disse que o amava e continuou a amá-lo. O pai resolveu empregar outros meios sem dar escândalo. Como tinha amigos no Directório, pediu que o oficial de artilharia fosse enviado na expedição ao Egipto com Bonaparte. Ernesto Lacroze foi promovido a coronel uma hora antes da marcha. Quis exonerar-se, mas era tarde. O Directório mandava, ameaçando, e Bonaparte, affecto a Clermont, como a todos os homens importantes em dinheiro ou nobreza... bem sabia ele porquê... deu ordem de marcha, e Lacroze marchou. Data dai uma desfiguração espantosa no carácter de Branca. Sei que Lacroze lhe escrevia; mas as cartas eram abertas e rasgadas pelo senhor de Clermont. Bonaparte voltou a Paris, para fazer-se cônsul, imperador e déspota, mas Lacroze não voltou com ele. Primeiro disse-se que o bravo oficial ficara comandando a guarnição de Alexandria; depois correu que fora morto de febre. Não sei o que é verdade, e também não tenho mais nada a dizer-vos.

Com estas informações, veio o visconde de Armagnac encontrar o meu amigo.

– Sopra-te a felicidade, duque?

– Não sei se o sopro ameaça tempestade... Eu não compreendo aquela mulher! As suas palavras caem-lhe dos lábios como gotas de ferro fundido: sinto-as no coração, e, homem do mundo, sou forçado a corar da minha fraqueza na presença dela. Penso que não me ama...

– É possível!

- Como, possível! Fazes coro com os invejosos?
- Faço coro contigo!... Pois que disseste tu?
- Suspeito, não afirmo.
- Nem eu, duque. Porque suspeitas?
- Quase que mo disse claramente.
- Pois, se to disse, é possível que te não ame.
- Não mo disse, visconde!
- Estás irritável como a sensitiva! Disse ou não disse?
- Suspeitei que mo queria dizer. Pode-se ser amado de um modo extraordinário por uma mulher extraordinária.
- Certamente. Apliquemos o aforismo: és amado de modo que te deixa suspeitar que és aborrecido... Olha, duque: não prescindes deste casamento?
- Não, enquanto ela se não recusar.
- E se o consenso fosse uma violência?
- Não há tal violência.
- Estimo-o de todo o meu coração; mas não te compreendo melhor do que tu a compreendes a ela.
- Pois concebes que Branca, tão ativa e independente, com vinte e oito anos, se deixaria tyrannizar por seu pai?
- Concebo; mas, se me engano, és tu quem lucra, e eu felicito-me da minha ignorância. Queres a rasgada franqueza de um amigo?
- Diz...
- Não cases com essa mulher.
- Porquê?... Responde! Essas palavras parecem-me de um inimigo.
- Respondo: porque não poderás ser amado depois, se não conseguiste sê-lo *antes...*
- Temos figura retórica... Falemos francês de Paris. Sabes alguma cousa de Branca?
- Sei.
- O quê?
- Amou e amou para sempre.
- Hás-de prová-lo.
- Não quero.
- E esse amor... deslustrou-a?
- Não.
- Por consequência, não tenho nada com o pretérito.
- E a virgindade da alma?
- És órgão de uma calúnia... Devolvo-a por ti aos meus inimigos...
- Não me encarrego da comissão, duque... São vinte e cinco de Agosto de mil oitocentos e cinco. Duas horas da manhã.
- A que vem a cronologia?
- Palavras de um amigo, datam-se. Escreve na tua carteira que o visconde de Armagnac, em tal dia, ano e hora, como amigo sincero, ou como órgão de inimigos, te disse, positiva e formalmente: NÃO CASES COM BRANCA DE CLERMONT.
- Escreverei; mas, se podemos associar a higiene à cronologia, deixa-me dormir, antes de inscrever a tua profecia, porque, enfim, o teu conselho é uma profecia, não é?
- E uma cousa, sem enfatuamento de profecia... Seja o que for, dorme; e, quando acordares, desenha a lápis a caricatura de um Ezequiel, vaticinando casamentos infelizes.
- Estás delicioso, visconde... Amanhã falaremos seriamente... Eu cá vou consultá-

la em sonhos. Se a pitonisa não desmentir em sonhos o que disse acordada, hás-de, à tarde, assistir às escrituras...

– Não é possível, que parto de manhã para Angoulême.

– Não consinto.

– São ordens paternas.

O visconde adormecera. O duque, às cinco horas da manhã, passeava no jardim, para fatigar os membros que repeliam o repouso, ou arrefecer a cabeça que lhe latejava em convulsões de fogo.

Eram atribuladas essas horas de transição para o perpétuo infortúnio! A Providência dá-nos sempre a previsão confusa de uma grande calamidade! O orgulho, o egoísmo, a paixão não percebem os avisos da Providência...

## XXI

O visconde de Armagnac resolvera deixar Paris, logo que a cegueira desatinada do seu amigo era impenetrável aos raios de luz clara com que ele quisera alumiar-lhe o futuro. Uma revelação inteira não devia fazer-lha, porque a sua honra garantira o segredo; mas, como honrado amigo, era uma conscienciosa obrigação abalá-lo com palavras equívocas, dando-se um ar de profeta. Foi o que ele fez, e o chasco irrisório ou a injúria impetuosa foram a resposta do duque.

Para não ser testemunha de um acto fúnebre, com aparências festivas, o visconde inventou a ordem paternal. Tentava sair de casa do duque sem ser visto, quando este o surpreendeu, afivelando as esporas.

– Pois já?! – exclamou o duque, dissimulando os tormentos, que lhe deixaram um instante de repouso.

– Já. E tu? Que maravilha é esta? As seis horas da manhã a pé! A felicidade não te deixou dormir?

– Vejo que te levantas de bom humor, visconde... Deitaste-te fúnebre como Jeremias, e levantaste-te folgazão como o eremita *de la chaussée d'Antin!*

– Falaste em sonhos com a pitonisa?

– Falei... Confirmou as palavras da pitonisa real.

– Parabéns!

– E tu... pões contrariedade ao agouro da fada? Estás sombrio agoureiro como a ave da noite?

– Sou o que era, meu caro duque. Fiz-te reflexões muito sérias: recebeste-mas com zombaria...

– Com zombaria, não... *Difficile est tristi fingere mente jocum...*

– E agora recebes-mas com latim, que é um pouco pior que a zombaria em francês...

– Sejamos velhos por alguns minutos, visconde... Tu não me falavas com tanta formalidade, se não tivesses um segredo muito importante de Branca...

– Disse-te tudo, duque. Resumi tudo em duas palavras: NÃO CASES. Reporto-me ao que disse... emprego neste conselho toda a força da minha convicção, e todo o interesse que me inspira a tua felicidade. Não te digo mais nada. Sei avaliar o melindre da tua situação e da minha.

– Não casarei, visconde.

– Que dizes, duque? Posso dar-te um abraço de irmão?

– Podes... mas, como irmão, tens um rigoroso dever a cumprir. Hás-de dizer-me porque não devo casar. Seja o que for, vou escutar-te com ânimo tranquilo.

– Não posso: hipotequei a minha honra ao segredo.

– Tens a certeza de que se não forjou uma intriga infame, para me dissuadir deste invejado consórcio?

– Certeza... não tenho nenhuma, mas probabilidades muitas. O que sei, revelou-o um homem, incapaz de infâmias.

– Quem?

– Não digo... Não és generoso, tentando a quebra da minha dignidade.

– Mas como foste tu, geralmente conhecido como meu íntimo amigo, o encarregado desta missão?... Porque não é público esse facto, esse amor que impossibilita Branca de amar outro homem? Porque não é ela a primeira a falar-me nessa paixão? Inventaste uma impostura? Os dentes da calúnia mordem a reputação imaculada da mulher que se tem destacado das outras pela sua virtude!... Eu seria um

miserável, aos olhos dela e do mundo, se desistisse estupidamente de um consórcio em que tenho posto toda a minha esperança...

– Queres dizer, no fim de toda essa salmodia laudativa às virtudes de Branca de Clermont, que a tua nova resolução de há pouco foi um meio astucioso para me arrancares o segredo!? Ora, meu caro duque, a paixão transfigura-te. Pareces-me criança que não sabe o que é um pundonor, para se dar uma igualdade de carácter...

– Acho forte a tua linguagem, visconde!

– Pois terminemos a palestra. Deixa-me ver de longe as tuas alegrias... e eu virei de baração ao pescoço desdizer-me a teus pés, se, porventura, tiver sido o órgão da calúnia, como tive a honra de ser mimoseado pela tua benevolência.

– Se vais para Angoulême, ver-nos-emos brevemente. A minha residência, desde casado, é em Cliton...

– Até lá, meu amável duque.

À saída do visconde, seguiu-se-lhe um intervalo lúcido.

O filho de Silvina, obedecendo à inspiração que tentava salvá-lo, procurou Ricardo de Clermont a horas que a boa sociedade não recebe visitas.

O escudeiro da câmara, por muito instado, levava ao amo, profundamente adormecido, o recado do duque. A resposta demorava-se, e o agitado moço, vendo abertas as cancelas gradeadas do jardim, entrou.

Dera alguns passos, aspirando o ar embalsamado a grandes sorvos, quando através das murtas viu o perpassar de um vulto. Pareceram-lhe brancos os vestidos, e afigurou-se-lhe mulher a visão que coleava flexível, entre os caramanchões, como as fadas do jardim de Antínoo.

Seguiu-a de longe por não assustar a peregrina camélia, que esposava os zéfiros matutinos, e, sem querer, achou-se na estrema de um renque de plátanos e loureiros, por entre os quais vinha a passos largos... Branca de Clermont!

O duque parou aturdido da surpresa. Branca estremeceu, recuando. O seu primeiro olhar, o olhar do instinto, foi para si. As faces, brancas até aí como as flores de acácia que lhas beijavam, coraram de repente. Era o pejo: o medo, não. As tranças, confusas em anéis desalinados, destacavam sobre a alvura da túnica romana, que um laço de fita escura mal comprimia ao seio convulsivo. As pregas do corpete largo, sem roubar às formas a beleza natural, convergiam na cintura, cingidas por um cordão, também escuro, que descia a encontrar o cetim verde dos sapatos com as pequenas borlas de fio de ouro. O braço meio nu, velado no ombro pela transparente cassa da guarnição, era mais alvo que os lírios e jasmims na mimosa mão do anjo, que parecia poder contê-los.

Mais bela ainda pelo corar da surpresa, não era porventura um sonho esta aparição? O duque de Cliton, titubeando, mais perturbado que ela, se pode ser, quis recuar; mas o bom senso não o desamparou de todo.

– Desculpai-me, senhora... Bem vedes na minha perturbação que não esperava encontrar-vos.

– Nem eu... a estas horas! Sois assim madrugador, senhor duque?

– Não sou... Depois de uma noite tormentosa, eterna e aflitiva... não podia esperar tão larga indemnização aos meus desgostos... Supunha-vos sofrendo ainda do acidente de ontem...

– São passageiros estes meus incómodos... Sinto-me com forças para outros... Procuráveis meu pai, senhor duque?

– Procurava...

– Será difícil falar-lhe a esta hora, salvo se tendes muita precisão... Os criados não entram na sua câmara antes do meio-dia, e, depois de noite de sarau, é necessário que ele toque a campainha...

– Em tal caso, eu não quero de modo algum que o despertem... Ouvir-me-eis vós por ele... Sereis vós, Branca, o anjo consolador das amarguras que me trazem aqui a tais horas...

– Amarguras? Sinto-as! Que posso eu fazer em vosso bem?

– Matar-me, se não podeis realizar-me o céu que eu imaginei...

– O céu?! existe ele na terra? Tendes ainda muitas esperanças se o procurais aqui...

– Procuo-o, porque sei que existe... A vossa vinda entre os homens é um sinal de que perfeita ventura não é uma quimera.

– E, duque... é uma quimera... uma flor efémera, que regam de lágrimas os que a perseguem... Não espereis encontrá-la...

– Nem em vós?

– Em mim!... em mim, que não posso dar aos outros o que não tenho... Quem se chegará à sombra de mancenilheira que não morra!... Não sabeis que a desgraça é contagiosa?

– E sois desgraçada, Branca? Porque o sois?

– Porque o mereço a Deus...

– Que sois vós para mim?

– O que sou para vós? Vossa esposa, brevemente...

– E depois? Não poderei dar-vos outro titulo, mais intimo do coração, mais doce que essa simples palavra, que todos proferem maquinalmente?

– Que titulo quereis dar-me?

– Sereis minha amiga?

– Hei-de sê-lo... sou-o já... posso ser uma vossa verdadeira amiga... Uma irmã extremosa não vos estimaria tanto...

– E essa estimação... é o amor?

– O amor?

– Respondei...

– Dizei a este jasmim amanhã que reverdeça na haste murcha...

– Compreendi-vos, Branca...

– E não vos basta uma amiga?... Não tendes saudades de vossa irmã? Eu, de mim, desejo encontrar em vós um irmão.

– Achá-lo-eis... com o coração de amante... incapaz de recordar... nem esperar outras afeições...

– De *recordá-las*?... Se as tivestes... recordai-as, que eu não vos crimino por isso... sede do passado, se o passado vos é caro...

– Como a vos...

– Eu não tive passado que o coração recorde com saudade... Infeliz sempre! Fui como quem não pode entrar no banquete de prazeres que Deus concede à inocência iludida, e à esperança que morre esperando, menos a minha, que morreu, deixando-me no principio da vida... com tantas forças para viver e chorar...

– Sede sincera, Branca. O vosso passado não correu tão depressa ao desengano, sem alguma grande decepção... Eu sei o vosso segredo...

– O meu segredo?! – exclamou ela, com ansiedade.

– O vosso segredo, sim... Vós amastes...

– Amei... Para que hei-de desmentir-vos? Que tendes vós com o que eu fui?

– Nada... certamente nada... mas alguma cousa com o que sois, em relação ao que fostes.

– Não vos tenho eu dito o que sou? Senhor duque, não me lançareis nunca em rosto uma reserva... Que quereis que eu vos diga? Respondo a todas as vossas pergun-



tas, contanto que não se refiram à minha vida anterior ao dia em que meu pai vos disse que eu seria vossa esposa...

– Não vos farei perguntas indiscretas... Oferecestes-me a vossa amizade: não exijo mais. Se um dia compreenderdes a minha, o amor renascerá na vossa. A estima que dais ao amigo será convertida em paixão com que dareis o céu ao amante... Bem vedes que vos amo muito, Branca! Quando o homem assim se resigna, dando uma paixão em troca de uma simples estima, esse homem dá-se voluntariamente ao martírio, e sufoca as expansões do orgulho, e o próprio amor da sua dignidade. Bom é que o mundo ao menos ignore quantas amarguras surdas me tem custado essa amizade com que me retribuís. Beijo os ferros, Branca! Nunca me revoltarei contra a frieza das vossas palavras... Haveis de amar-me por compaixão... Tenho ainda um recurso extremo, esta esperança que me deixa ver em que aviltamento o homem está, quando já não pode confiar-se a outra... Venha da compaixão o vosso amor... mas nunca eu seja acusado de exigente na vossa consciência... Dizei, senhora... que lágrimas são essas?... São as da vítima?... É necessário que o algoz as enxugue?

– Não, duque... não sois o meu algoz... Poderíeis ser o altar do sacrifício; mas eu caminho para vós como a mártir da religião para o seio do eterno esposo... Deixai-me chorar... Amanhã começará o meu sorriso, sem fim...

– Branca!...

O duque de Cliton beijou-lhe, pela primeira vez, a mão. O braço estremeceu, e o rubor incendiou-lhe a face, aljofrada de lágrimas, como a rosa branca, ao romper de alva, coberta das bagas trémulas do orvalho. Sem ser maravilha, o duque também corou, e o silêncio do êxtasis sucedia ao beijo audacioso, quando o escudeiro da câmara de Clermont apareceu através dos arbustos.

O duque não esperou ser encontrado. Obedecendo ao olhar significativo de Branca, antecipou-se a saber que ordens trazia. O escudeiro disse que, sem ordem da menina, não se atrevia a chamar o pai... Que estivera muito tempo em observação a ver se acordava; mas cada vez o ouvia ressonar mais alto.

O duque estimou o resultado. Depois do diálogo com a filha, que tinha ele a dizer ao pai? Volveu a procurar Branca, que lhe estendeu a mão em despedida.

– Até logo, Branca... Sabeis que nos devemos hoje reunir?

– Sei... Lavram-se as escrituras...

– Como podeis assim falar, sem comoção?

– Não acho as palavras dignas dela... São de todas as que podem dizer-se, em véspera de noivado, as mais despidas de sentimento... Até logo, duque.

Cheio de uma felicidade, que a consciência, raras vezes ouvida, chamava falsa, o filho do frade de Santarém entrou em sua casa a descansar o espírito da luta de doze horas atribuladas, e encontrou uma carta; era este o seu conteúdo:

«Senhor:

Perguntei aos meus irmãos da França quem seria o amigo íntimo do imperador. Citaram-me o vosso nome. Pedi a definição do vosso carácter. Disseram-me que éreis bom, honrado e compassivo. Sois pois o homem a quem devo recorrer. Conheço-vos de vista: bati-me perto de vós na África, e fui por vós levantado, quase cadáver, às portas de Alexandria. Fomos ambos soldados; éramos ambos coronéis. Talvez se vos não varresse ainda da memória Ernesto Lacroze, coronel de artilharia. Se o conheceis, salvai-o do desterro: se vos esqueceu este nome, esquecido em França, dai ao desconhecido a vossa mão valedora.

Tenho saudades da minha pátria: suplico há dous anos uma licença. Acabo de pedir a minha baixa. Nem uma nem outra. Sou como proscrito. Servindo a França, tive em paga de meus serviços um desterro. Privaram-me de amigos, de irmãos, de mãe e de... tudo que me era mais precioso que esta tardia existência, que as balas respeitam.

Compreendeis a minha situação aos trinta anos? É muito dolorosa.

Valei-me, duque de Cliton! Abri as portas da pátria ao soldado do império, que não vai pedir-lhe galardões, e promete esconder as suas feridas. Restitui-me aos braços de minha velha mãe, que me chama do leito de morte. Fazei que eu possa valer a minhas irmãs que têm honra e fome. Pedi ao imperador que me perdoe como a inimigo, se eu não sou daqueles que o serviram como amigos.

Vosso camarada

Ernesto Lacroze

Alexandria – Julho de 1805.»

O duque tinha os olhos rasos de lágrimas. O amor despertara-lhe toda a sensibilidade pelo infortúnio alheio.

Vestiu o grande uniforme de marechal de campo, e entrou em Saint-Cloud.

O imperador franqueou-lhe pronta audiência.

– Bravo! – exclamou Napoleão. – Folgo de ver-vos em atitude guerreira!

– O soldado que pede pelo soldado apresenta-se de modo que recorde as batalhas em que ambos mereceram a consideração da pátria.

– Excelente! Falai, duque.

– Venho pedir-vos a presença de um camarada que deixei na África.

– Morto?

– Morto para a memória da França; mas vivo para a glória que nos vem da consciência.

– Quem é?

– O coronel Ernesto Lacroze.

Napoleão sorriu-se.

– Dignais-vos responder, imperador?

– Respondo, duque. Dizei ao coronel Ernesto Lacroze que pode recolher à França.

Eu faço expedir as ordens.

– Beijo as mãos de Vossa Majestade...

– Quando casais, duque?

– Lavram-se hoje as escrituras.

– Estais contente?

– Um contentamento de horas, que me não compensa os momentos de amargura.

– São maus auspícios para quem se casa; mas, enquanto a mim, o amor está entre as cortinas do tálamo, desde que os poetas o fizeram fugir do coração com as bombardas métricas. Não descoroçoeis. Começai por Epicuro e acabai por Platão. O amor, desde Luís XIV, que ensinou a rezar a Maintenon, continua a prestar-nos os seus serviços, mas às avessas... Vinde almoçar comigo, duque. A imperatriz está hoje rabugenta, e repartiremos a paciência a meias... Esquecia-me um aviso importante. Proíbo-vos de dizer a alguém que recebestes uma carta de Ernesto Lacroze.

– Não direi nada, senhor.

– A ninguém... entendeis a força do *ninguém*?

- Penso que entendo...
- Nem àquela que vai ser vossa... Nem pronunciar esse nome!
- Se eu ousasse entrar na importância desse segredo...
- Ousaríeis em vão porque não entraríeis... Vamos almoçar...

.....  
 O duque encontrava um segredo horrível nas mais simples cousas! Os presságios de um anjo bom repetiam-se! Os abismos a rodearam-no, e ele cego!... A desgraça conduziu-o pela mão.

Crê-se na predestinação, quando o resvalar no despenhadeiro é rápido, fatídico e irresistível.

O homem pára um pouco a medir a profundidade da queda, e atira-se, como impelido, à atracção que o fascina.

Assaltam-no os temores do perigo, a razão desoprimida respira um momento, a paixão em trevas recua ao clarão do juízo... mas o relâmpago apaga-se, as trevas dobram de espessura, a paixão reage, e a fatalidade triunfa!

Foi assim o duque de Cliton.

As ameaças do visconde impressionaram-no por um instante. E contudo tanta força tinham!

As lágrimas de Branca, choradas sobre o pó das suas esperanças, caíram-lhe no coração. E o coração acolhe-as... sente o doloroso travo delas e esquece-as!

O imperador proíbe-lhe falar em Ernesto Lacroze na presença de Branca. O duque pasma do mistério. Negam-lhe uma explicação. Isto que deveria irritar-lhe a curiosidade ao menos, esquece-lhe uma hora depois que almoçara com Napoleão! Fatalidade ou providência, acaso ou destino, quando deve o homem estremar a desgraça que deve a si da que deve aos outros?

A hora aprazada, o noivo de Branca de Clermont assina com punho firme as escrituras. Entrega-lhe, com o entusiasmo de uma felicidade plena, o anel de noiva. Oferece-lhe, com o temor das almas grandes, o rico presente do estilo, as melhores alfaias de gosto e riqueza, os addresses opulentos que podiam lisonjear uma rainha.

A esposa agradece-os, como agradeceria a um cavalheiro levantar-lhe o leque. Apesar da delicadeza, o fastio denuncia-se em seus gestos. Apesar da compostura artificiosa do rosto pálido, a humidade incessante dos olhos desmente a arte.

Aquele cintilar não é fervor de amante; são lágrimas que vencem o domínio da vontade; é a dor que protesta até ao fim contra a violência.

Em banquete esplêndido todos falam, folgam todos; o chiste das anedotas salta em risos sobre o escarlate de todos os rostos. Mas ela não. Branca é como a moribunda, em redor da qual tripudiam homens embriagados. Nem ele! O duque está melancólico; os seus olhos, fixos em Branca, não encontram os dela; as suas palavras, raras e forçadas, não a fazem acordar do êxtasis.

Enchem-se os salões de Clermont. Os inimigos do duque transigem com o facto e dançam. As mulheres que aborrecem a rival orgulhosa, acham animado o baile e desanimada a noiva. Branca, cingida pela cintura do braço do duque, não palpita de desejos, nem sente o aquecer do sangue, nem o arroubamento do espírito. E a máquina que vai aonde a leva o impulso estranho.

Porque não veste a fronte de uma grinalda de flores? Onde está o jasmim, a violeta, o mirto da coroa de esposada? Que pensamento de fogo calcina aquela fronte nua? Porque lhe descaem as pálpebras amortecidas? Que sorriso sinistro lhe vedes encrespar os lábios, como retraídos para conterem um aí, que lhe vem do coração rasgado?

Vai terminar o festim. Os raios do Sol vêm descorar os lustres de milhares de

vidros. Todas as feições descoram. O palor do cansaço requinta a lindeza de muitas. As flores, requeimadas do hálito de fogo, juncam o chão, e rescendem os últimos átomos de perfume. Branca tira do seio uma camélia desbotada, e oferece-a em despedida ao esposo, que não compreende. Apartam-se. A tristeza vem sentar-se nos coxins do salão deserto. O duque expede ordens sobre ordens para acumular riquezas em Cliton. Branca desafoga em lágrimas a opressão de longas horas.

O filho de Silvina depara casualmente com uma carta, carimbada em Tolosa. Abre-a tremendo, porque receia mais um mistério no conflito de tantos. A assinatura é uma surpresa. *Laura!*

Lê:

«Duque:

Não vos esqueci na minha Tebaida. Peço a Deus por vós, todas as vezes que o exemplo destas virtuosas mulheres me eleva para Deus. Não me sois indiferente. Acabo de saber que associais um anjo à vossa existência. Parabéns, meu querido filho! Não desdenheis este título que o coração vos dá. Esta posse de mãe é muito antiga. O duque de Cliton não se peja de ser hoje o que foi quando era Sebastião. Mandais-me o retrato de vossa esposa? Não vos sobra decerto o tempo para ler cartas de velhas. Quero ser discreta. Se vos mereço uma linha, dirigi-ma ao convento das dominicanas.

Vossa amiga  
Laura.»

O duque envergonhou-se de ter esquecido esta mulher. A carta que lhe escreveu é uma explosão de sinceridade, que o define melhor que as conjecturas do historiador.

Vejamos por ela o que há de inexplicável no coração deste homem:

«Senhora duquesa:

Sois sempre misteriosa. Em Paris ignora-se a vossa nova residência. Dizem que viveis numa quinta; e a vossa carta é escrita num mosteiro! Deve ter sido bem trabalhosa a vossa existência! Não vo-la interrogo, porque me afiz a considerar-vos um mito, um não sei quê fantástico semelhante ao sonho, e terrível talvez na realidade do meu e do vosso passado. Silêncio, pois, se assim importa à ventura de ambos! *Ventura...* disse eu! Qual de nós será o feliz, ou o mais infeliz?...

Dai liberdade ao meu coração para que fale... Pesa-me sobre ele um excesso de vida, que eu imagino um tormento dos que tocam o extremo do gozo.

Uma paixão imensa pelo anjo, que satisfaz todas as ambições de um homem... sinto-a, devoro-me com ela, desejo a vida e a morte, assim nesta vertigem deliciosa e infernal, suave e frenética...

Tenho um pressentimento, duquesa! Vou ser desgraçado! Como e porquê? Não sei. Deste amor deve morrer-se. O declinar deve ser sobre um túmulo. Tive-a ainda há pouco nos braços... Voava com ela numa sala. Tudo era vida e luz a irradiar-nos... E eu tive ali, no relance de alguns segundos, uma visão atroz. Branca afigurou-se-me um cadáver! Vi-lhe cor de chumbo os lábios. Senti-a esfriar entre os meus braços... Ouvi-lhe a última

palpitação do seio, e o aroma do nardo, que perfumava a sala, mudou-se no odor funéreo dos brandões de um esquife!

O que eu senti!... Que pungente convicção da realidade que me espera!

E a visão fugiu-me? Maldita seja! Mas eu estou triste, e não sei divertir a imaginação daquele quadro! parece que ouço o dobre final da minha ventura. Vejo, pelo prisma da morte, a mulher que amo com delírio.

Não me ama! Isto é infernal de dizer-se. Ligo-me à mulher *que me não ama!* Sou um vil! Mas tenho a escolher entre ela e morrer. Primeiro foi orgulho: depois amor; hoje paixão, demência, frenesi, misto de ânsias suaves e enfurecidas... Quero penetrar o futuro... tudo trevas! Como posso eu ser desgraçado? Pela desonra? não! Pela indiferença dela? E impossível! Há-de amar-me... este fogo comunica-se... Futuro! tu que és? .....

.....

Não encontramos no *Livro Negro* o resto da carta. Essas palavras, porém, são a página de um dia, e esse dia é o padrão levantado a meio caminho do filho de Fr. Baltasar da Encarnação.

## XXII

Branca de Clermont é duquesa de Cliton. Vem saindo o préstito nupcial de Nossa Senhora de Paris. Velha e nova fidalguia rivaliza em magnificência para o esplendor do acto. O imperador levou após si os representantes da velha França, reconciliados com os representantes da ideia nova, máscara que o despotismo afivela sempre.

Na noite desse dia, há baile em Saint-Cloud, para celebrar o abraço de duas vergôntes ilustres.

A alegria é contagiosa: querem todos quinhoar do contentamento dos noivos; mas os noivos parecem tristes! A duquesa recebe com graça as felicitações de amigas e inimigas; mas esse sorriso afável é sem alma, sem calor, sem entusiasmo, frio como o coração, e sombrio como a lividez do rosto.

O duque aceita os abraços importunos da etiqueta; mas aceita como o dorido recebe na sala escura do esquife o abraço de pêsames, e a palavra banal da consolação.

– Que excentricidade! – murmurou um.

– Quem nos explicará o segredo deste casamento de duas larvas que se olham espavoridas?

– O tempo...

– Foram encontrá-la chorando com a imperatriz.

– E ele passeava nos jardins, atirando com as melenas para as costas, e rugindo suspiros cavernosos.

– Afiançaram-me que Branca desmaiara, quando lhe puseram à força a grinalda de rosas brancas.

– Há quem diga que o duque de Cliton, à vista do estranho sucesso, entrara com Ricardo de Clermont em conferência muito secreta...

– E tão secreta que não sabes nada, marquês.

– Tenho o desgosto de te dizer que não. A minha espionagem não pôde introduzir o nariz no orifício da chave.

– Por consequência, não sabemos nada positivo... Ela ai vem pelo braço dele... Não ergue os olhos das franjas de ouro do vestido.

– A cauda do vestido é cor de laranja! Faz-me lembrar um cometa funesto!... – disse a viscondessa de Alençon.

– Vão retirar-se! – veio, pressuroso, anunciar um cavalheiro.

– Segue-se que a impaciência os rala... – disse o marquês.

– E está, portanto, explicada a melancolia... – continuou, sorrindo maliciosamente, a viscondessa.

.....

Algumas horas depois, convergiam numerosas carruagens para o palácio do duque, e entraram em linha na retaguarda de um trem esplêndido. Neste, entraram a imperatriz e a duquesa de Cliton; em outra o imperador e o duque. Os vivos urraram de todos os ângulos. Nuvens de flores choviam das janelas povoadas. As músicas, estancando nas praças principais, saudavam o imperador com os seus variados hinos. Os tambores dos quartéis rufavam ao grito da sentinela. O estrondo acordava os ecos e arrepiava as carnes. Quem parecia dormir era Branca, encostada ao ombro da viúva de Beauharnais. Quem parecia um rei destronado, perseguido pela vozearia insultuosa da população, era o filho de Silvina, com os olhos cravados nas almofadas em que assentava os pés.

A uma légua de Paris, os noivos entraram num trem de viagem. Ricardo de Clermont entrou em outro com o secretário. Um esquadrão de cavalaria, mordomos e

capelães, escudeiros e lacaios, afora as carroças com as aias da duquesa, formaram um novo cortejo. Viram lágrimas, quando Branca apeou, na face da imperatriz. Napoleão, abraçando num terno adeus o duque, não pudera esconder a comoção. As rugas extemporâneas daquele aspecto austero profundaram-se. Saudade, remorso ou compaixão, era um desses três, senão todos, o sentimento que o entristecia.

– Que te disse a duquesa? – perguntou Napoleão à imperatriz.

– Quase nada... chorou sempre.

– Esse *quase nada* que foi?

– Disse que dava um adeus a Paris, e citou o adeus de Maria Stuart, quando foi para a Escócia.

– Que disse do duque?

– Lamentava-o... Daria toda a sua existência se pudesse convertê-la num dia de prazer a seu marido.

– Queixou-se de alguém?

– De ninguém.

– Teve contigo alguma franqueza do seu passado?

– Nenhuma. Perguntei-lhe se amava o duque... respondeu-me chorando. Quando se despediu pronunciou palavras que me arrancaram estas lágrimas que não posso conter...

– Que disse?

– «Ver-nos-emos no seio de Deus.» E o duque pareceu-te feliz?

– Não. Compadeci-me dele. Também me comoveu o seu adeus... «Imperador, abraçai um homem que honrastes tanto no primeiro dia da sua eterna desgraça...» E um terror pânico... Hei-de afastar dele os espectros...

Estas últimas palavras não as ouviu Josefina. Eram ditas ao seu confidente leal – a consciência.

Minutos depois, uma ordem confidencial era enviada ao general de operações no Egipto. Recomendava-se-lhe toda a vigilância sobre Ernesto Lacroze. Ao mesmo tempo, dous decretos honrosos se publicavam; um promovia-o a marechal de campo, outro prestacionava sua família, durante a ausência de Lacroze, com seis mil francos anuais.

## XXIII

Digamos um adeus a Paris.

Eu, que vos denuncio uma grande desgraça, e vós, leitores, que a viestes adivinhando a cada linha que vos deu o prólogo do lance capital do *Livro Negro*, paremos em frente desse palácio, onde trinta e oito anos depois encontrastes D. Pedro da Silva, e a lastimável amante de Alberto de Magalhães.

Aí vivem dous entes, casados há três meses. Mas o aspecto do edifício é triste como nunca! Aquelas janelas donde os velhos dizem que antigamente os senhores de Montfort faziam sair reflexos de mil luzes e harmonias deliciosas, em noites de Estio, nunca mais se abriram. Naquela alameda, que conduz ao portão, não escarvam os ferosos cavalos, não latem os lebréus ao som do búzio, não se aprestam damas e cavalheiros para as caçadas folgazãs da lebre e do coelho.

Reina, em redor daquele vasto túmulo, o silêncio da morte. Os arvoredos gemem à noite uma toada melancólica. A coruja faz o seu ninho nas cornijas da capela. O guincho do mocho repercute-se nas quebradas da montanha fronteira. Um raro lampejar de luz perpassa de um a outro ponto, por detrás dos vidros baços das janelas.

O passageiro, maravilhado ante a grandeza do edifício, pára, medita, se o coração lhe propende a coisas tristes, absorve-se em contemplação vaga, se a poesia o dotou das suas melancólicas abstracções, e pergunta ao camponês:

– De quem é aquele palácio?

– Do duque de Cliton.

– Está abandonado?

– Não. Vive ali.

– Só e triste?

– Só, não, que há três meses entrou para ali com sua mulher. Triste... não sei.

– Pois vivem ali esposados de três meses?!

– Vivem... se vivem. O que possa dizer-vos é que a duquesa tinha uma face celeste. Vimo-la entrar nesta terra: tinha a brancura das imagens que se adoram na igreja; mas, para ser em tudo como elas, olhava para a gente com certa tristeza, que faz doer o coração dos estranhos.

– E depois, nunca mais os vistes?

– Raras vezes: uma vez, perto da noite, passeando sozinha entre os arvoredos do jardim; outra vez, no ângulo daquele castelo velho, debruçada sobre os fossos. Parecia um fantasma: era de manhã, mal se via ainda.

– E o duque?

– Esse ninguém o vê; mas sei que vive lá. Passeia constantemente numa sala, e desce à noite ao jardim a colher flores, que dá à senhora duquesa.

– Ninguém o visita?

– Ninguém, excepto o visconde de Armagnac, que vive além naquele outro palácio.

E o passageiro seguia seu caminho, lançando para lá um olhar de melancólica simpatia.

Que vida era pois aquela? A hora que estes homens falavam, que faz o duque de Cliton?

Branca de Clermont está sentada num sofá, dispondo, em rigorosa simetria, as flores do Inverno em jarras de ouro.

Em frente cintila um vivo lume do fogão abandonado.

A claridade do dia penetra a custo entre as frestas das portadas interiores das



janelas. O clarão, que derrama no recinto uma luz azulada, é mais da lavareda que do dia.

Uma criada, silenciosa e sombria como um fantasma, depõe sobre uma mesa um tabuleiro, com aparelho de chá, e retira-se.

Logo depois, entra o duque de Cliton. Senta-se a mesa, em que foi pousado o tabuleiro. Prepara uma chávena de chá, que oferece a sua mulher. Branca, sorrindo com doce agrado, recebe a chávena; e, por um gesto, recusa tomar um doce da bandeja.

Correm alguns minutos, sem troca de uma palavra. O duque encontra frequentes vezes o brando olhar de Branca. Demoram-se, contemplando-se. Descaem ao mesmo tempo as vistas, que a violência sustentara fixas, e turvam-se de lágrimas os olhos de ambos.

Branca depõe a chávena. Pende um pouco sobre a almofada do sofá, e recusa a segunda chávena que lhe oferecem.

– Não posso, meu amigo... – murmurou ela.

– Que sentes, Branca?

– Um desfalecimento... uma sensação desagradável, como todas as vezes que me esforço por tomar qualquer alimento... Bem sabes que não tem consequências este incómodo...

– Se quisesses dar na sala um passeio curto...

– Pois sim, passemos... Estivesse lindo o dia, e daríamos um passeio no jardim...

Há mais de um mês que não sai desta sala e do meu quarto.

– Tanto tenho instado contigo...

– Se eu pudesse!... Bem vêes que não posso... Nem tu, meu amigo... A tua saúde não é melhor que a minha... Era tão bom se Deus nos desse o sabor da vida... a ânsia de gozar!... Perdemos o que se chama *viver*...

– Mas a esperança, não.

– Sempre a esperança nos teus lábios, duque!... Tem-la, porventura, no coração?

– Tenho...

– Não te iludas... infeliz!... Essa esperança matei-a eu... És minha vítima...

– Fosse-o eu até à morte, e acabaria contente! Não és tu para mim tudo o que prometeste ser? És minha amiga... Não tenho ambições maiores...

– Inútil amiga, que te não vale aos teus sofrimentos... Cruel inimiga, que tos agrava, não podendo esconder os seus!... Deus do céu, porque me não ouves?

– Que pedes a Deus, Branca?

– Uma morte próxima, ou outro coração, digno de ti...

– Sê feliz com o coração que tens... Queixei-me eu, Branca?

– Não... mas o teu silêncio é o meu martírio!... Como és tu! Fazei um milagre, meu Deus!... Sentemo-nos, duque... Não tenho forças...

– Pois sim... mas não falemos em coração nem amor...

– Em que poderemos nós falar? Nunca tive tanto desejo de falar muito... Temos vivido sozinhos três meses, e tão pouco temos dito! O teu amigo, o nosso amigo visconde vem aqui tão raras vezes!... O sofrimento repele... ninguém atura desgraçados... E tu não queres viver de outra maneira! Tenho-te pedido que vás a Paris, que folgues, que viajes, que vivas... Não queres... Pois deveras aceitar o conselho de uma amiga... Eu exultaria, se me dissessem que a alegria te acompanhava longe de mim... Porque não vais?

– Aonde, que a desgraça não me acompanhe?

– Tens razão... dizes bem. Convenci-me de que a Providência me mandou ser o instrumento do teu infortúnio. Se me quiseses fugir, não fugirás. A letra do destino é inexorável... há-de cumprir-se... Tem de ser... Não to disse eu?

- Que me disseste, Branca?
- Mal me recordo já... Penso que te disse que a minha amizade, sozinha, sem o coração, não te faria feliz.
- Sou feliz... sem o teu coração...
- Se o fosses... se me dissesse «bastam-me os teus extremos de irmã», salvavas-me!
- Salvava-te? Pois crê-me, Branca, convence-me de que te salvei, jurando-te que me basta a tua amizade.
- Convencer-te... como?
- Ressuscitando desta morte de três meses... aparentando ao menos uma felicidade que me iluda a mim e seja invejada dos outros.
- Pois, sim... pois, sim!... – exclamou ela com exaltação – convence-me tu de que... Oh, meu Deus! – tornou ela em súbito desalento – tudo isto é uma ilusão!... E irresistível o infortúnio... Não podemos nada... duque!... Que serei eu aos olhos da tua alma?...
- Um anjo...
- Essa palavra é mais pungente que uma ironia... um anjo que te dilacera... Anjo és tu, meu bom amigo, que não tiveste ainda uma queixa contra o teu algoz, uma palavra amargurada desse imenso fel que tens aceitado das minhas mãos... Anjo és tu, que nem ao menos me perguntaste o que me reduziu a isto que sou.
- Não devo fazê-lo...
- Porquê?
- Esse interesse seria para ti uma afronta... Proibiste-me de senti-lo pelo teu passado... Disseste-me que eu não devia importar-me com a tua existência anterior ao dia em que teu pai me convidou a ser teu esposo...
- Disse? Desdigo-me hoje... Não me perguntes nada, que eu tudo te direi... e seja já... Esta coragem que sinto é providencial... não a desprezarei... Queres ouvir-me? Olha... eu fui uma mulher frívola como todas as outras, risonha para todas as folias, sôfrega com todos os prazeres... Fui feliz... Tinha vinte e dois anos, e o meu coração, inacessível, trasbordava de vida. Ambicionava um grande amor; tinha também o meu sonho; idealizava a imagem de um homem... e esse homem... encontrei-o. Não sei como este amor nasceu... não sei como ele morrerá... Amei muito, meu irmão... Amei muito esse infeliz...
- Infeliz?! porquê?
- Morreu...
- Amado. Infeliz, não!
- Amado, sim; mas, por minha causa, arrastado, violentado a arriscar-se na guerra, e talvez morto traiçoeiramente pelos seus próprios irmãos.
- Quem era?
- Um homem sem nome... Que importa nomear-to? Um soldado, com uma alma de quem a tinha para mandá-la sem mancha à presença de Deus...
- Como soubeste a sua morte?
- Uma carta, escrita uma hora antes de expirar...
- Onde?
- No cerco de Alexandria.
- Devo conhecer esse homem, porque eu assisti ao cerco.
- Já disse que não tinha nome; e, se na morte o adquirisse, não to diria... Quero que ele morresse para todos como para mim.
- Como sabes que esse homem foi arrastado para longe de ti? Quem o arrastou?
- Meu pai, com a sua influência.

– Teu pai...

– Não to disse ele?

– Nunca.

– Fez mal... Que eu me calasse... tenho uma desculpa nobre; mas ele... que te dava uma filha que devia ser a companheira de uma vida longa, a confidente do teu coração identificado ao dela... dar-te assim uma mulher, que ele vira morrer de saudades, e ressuscitar para o martírio... enganaram-te vilmente, duque!

– Não acuso teu pai... A Providência mandou-o... Sofreste muito, não é assim?

– O inferno, a desesperação, a demência! Sempre a minha saudade tormentosa! a mesma força todos os dias, a mesma imagem com os traços ensanguentados do moribundo... Quem poderia levantar esta mulher? Nem tu!

– Ninguém!... Se me tivesses contado essa história...

– Conteí-ta, duque...

– Devia adivinhá-la nas tuas lágrimas... Contudo, se ma contasses...

– Não serias hoje meu esposo.

– Era... teu irmão! Amava-te como te amo. Adorava-te como mártir...

– Meu querido amigo!

A duquesa lançou-se ao pescoço de seu marido, que a beijou na face.

– Choras, Branca?

– De gratidão a Deus e a ti... Vejo que posso ainda ser feliz! Acolhes bem as minhas lágrimas! És o único que me não injuria por eu ter amado um homem sem nome... Tu! meu marido, que se não envergonha de encontrar sem vida o coração que eu dei a esse homem! Como pode ser-se o que tu és para mim?... Sinto-me com muita vida... Oh! como é grato respirar assim! Ouvir-me-ia Deus?! O que eu sinto! Poderei... amar-te?

O sangue refluía à face de Branca. A exclamação veemente que lhe estremecia nos lábios abrasados poderia reputar-se demência. O duque pasmava os olhos absortos nela. Pouco a pouco, as forças que a vibravam sentiu-as ele gradualmente enfraquecer. O carmim desmaiou em súbito mármore. Os olhos esgazeados afundaram-se nas orbitas orladas de roxo.

A duquesa colava os lábios na mão de seu marido, que lhe afastava da face as tranças húmidas de suor.

Na mente do duque raiou ideia terrível... Vencendo o abalo que lhe sacudia o peito em ânsias convulsivas, perguntou:

– Tens a certeza de que esse homem é morto?

– Tenho-a...

– Dada por quem?

– Uma carta sua, escrita por mão estranha, mas ditada por ele, horas antes da morte... já to disse... era um adeus... até à eternidade...

– Ouvirás com indiferença um nome que vou pronunciar-te?... *Ernesto de Lacroze*...

– Meu Deus! – exclamou Branca, pendendo a face nas mãos erguidas, em gesto suplicante. – E esse o nome... Conheceste-o, duque?

– Devia conhecê-lo; mal me recordo da pessoa...

– Viste-o morrer?

– Esse homem não morreu.

– Santo Deus!... Isto é um sonho! Lacroze não morreu?... Que nova existência é esta que me dás, meu amigo!... Tens a certeza de que ele vive?

– Vivia há menos de quatro meses... Tenho uma carta dele, datada em Alexandria.

– Tu!... uma carta! para quê?

– Pedia a minha protecção para voltar à pátria, visto que o desterraram. Deve estar hoje em França.

– Pois bem... – murmurou com serenidade a duquesa. – Não fiz a desgraça desse homem... Vive!... não pesa sobre mim a acusação da sua morte... Desde este instante, o meu mundo é outro, duque... Arrancaste-me do coração o espinho... Pode ser que ele se erga do seu abatimento... Posso ainda ser feliz, se tudo o que se passa não é o delírio de uma febre... Não me cabe a vida no peito!... Lacroze vivia, sem me dizer que vivia!... Esse esquecimento salvou-o a ele... e salva-me hoje a mim... Exagerei os meus sofrimentos... Não devia sofrer tanto... Remiu-me do meu juramento, e ser-lhe-á indiferente a notícia do meu destino... Ainda bem!... que triste semblante o teu, meu caro irmão!... Há uma cousa sinistra nos teus olhos!... Arrependes-te do que me disseste?

– Não... E compaixão...

– De mim?

– De mim, Branca... Envileceu-me o amor, é preciso ser herói na desgraça... Mais nada... Não vês que me humilhas?... Só a ingratidão de Lacroze, não te escrevendo, pôde salvar-te! É horrível a franqueza!... Eu nada pude!...

– Pois que disse eu, meu Deus!... perdoa-me, duque! Piedade para o infortúnio, meu querido amigo! Faz-me boa e nobre, se tenho sido perversa e vil! Ensina-me a ser digna de ti com generosidade... Acusa o destino... não me condenes a mim .....

.....  
E, se, três meses depois, o passageiro desse dia aí tornasse, perguntaria ao aldeão:

– Vive-se em Cliton como há três meses?

– Não, senhor. Já se vêem luzes naquela casa. Já os titulares de Angoulême visitam o senhor duque. A formosa duquesa passeia risonha com seu marido. Mas ele, cada vez mais acabado, só tem sorrisos para ela. Quando passeia só, nem vê a gente que o corteja. Embrenha-se por essas florestas, e deixa folgar os amigos nas suas salas. Enquanto a ela, parece outra. Vem dar esmola aos pobres, e gosta muito das criancinhas dos fazendeiros. Como em breve será mãe, já vai sentindo com os filhos alheios uma sombra de ternura que terá pelo seu! No dia do baptizado, dizem que há grande festa em Cliton, e nos seus arredores. As nossas camponesas querem fazer arcos de flores e prometeram uma novena a sete Senhoras, se ela for menina.

– Muito me contaís! E não sabeis como essa mudança se fez?

– Isso agora... está lá em cima quem lê nos corações. A verdade é esta...

## XXIV

Eram, pois, felizes?

Eis aqui uma pergunta que o leitor nos faz. Não lhe responderemos como o camponês, apontando o céu, enquanto o *Livro Negro* nos elucidar cousas cá da terra, em que Deus, por honra sua, não se intromete.

Será Sebastião de Melo, sucessor do duque de Cliton, e antecessor de padre Dinis, quem nos responda. É uma página textual do *Livro Negro*:

«A expansiva confissão de Branca aniquilou-me a desanimada esperança que pus em seu coração, no correr dos anos.

Lí o impossível no seu delírio por um homem morto. Achei-me esmagado pelos pés dessa imagem, eternamente erguida entre mim e ela.

Desde esse momento, o imaginário cadáver do amante de Branca falou-me em sonhos, comprimiu-me o coração, e despertava-me, pesando-me no peito.

Verdadeiramente desgraçado! Recebi como expiação da violência que lhe impus a ela, desprezando as suas lágrimas generosas, os tormentos surdos, que atraícoei com sorrisos na sua presença.

Branca transformou-se. Era outra. Choraria solitária; mas, diante de mim, revelava a serenidade da alma e a ternura de uma boa esposa.

Mas os seus carinhos afiguravam-se-me um artifício; e eu, envergonhado de mim próprio, evitava-os, sem magoá-la.

Se ela me dissesse então que sentia abrasar-se de amor por mim, não lhe ouviria sem desprezo esse favor.

Nunca a interroguei, nem ela me animou a isso.

Procurei de propósito a concorrência a minha casa. Tinha hóspedes de dia e de noite, porque me atormentava estar só com Branca.

Estes hóspedes insultavam inocentemente a minha dor, e eu fugia-lhes, para chorar, e, chorando, adquiria forças para sustentar a máscara.

Deus condeu-se de mim, e deu-me instantes de felicidade, quando beijei minha filha Elisa.

Porque eu disse no fundo da minha alma: “Farei que este coração seja meu!”»

## XXV

Nascera Elisa.

Foram reais as festas do baptizado. O programa, delineado pelo camponês, realizara-se com todas as singelas opulências da tradição patriarcal. As aldeias circunvizinhas vieram à festa com as suas pastoras, toucadas de flores, com as suas violas enramalhadas, com os seus arcos de festões da acácia e amoreira, com as suas bandeiras de fitas variegadas, que no descer das montanhas, simulavam, desfraldadas ao vento, as mil flâmulas de uma frota real.

De Paris, viera um emissário de Napoleão assistir ao baptizado, como padrinho. No livro do baptismo, inscreveu-se Elisa de Montfort, duquesa de Cliton, por especial mercê de seu padrinho.

Das cidades vizinhas, vieram categorias de primeira plana celebrar o acto. Angoulême, principalmente, contribuiu com os seus ornamentos para decorar os festivais salões de Cliton.

Branca ouviria apenas um remoto ruído do festim. À sua câmara era apenas concedida a entrada ao arcebispo, às damas, e ao médico inseparável.

Diziam-lhe que a maior parte da nobreza, de vinte léguas em redor, por não caber nas salas, ocupava os átrios, onde os camponeses, espontaneamente, improvisaram pavimentos de flores.

Deixemo-la, estremecendo de melindroso susto a cada vagido que a criancinha solta. Vamos às salas, onde doideja o júbilo. Vejamos essas mulheres que não viram as de Paris, e enlanguescem apaixonadas como elas. E, se as mulheres nos não prendem a atenção rebelde, paremos ao pé destes três homens que conversam.

Um é o nosso já conhecido visconde de Armagnac. Outro é o marquês de Soutenville, de Angoulême. O terceiro... algum dos outros nos dirá quem é.

– Mas caro visconde – diz o marquês –, tenho a honra de apresentar-te o cavalheiro Luís La Pont d’Auvergne, oriundo de uma ilustre família de Picardia. Viaja no seu país como bom patriota, depois de ter percorrido a Europa, a Ásia e a maior parte da África Ocidental. É meu hóspede há quinze dias, e não o quis deixar sair do nosso departamento sem conhecer o duque de Cliton, e o primor das festas reais que esta casa nos dá... Deve ter visto festas mais brilhantes; mas não há-de, por isso, baratear a nossa...

– Decerto, não... – atalhou d’Auvergne. – Em raras cortes, hei visto mais luzimento, mais propriedade e mais fervor de entusiasmo.

– Deveis ter começado cedo as vossas viagens, para tão novo poder abranger tanto mundo? – perguntou o visconde.

– Comecei de dezoito anos, e tenho trinta.

– Fazia-vos quarenta, cavalheiro.

– Não vos contrario a conjectura... senhor visconde. Todos me dão essa idade.

– O vosso bigode tem cabelos brancos.

– E a minha cabeça tem poucos negros. Os que vós não vedes, cavalheiro, são os cabelos da alma. A vossa fisiologia decerto reprova uma alma com cabelos mas não me reputéis por isso materialista da escola voltairiana. Muitas vezes imaginei que as pupilas dos meus olhos recuavam nos nervos ópticos, subiam ou desciam aonde quer que o espírito existe, e viam lá o rápido branquear dos cabelos da alma. Isto que vos digo aqui, sorrindo, custava-me então lágrimas... Desculpai, senhores... eu esquecia-me que estamos em um sarau, onde as belas damas fazem esquecer o que foi, e os atenciosos

cavalheiros, como vós, indemnizam bem as amarguras passadas de um forasteiro que acolheis tão hospitaleiramente...

Chegava o duque de Cliton, e perguntou ao hóspede de Picardia:

– Senhor de Auvergne, não entrais no número dos mancebos que vêm aos bailes por servir caprichos de damas? Não vos vejo dançar!

– Não danço, senhor duque, a não mandardes o contrario. Enquanto às damas, tão bem servidas as vejo dos seus cavalheiros, que seria importuná-las aumentar um servo bisonho num serviço tão melindroso, e que requer muita experiência e arte. As viagens muito aturadas, senhor duque de Cliton, encham a cabeça de ciência, mas desgastam a polidez do coração... As vossas damas, se eu as molestasse com impertinências de elegante recém-vindo, rir-se-iam dos meus cabelos brancos; e, quando eu lhes dissesse que tinha trinta anos, pedir-me-iam a certidão de idade.

– Responder-lhes-íeis com o brilho dos vossos olhos, cavalheiro.

– É o brilhar do pedaço de velho cristal, que a ponta do pé afasta do caminho para que os passageiros se não firam.

– Mas as vossas palavras ser-lhes-iam testemunhas de um coração juvenil.

– Não lisonjeeis um velho, senhor duque. Vejo que quereis levar a benevolência da hospedagem ate a lisonja... Sois um consumado cavalheiro...

– Capaz ao menos de avaliar-vos como outro que não desconhece os mais pequenos acessórios de uma fina delicadeza, e prende o interesse daqueles que vos oferecem a mão de um amigo.

– Mão, que eu não aceito nunca, senhor duque.

– Não aceitais? Assim vos têm sido ingratos todos?

– Não conheci nenhum: e já agora é tarde para experimentá-los. Sai de França aos dezoito anos. Em doze anos de viagem, não tive tempo de contrair amizades. Alguma que deixei, não a encontrei, voltando. Órfão, e só, só morrerei, para não deixar órfãos da minha amizade os que me sobreviverem. Já vedes que a minha recusa é um misto de egoísmo e de amor do próximo. Casam-se duas ideias repugnantes... Há destes fenómenos...

– Há desses fenómenos, senhor de Auvergne... Eu sei que os há... – atalhou o duque, passando de repente a uma das suas frequentes abstracções.

– Demorais-vos em Angoulême? – perguntou o visconde.

– Alguns dias ou algumas horas. Nunca tenho programa, porque amanheço um homem diverso em cada dia.

– Hei-de impor-lhe com severidade o preceito de se não retirar tão cedo – disse o marquês.

– E, se conseguires domesticá-lo à tua vontade, consentirás, marquês, que o cavalheiro de Auvergne venha passar alguns dias na minha quinta?

– Consinto; e vós, senhor de Auvergne, confirmais o meu consentimento?

– São honrosas para mim as vossas ordens; se me sacrificar, a honra custa sacrifícios...

– Irei gozar a vossa companhia, senhor visconde.

– É pena – tornou o marquês – que não possais cumprimentar a senhora duquesa. Conheceríeis um anjo, uma perfeição de espírito e de matéria, um composto de seduções da alma e primores do corpo.

– Pintais a senhora duquesa de um modo tão sedutor que me principio a lamentar de a não conhecer. Conhecendo, porém, seu marido, digo que ele é digno dessa senhora.

– Tereis ocasião de conhecê-la quando vierdes passar alguns dias aborrecidos comigo. Será ela o talismã que vos prenda algumas horas a estas montanhas, onde o homem vive correndo veados.

– E corças... – atalhou, sorrindo, o marquês – que se deixam pilhar facilmente pelos galgos da tua destreza, meu caro visconde.

– Ainda assim por cá é necessário corrê-las; mas tu, em Angoulême, costumavas tê-las em jaulas, aonde entras em *robe de chambre*, sem o incómodo de vestir as botas venatórias, e puxar do peito pela trompa...

Os remoques, mais ou menos sensabores, duraram pouco. D’Auvergne sorria a eles, por delicadeza, e espreitava a ocasião propícia de furtar-se aos importunos, que o apresentavam a cada cavalheiro que se aproximava.

Afastado do grupo, a título de tomar um copo de água, escoou-se entre as multidões, e perdeu-se nas *devesas* do jardim, até ao mais sombrio, onde os reflexos das lâmpadas pênseis já não chegavam.

Julgava-se só. Mergulhou a vista nas profundas trevas da montanha fronteira, e cruzou os braços. Era alta a sua respiração, como a do asmático em aflições de asfixia. Corria pela testa a mão ardente, e retirava a mão como queimada do fogo que lhe calcinava as fontes.

Ouviu passos. Viu um vulto a caminhar para ele. Encarou-o com indiferença, e o vulto passou ao seu lado como se o não visse ou imaginasse ali uma estátua.

É que o não vira. D’Auvergne, impressionado desta aparição meio fantástica, involuntariamente deu um sinal e vida, fazendo fremir a folhagem debaixo dos seus pés.

O duque de Cliton voltou-se, surpreendido, e deu alguns passos para o vulto:

– Quem sois, cavalheiro?

– O vosso hóspede, senhor duque de Cliton.

– Quem suporia encontrar-vos aqui? Assim fugis das salas?

– E vós, o dono delas, o rei deste festim, sem ser o dos festins da Babilónia, também fugis?

– Precisava de ar...

– Também eu vim respirar...

– Amarguras?... forçosamente...

– E o pior é que se aspiram novas quando a gente pensa que as exala...

– Somos, pois, os únicos que precisamos fugir de uma sala de prazeres e luz, para melhorar o coração na escuridade de uma floresta... Parece que o infortúnio nos trouxe aqui para nos abraçar, pela simpatia do sofrimento... Vinde, cavalheiro...

– Vamos, senhor duque, se vos apraz.

– Porque não vindes aqui passar alguns dias?

– Tenho um convite do vosso vizinho visconde... Conviveremos todos...

– A duquesa estará então em circunstâncias de reunir connosco algumas das suas amigas de Angoulême...

– Terei a felicidade de receber a honra do seu conhecimento...

– Se os médicos lhe não proibissem a conversação, apresentar-vos-ia.

– Penhora-me a distinção, senhor.

– Vejo que tendes passado uma triste noite.

– Triste, senhor duque, e desculpai-me a rudeza de esta verdade... eu não sei o que é prazer. E vós sois feliz?

– Não vedes o que sou? Pode-se presidir a estas funções sem coração para elas? O desgraçado isola-se do tumulto, não o chama a sua casa.

– Sois contraditório, senhor duque. Ainda agora vos vi surgir das trevas como só quatro homens surgem assim: o assassino, o amante, o desgraçado e o ladrão. E vós... desgraçado, não... então alguma infidelidade à senhora duquesa... – disse d’Auvergne, sorrindo, com afectada amabilidade.

O duque também sorriu.



Estavam nas salas e separaram-se. Ao romper de alva o cavalheiro viajante, a par do marquês de Alençon, seguia caminho de Angoulême.

O duque revia-se nas faces de Elisa, que humedecia com lágrimas de prazer.

A duquesa dormia serena o sono da manhã. E o visconde de Armagnac, ao pé do seu amigo, falava das excêntricas ideias do cavalheiro da Picardia. Dizia simpatizar com aquele selvagem, e desejava estudar um tipo original, que fazia grande impressão entre as trivialíssimas mulheres de Paris.

Dito isto, que o duque ingenuamente não ouviu, porque embalava a filha nos braços, adormeceu o mais vulgarmente que se pode numa cadeira voltairiana, visto que a casa do duque era, com excepção de poucas horas, a sua habitual residência.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*